

que troncos, ramos, bambus, cortiças, esteiras se enterlaçam e amontoam, tudo movel, vacillante, escorregadio, deixando abertos espaços largos, parecendo bocças immensas capazes de engulir um homem e preparando por toda a parte precipícios, necessitando-se uma grande destreza e equilibrio para andar pelo meio de taes abysmos.

É bom que se não julgue que cada um d'estes quartos, que se alinham dos dois lados do corredor, tem um destino particular para o serviço de cada familia; não, as necessidades do papu não são multiplas. Qualquer d'estas casas é ella só uma pequena aldeia, uma pequena colonia e cada quarto é occupado por uma familia distincta, comprehendendo pae, mãe e filhos. Todavia a casa pertence, nominalmente pelo menos, a um individuo que se poderá chamar chefe de familia, *pater familias* e todos que a habitam, dez, vinte, trinta e mesmo cincoenta, são seus parentes, seus amigos e seus escravos. Estes ultimos contribuíram todos para a construcção do edificio visto que vivem em commum, ligados uns aos outros pelos mesmos interesses, pelas mesmas necessidades e pela mesma lucta pela vida. Só os rapazes que tenham attingido a nubilidadade são excluidos da casa e nós veremos logo a razão porque e como, quando fallar dos costumes e da religião dos papus.

A mobilia é ainda mais primitiva; as cadeiras e as mezas são-lhes desconhecidas: mesmo quando ha um assento qualquer os papus acocoram-se apoiando-se sobre os calcanhares. Duas ou tres taboas talhadas n'um tronco com uma machada e cobertas com uma esteira são o seu leito; uma grade de bambus coberta com uma camada de terra serve-lhe de lar; os alimentos, quando não são crus, são quasi sempre assados debaixo da cinza ou grelhados. Os potes de barro, posto que se fabriquem em Dorey, são um luxo raro. Compridos e grossos bambus interiormente perfurados servem de depositos para a agoa; se ajuntarmos alguns saccos feitos de esparto, arpêos, arcos, flechas, lanças teremos a lista completa da mobilia papu.

Que abysmo entre o homem que vive como um animal n'este estado de barbaria e o homem civilisado que em todas as funcções da vida animal procura um goso para o seu espirito! Se não fôra a palavra e uma perfectibilidade relativa, o homem selvagem teria mais semelhança com o animal, do que com o homem civilisado.

Os papus são de bella estatura e mais altos

que os malaios, têm os braços e as pernas um pouco secas, o rosto oval, as maçãs da face prominentes, a testa pouco espaçosa, os olhos sem obliquidade, o nariz aquilino (differindo n'isso essencialmente dos malaios que o tem achatado.)

Salvo raras excepções, os labios são mais ou menos espessos; o conjuncto do rosto não apresenta signal algum de prognatismo; a côr da pelle varia entre os numeros 27, 28, 29 e 30 do quadro chromatico da Sociedade de anthropologia, isto é entre o pardo escuro e o amarello côr de canella com cambiantes levemente avermelhados. As côres claras são raras e só se encontram nas mulheres.

Os cabellos são muito variaveis nas differentes tribus; mas sempre pretos retintos e lanosos; a barba é pouco abundante, mas raras vezes ha completa carencia d'ella, posto que não se desenvolva antes das edades avançadas.

Nas mulheres uma espessa camada de porcaria, excoriações, vestigios repellentes d'enfermidades cutaneas, resultado d'alimentação má e insufficiente, torna-as pouco seductoras. Raras vezes agradaveis na adolescencia e cedo disformes pela maternidade precoce e trabalhos pesados depressa se tornam d'uma fealdade repellente. O seu trajar é o mais primitivo que ser pode. O que lhes serve para cobrir os órgãos genitais nem é um tecido, nem a pelle d'um animal: é uma casca d'uma certa especie de figueira cortida e preparada depois de ter sido molhada e por muito tempo batida com um masso de pau. A côr é um amarello cru e com effeito pela consistencia, elasticidade e apparencia aproxima-se tanto do papel como de qualquer tecido. Cortada em longa tira serve de cinto e passando por entre pernas vem cahir na frente em fôrma d'avental mais ou menos comprido. Em rigor é este o trajar dos papus. Algumas vezes as mulheres usam este cinto um pouco mais largo e atado em volta dos rins, de maneira que, cahindo até aos joelhos, fôrma uma curta saia. O mesmo acontece em Dorey (os velhos e bons costumes vão desaparecendo!) onde usam *sarongs*.

Os enfeites são grosseiros mas numerosos e algumas vezes tendo certa originalidade.

O penteado varia nas diversas tribus papus. Os Mafors, habitantes de Dorey, de que agora estamos fallando, penteiam-se com bastante originalidade. Os cabellos naturalmente encarapinhados são desgrehados com um comprido pente de bambu, que mais parece um garfo do

que outra cousa, até que formem uma massa eriçada attingindo duas ou tres vezes o volume da cabeça. Para egualar os cabellos e dar-lhe apparencia de mais frisados passa-se-lhe por cima um tição incandescente; n'esta massa lanosa espeta-se horisontalmente um pente de bambu esculpido e algumas vezes guarnecido de

pennas ou pelles, pente que se prolonga testa fóra vinte e cinco ou trinta centímetros. Este é o sonho de todo o papu elegante. Ao vel-os recordamo-nos dos espanadores com que em França limpam as abobadas d'egrejas e os tectos dos palacios.

(Continúa.)

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 34)

AS LINGOAS do sul d'África conservaram o typo *kumi* que encontramos no pongoné *igomi*, no fan *du om*, no souhely *koumi*; o vocabulo soninké *tammou* com aquelles tem afinidade. As lingoas do norte d'África derivam dez do primitivo *pul*, em Yoloff *fouqs*. *Sapo*, em peul, tem uma grande semelhança com o malaio *sapofoulou* que serve de transição ao antalote *foulou* e ao polynesio *ongo foulou*: o gond serve-se de *poud* que pôde ter a raiz ou no pé ou na barba.

Portanto as palavras cinco, nove e dez indicam que houve expansões da Ásia para a África ou reciprocamente. A presença dos negros na Nova Guiné faz-nos suppôr que poderiam ter d'este ponto irradiado para o archipelago polynesio. O centro d'África, ponto de contacto das lingoas e das raças, poderia ter sido o ponto de partida d'esta migração; os Gallas conservaram a tradição de terem habitado as margens do lago Tchad; hoje a marcha dos Fans é para o sudoeste.

Dois pontos teriam podido servir de partida á expansão africana para este: o mar Vermelho e a costa Zanzibar; a regularidade das monções nos mares das Indias favoreciam estas emigrações. Admittida a origem africana, estes pontos parecem pois ter sido os logares provaveis por onde passaram os povos negros que se dirigiam para o Oriente. Madagascar e uma parte da costa oriental d'África conservaram os rudimentos da piroga dupla ou de balancero que se tornou um instrumento mais completo de navegação nas mãos dos Polynesios. O malgacho é uma lingua malaia modificada por vocabulos africanos. E' pois provavel que os navegadores africanos depois de terem abandonado o seu continente fossem para a Nova Guiné e Nova Caledonia, d'onde depois irradiaram para as Marian-

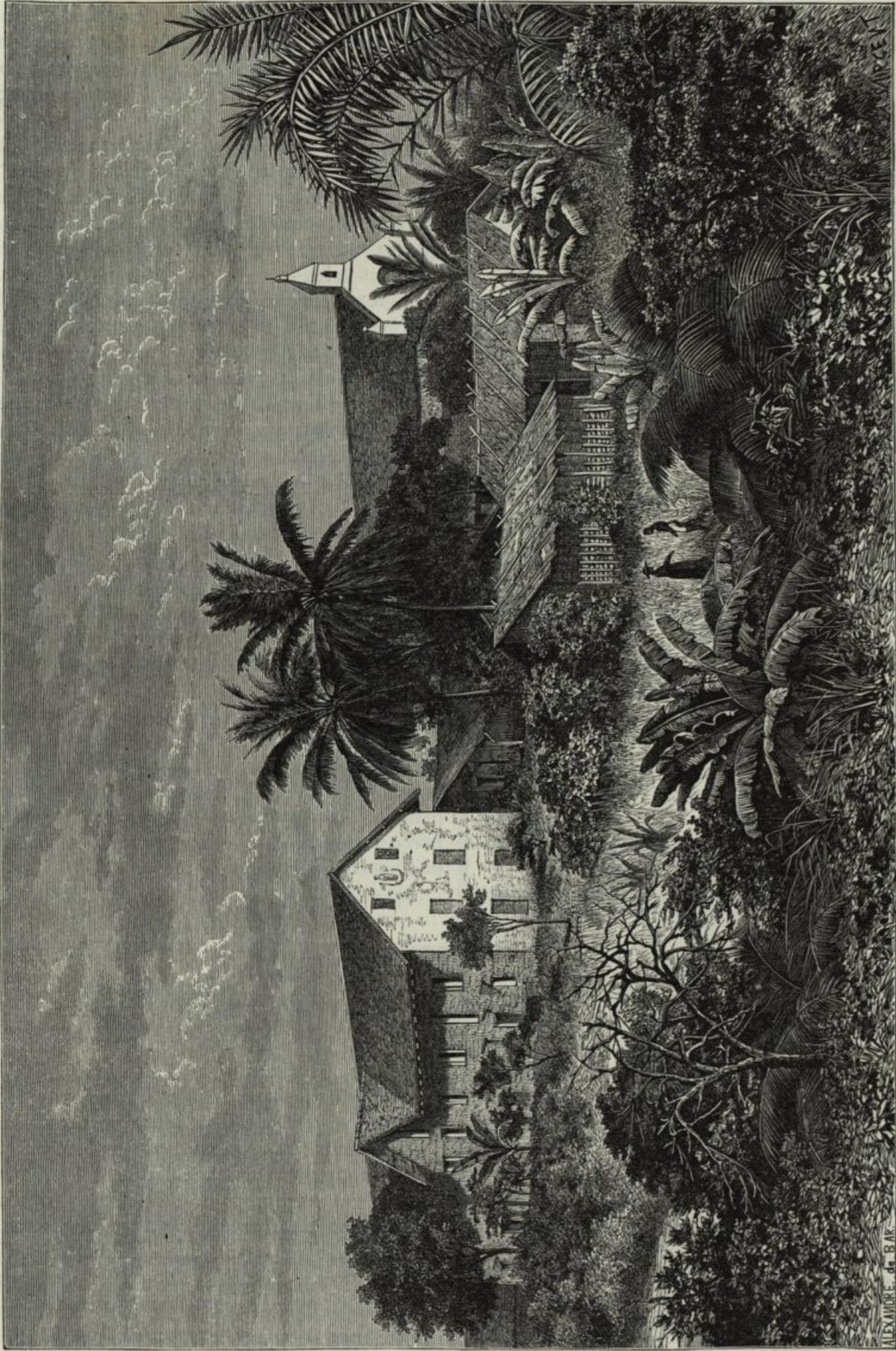
nas e d'onde mais tarde partiram a conquistar Havaï, onde introduziram as palavras africanas que ahi se encontram. Encontra-se tambem em Pomotu um povo cuja origem é evidentemente africana.

Parece pois que os nomes dos numeros são os ellos da cadeia que entre si ligam a África, Ásia e a Polynesia. Quando melhor se tiverem classificado os vocabularios d'estes povos, as comparações serão mais fecundas e permitirão aos philologos o acompanhar com mais precisão essas antigas migrações.

A exposição internacional de geographia de Paris offereceu uma occasião unica para comparar os conhecimentos dos antigos a respeito d'África com os que nós hoje possuímos conquistados á custa de tantos perigos e fadigas. Eu consultei com o interesse que merecia a copia do famoso mappa-mundo de Henrique II, exposto pela familia de M. Gomard. O velho Calebar é n'esse mappa representado como tendo extensa corrente. Perto do undecimo grau norte vê-se um lago isolado. A latitude dada aos pantanos de Tem por Vogel é de 10,°3', pouco differendo da que lhe attribue Overweg que é 10,°9'. O lago Tabury, quasi tão importante, tem a latitude de 9,°30'.

O mappa de Henrique II parece principalmente uma reminiscencia de Ptolomeu que recolhera as informações dadas *de visu*, visto que entre o nono e o decimo grau de latitude norte existe uma grande depressão.

O Pahouin ou Fan é um famoso typo africano; tem o corpo admiravelmente proporcionado; pela musculatura do tronco faz lembrar os bronzes florentinos de que tem a côr; a cabeça bem proporcionada está ligada ao busto por um pescoço que sem ser atarracado é forte e apparenta extremo vigor; os dentes são muitas ve-



EDIFÍCIO DAS MISSÕES NO GABÃO — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

zes inclinados para a frente como os dos Foulahs; o penteado é excêntrico; os cabellos são rapados á navalha por cima das orelhas, nas fontes e na nuca; os cabellos do alto da cabeça, conservados com cuidado, são entrançados e formam pequenas tranças que cahem por cima das orelhas, duas outras tranças maiores andam cahidas nas costas: dois feixes de cabello amarrados com arame e enfeitados com missanga sahem ponteagudos da frente simulando cornos; um pennacho de pennas da cauda de papagaio completam este penteado.

O corpo anda completamente nu, á excepção dos órgãos genitales, cobertos por uma facha de casca de arvores tecida que lhes passa por entre as pernas. Esta facha abre-se em leque ao fundo da espinha dorsal, dando ao selvagem um aspecto singular. Este appendice pode talvez ter sido a origem dos celebres contos a respeito do homem de cauda. Um punhal de larga folha é ordinariamente trazida n'esta cinta, adiante.

As pernas são grossas e musculosas, os pés pequenos. A arma favorita do Fan é a espingarda, trazendo sempre tambem uma ou duas zagaia para não ficar desarmado depois de ter disparado a espingarda; a bayoneta não foi adoptada pelos negros. O Sacalavo de Madagascar tem os mesmos habitos. O velho *finarite* de Baly mostrava-me orgulhoso a zagaia com que pela sua propria mão matára quarenta Hovas.

A companheira do Fan, quando jovem, tem fórmas elegantes; mas as glandulas mamarias não são n'ellas tão bem conformadas como nas raças do norte. É comprada pelo marido.

As mulheres Pahouins, ao contrario do que

se dá com as demais raças negras, concebem em edades muito avançadas e se se não quer ser mal recebido não se commetta a indiscripção de perguntar a uma velha de quem é a creança de que ella parece ser a avó.

O governador de Yola, de quem Barth obtivera as informações ethnographicas que deu no seu livro de viagens, citava os Sokos no numero dos povos conquistados; eu adquiri a certeza de que os Fans reconheciam os Sokos como uma das suas tribus.

Este governador disse a Barth que os Foulahs, querendo entrar no reino de Moropoë, tinham feito uma expedição para o sul e que depois de terem andado errantes dois mezes por meio de bosques, voltaram tendo unicamente encontrado dois seres humanos, subditos de uma rainha cuja cidade teria umas quinze legoas de circumferencia. Sempre a exaggeração do negro.

Como factio geral nota-se que os povos situados ao oeste do lago Tchad cultivam o algodão que tecem com habilidade. São industriosos, têm grandes mercados, emquanto que uma selvageria extrema ha nas tribus comprehendidas entre este lago e as origens do Nilo. Aqui vestigio algum de industrias textis; entre elles o algodão é substituido pela casca das arvores.

Um factio ressalta de tudo isto: que os sete ou oito graus que separam Yola do Gabão, são cobertos por hervas espessas desporvidos d'habitantes e que deve haver n'estas paragens um planalto das vertentes do qual sahem os rios que percorrem estas immensidades; os rios até agora descobertos correm para oeste.

(Continua.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 32)

**P**ROCESSO da Inquisição de Evora, contra Luiz de la Penha, em 1626 (Arch. nacional, n.º 8179) é um vastissimo inventario das superstições portuguezas do fim do seculo xvi e primeiro quartel do seculo xvii. Muitos dos segredos e esconjuros da feiticeira já tinham sido transmittidos a Luiz de la Penha por seu pae; <sup>1</sup> assim a epoca, a vida provincial e as

<sup>1</sup> Libello, art. 8.º «tem livros de advinhar, os quaes dizem que lhe ficaram já do pae...»

crises historicas por que passara a sociedade portugueza, reflectem-se n'este processo com uma immensa luz sobre os nossos costumes. A primeira devassa contra Luiz de la Penha realisou-se em setembro de 1616. Elle attribuia-se poderes magicos, porque chorara no ventre da mãe: «E assi confessou que entendia que adivinhava algumas cousas, porque chorou no ventre da mãe, segundo lhe ella diz.» (Art. 10.) <sup>2</sup>

<sup>2</sup> Esta superstição ainda é vulgar.

No Repertorio do Archivo da Camara Municipal de Lisboa, entre 1630 a 1632, fala-se dos Pôs pestíferos: «O vereador Diogo da Cunha, estivesse em Belem, quando se temiam os pôs, que se dizia, traziam os estrangeiros para causarem peste.» E mais: «Ao provedor da saude de Belem, se concedeu usar vara vermelha, em quanto Diogo da Cunha permanecesse em Belem, e por causa dos pôs, que se dizia traziam pessoas suspeitosas.» Estas credices surgiram pelas noticias atterradoras da peste de Londres de 1631. Sobre este assumpto escreveu Frei Manoel de Lacerda um *Memorial e antidoto contra os Pôs venenosos, que o demonio inventou, e que seus confederados espalham em odio da christandade*. Lisboa, 1639. (Vid. Ribeiro Guimarães. *Summ.*, III, p. 145.) No processo de Luiz de la Penha (articulados 14, 15 e 16) citam-se os objectos dos seus bruxedos: um saquinho pequeno de linho, *uns pôs pardos, grãositos com uma cousa branca maior, pequena pedra amarella*, cousa como um feijão, dois pedacinhos de *pedra de ara*, etc.

No Auto de fé de 28 de novembro de 1621 saiu condemnada a sambenito perpetuo Luiza de Sousa, porque resava esta Oração:

Deus diante e eu detraz  
Deus de traz e eu diante...

O christão velho Pedro Affonso foi tambem condemnado, além de ter communicação com o diabo em fôrma de *menino de dez annos*, porque: «Tinha um *livro* intitulado de *S. Cyprião*, e n'elle se diziam as curas que se haviam de fazer. Querendo curar alguns doentes, os levava *ao longo de um rio*, e ali os sangrava na testa com um al finete, e lhes fazia dizer estas palavras:

Estou picado e enfeitado,  
Jesus, nome de Jesus,  
Despicæ-me e desenfeitæ-me...

«Não curava senão ao domingo, dizendo que assim lh'o mandava o *livro de S. Cyprião*. Aconteceu que uma vez lhe achou este livro um clérigo, e vendo as torpezas e parvoices que n'elle estavam escriptas, o rompeu e botou debaixo dos seus pés, e o pisou com elles, e por fazer isto, fez com que os diabos tomassem o clérigo e o levassem a *um monte* onde estava um mato, e o trataram ali muito mal, e tanto que o não puderam d'ali trazer senão em um carro. Outra vez fez com que os mesmos diabos para irem a casa do mesmo clérigo, e lhe quebraram toda a

loiza que tinha.» <sup>1</sup> Tambem no Auto de fé de 29 de Agosto de 1559 em Lisboa, se diz de «Gil Vaz Bogalho, que foi Juiz de fôra da cidade de Evora e Desembargador da Casa do Civel; sendo christão velho, morreu queimado por judeu de crença, confitente e diminuto; cujos hereticos erros lhe introduziu sua mulher, que era christã nova, e em sua attenção compoz trovas em louvor da lei de Moysés, as quaes fazia cantar na sé de Lisboa, da qual era parochiano.» Antes da Inquisição farejar a tradição semitica das superstições populares sob a fôrma de judaismo, já um poeta satyrico do Cancioneiro de Resende escrevia:

Vi esta vossa cantigua  
que da *toura muy antiga*  
me parece ser forjada.

(*Canc. ger.*, t. I, p. 249.)

As Orações populares, condemnadas pela Inquisição, levavam á fogueira aquelles que as repetiam tradicionalmente. Ainda hoje se resa o *Padre Nosso pequenino*, e ninguem suspeitará da sua antiguidade, nem que por elle derramou sangue o pobre povo. A critica é muito mais humana do que a fé. Frei Antonio de Portalegre, na *Paixão metrificada*, insurge-se contra o uso de cantar cantigas profanas nos templos; no seculo XVI um Bispo de Coimbra prohibia que os trabalhadores do campo cantassem cantigas, e Frei Luiz de Sousa conta que na visita do Arcebispo Bartholomeu dos Martyres á serra do Bouro, o prelado bracharense se contristara ouvindo esta cantiga:

Benta seja a Santa Trindade  
Irmã de Nossa Senhora.

Isto revela o que o povo percebe da metaphysica catholica; dá aos seus velhos mythos as designações da nova hierologia. As Orações a Santa Anna conformam-se em tudo com os vestigios do culto da prostituição sagrada; em Vianna do Castello canta-se:

Senhora Santa Anna  
Subiu ao *monte*,  
Aonde se assentou  
Abriu uma fonte.  
Oh agua tão doce,  
Oh agua tão bella!  
Anjinhos do céo  
Vinde beber d'ella. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Apud *Summario de varia Historia*, do Dr. Ribeiro Guimarães, t. IV, p. 88.

<sup>2</sup> Ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 75.

*Anah* é a Venus babilónica, que apparece em Roma com o mesmo character orgiastico; as festas sensuaes eram nos Idos de Março, e isto nos explica o sentido de um documento citado por Viterbo, de 1346, em que se prohibe ás mulheres tocarem adufe no mez de Fevereiro: «E disse que *qualquer outra mulher que no dito mez de Fevereiro tanger adufe, que o mordomo a achará e chamará a juizo, até que se avenha com o Mordomo.*» (Vb.<sup>o</sup> ACHACAR.) Em outro lugar Viterbo diz que não comprehende o intuito d'esta prohibição; mas evidentemente refere-se ao culto da prostituição sagrada das Sucoth e Benot. O templo da deusa-mãe era em fôrma de monte, o adufe era o tympanum dos hierodulas e das galas da deusa syria; as aguas symbolisam a concepção do amnuos universal. Por todo o litoral do Mediterraneo se estendeu este culto pela influencia simultanea dos phenicios e dos jonios, e onde quer que se acha estabelecido um templo á Deusa-Mãe, facilmente foi aproveitado pelo Christianismo para a propagação do culto da Virgem Maria. O povo ainda liga á devoção da Virgem Maria a ideia de um culto chtoniano; na Guarda diz-se:

Esta *agua encharcada,*  
Valha-me a *Virgem sagrada.*<sup>1</sup>

Nas orações populares encontram-se vestigios de outros cultos; no articulado 18.<sup>o</sup> do processo contra Luiz de la Penha, vem esta accusação: «E outro papel com as palavras da conjuração das Cartas de tocar, em que mete a Deus Padre, e a Virgem Maria, e todos os apóstolos e santos e santas da côrte do céu, e com elles juntamente diabos, e Santa *Leona*, e Santa *Trebuca* e Santa *Maruta*, e *Monte-Negro* e seus irmãos e companheiros...» O nome de *Maruta* é de uma importancia extraordinaria para a comprehensão d'estes cultos decahidos; no Alcorão prohibe-se o invocar os *Harut* e *Marut*. O vento, no mytho vedico, é adorado na fôrma de Rudra, (isto é o terrivel) e de *Maruta* (isto é os zephiros ou rapidos) e ambas estas fôrmas são condemnadas pelo mahometismo apesar dos numerosos elementos zendicistas que entram na redação do texto do Koran.<sup>2</sup> Vê-se por tanto que esta invocação a *Maruta*, na feiticaria

<sup>1</sup> Ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 68.

<sup>2</sup> A relação de Rudra com *Marut*, leva-nos a achar o sentido com que na feiticaria entrou o nome de *Trebuca*; um dos doze Rudras era chamado *Triambaka*. Compreende-se como na tradição medieval se converteram em Santa *Trebuca* e Santa *Maruta*. O nome de Santa *Leona* é uma personi-

portuguesa do seculo xvi, era um vestigio da tradição dos Arabes conservada entre as classes populares. Não se devem confundir estas duas entidades *Martha* e *Maruta*; a primeira é objecto de um culto immensamente generalizado, como vimos pelos seus elementos dispersos das superstições dos montes, dos charcos, dos lameiros, dos rios e fontes santas; da prohibição de tanger adufe em fevereiro, do sabbath e até das orações a *Marta a não dina*.

Na linguagem popular existem algumas locuções em que transparece ainda o character sensual d'este antigo culto decahido, mas persistente na feiticaria do seculo xvi e xvii; *Morra Martha*, *morra farta*, é um anexim que só se comprehende diante dos factos de hallucinação orgiastica, que ficam acima expostos; *Lá vai tudo quanto Martha fiou*, é uma locução que condiz com a realidade do que se passa na romaria a *Santha Martha*, no Minho, á qual as mulheres levam offertas de meadas, que se empregam como remedio nas hernias scrotaes.

A este systema cultural da Deusa-Mãe, ou do chtonismo plebeu, pertencem essas cerimoniaes orgiasticas do Sabbath nocturno, de que fallamos moralistas da idade media, e os demonologistas do seculo xvi e xvii; o nome de *Marta*, dado ao rio que alagava as planicies em que se estabeleceram as colonias asiaticas da Etruria, e o character de conjuração politica com que se descobriram as thiasas ou confrarias orgiasticas no consulado de Postumiur Albinus, (186 annos a. de C.) levam a considerar este culto como um vestigio da religião dos antigos povos italicos conquistados pelos Romanos. Tito-Livio descreve as cerimoniaes sensuaes d'este culto, reveladas por um inquerito official, do qual resultou uma excessão de perto de quatro mil pessoas accusadas de tomarem parte nos mysterios bachanaes. Baisac considera estes ritos como persistindo nos Sabbats da idade media, apoiado na comparação entre os factos do inquerito romano e os depoimentos colligidos por Bodin na *Demenomania*, e por Delancre, no *Quadro da inconstancia dos máos anjos e dos demonios*.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

ficção das festas mythriacas, a que os gregos chamaram *Leonticas*, o que se justifica pela extraordinaria propagação do culto de Mithra no occidente, como o prova Beugnot. Essa outra entidade chamada *Monte-Negro*, decompõe-se em *Monkir-Nekir*, os dois anjos negros da crença mussulmana, que fazem os primeiros interrogatorios aos mortos.



AGUSTO E SEU COMPANHEIRO CONDUZEM O MAIOR PARA UM LUGAR MAIS SECCO — Composição de D. Maillart, segundo o texto

# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 35)

**P**IZIA-ME elle, que não tinha recebido de superior auctoridade ordem alguma para não me fornecer os meios de que eu carecesse; mas que, se tal ordem viesse a receber, elle e os negociantes de Benguella estavam promptos a enviar-me tudo o que eu pedisse.

Vinha depois a carta de Silva Porto, que não menos valiosa era.

Dizia-me o velho sertanejo que não partisse sem recursos. Que requisitasse para Benguella o que eu julgasse necessario, e que elle se encarregaria de me fazer chegar ao Bihé aquillo que eu pedisse.

Terminava o honrado ancião por estas palavras: «Estou velho, mas rijo e forte; se o meu amigo se vir n'um d'esses trances, vulgares no sertão, em que a esperança se perde, sustente-se no ponto em que estiver, e dê tudo ao gentio para me fazer chegar ás mãos uma carta sua. Não hesite em o fazer, e tenha esperança; porque no mais curto espaço possivel eu serei commigo, e commigo irão todos os recursos, todos os socorros. Sabe que eu não uso fazer offerecimentos vãos, quando precisar escreva, e eu irei logo.» A estas palavras não preciso eu de fazer commentarios, e nem mesmo aqui lhe juntarei uma palavra de agradecimento, que seria ridicula.

Aquella remessa que recebi de Benguella foi-me trazida por um irmão do Verissimo, Joaquim Guilherme, que me disse deverem chegar no dia seguinte o resto das cargas da expedição, e com ellas a polvora por que eu almejava.

Como sempre que chegava um portador de Benguella, Joaquim Gonçalves trazia-me uma lembrança de Antonio Ferreira Marques.

Eram sempre alguns regalos para a pobre mesa do sertanejo.

Chegou finalmente o 6 de maio, e começou logo grande tarefa de encher cartuchos, porque de manhã recebi a polvora.

Durante 4 dias empreguei entre 36 e 40 homens no encher dos cartuchos, que estavam promptos, e só era deitar-lhes polvora e dobral-os.

Ficou tudo prompto a 10 de maio, e no dia 11 tinha eu reunidos todos os carregadores, prompto a seguir no dia immediato. Fiz a distribuição das cargas, e dei as ordens para a partida.

Na manhã de 12, quando esperava pôr-me a caminho, vejo que só tinha uns trinta homens, tendo fugido todos os outros.

Soube então, que na tarde da vespera, tinha andado o preto Muene-hombo de Silva Porto, com uns pretos desconhecidos, dizendo aos bihenos que eu os queria levar para o mar, e que aquelles que fossem commigo não voltariam mais, porque eu os venderia.

O preto Muene-hombo fugira com os bihenos, e d'elle não havia mais noticia.

Esta nova deu-me um profundo golpe de desanimo.

Os carregadores, que eu a tanto custo tinha reunido, que eu com trabalho immenso tinha contratado, a quem fôra preciso desfazer uma a uma todas as apprehensões que tinham contra a minha empreza, fugiam-me, convictos de que eu os ia encaminhar á perdição.

Era um golpe terrivel.

Breve se espalharia no Bihé a noticia do facto; breve se arreigaria entre os pretos aquella convicção, mal destruida pelos meus reiterados argumentos, e então seria impossivel obter um só carregador mais.

Quasi desanimei.

Pela primeira vez, depois que em Lisboa tinha pensado em ser explorador, entrou no meu animo o desalento.

Eu sabia que lutar com uma convicção de pretos era baldado esforço.

Quem seria aquelle que levou o preto Muene-hombo a trahir-me?

Quem seriam os pretos que com elle estiveram na libata no dia anterior?

Qual seria a mão occulta que moveu aquella intriga?

Fazia a mim mesmo estas perguntas, ás quaes, nem então nem depois, encontrei resposta que fosse além de suspeita muito vaga.

Perdi a esperança, e fiquei possuido de um verdadeiro desalento.

Meditei todo o dia, e veio o pensamento de voltar a Benguella, mas de repente lembrou-me a carta de Silva Porto recebida dias antes, e lembrou-me a carta de Pereira de Mello em que me dizia «Avante!»

Porque não aceitaria eu o offerecimento de Silva Porto? Se elle viesse ao Bihé elle me obteria carregadores.

Decidi escrever-lhe no dia seguinte, e esta ideia tranquillizou um pouco o meu animo alquebrado.

Com a noite veio a reflexão, e eu escudado no ultimo recurso, o pedir o auxilio do velho sertanejo, resolvi já forte com aquelle apoio, trabalhar, lutar ainda, antes de recorrer a elle.

Na madrugada de 13, fiz marchar o Verissimo e alguns pretos de confiança do Silva Porto a procurarem contratar nova gente.

Voltaram elles, dando-me algumas esperanças, e então começou de novo o trabalho de organizar nova comitiva, trabalho mais difficil então do que antes.

Aconselharam-me sahir de Belmonte e ir acampar no mato a alguma distancia; por que me diziam, que uma comitiva em marcha despertava nos bihenos vontade de se alistar n'ella.

A 22 de maio já eu tinha podido obter alguns carregadores, ainda que poucos, e resolvi com os meus Quimbares, aquelles carregadores e gente de ganho, seguir no dia 23 para um acampamento, ideia que levei a effeito, indo estabelecer o campo nas matas do Cabir.

Nesse dia ao escurecer, appareceram uns 11 carregadores trazidos por um preto Antonio, homem já velho, natural de Pungo Andongo, que estivera ao serviço de dois sertanejos de nomeada, Luiz Albino, e Guilherme Gonçalves.

Durante a noite houve muito frio, forçando-nos a passar a maior parte d'ella dispertos junto ás fogueiras.

O soveta de Cabir veio visitar-me no dia immediato, trazendo-me um porco de presente, que eu retribui, ficando nós nos melhores termos.

Emprestou-me elle alguns pilões, e mandou mulheres para fazerem farinha de milho.

Indo agradecer-lhe á sua povoação, passei pelas plantações, onde andavam algumas mulheres cavando, completamente curvadas, empunhando as enxadas pelos seus dois cabos.

De volta ao acampamento encontrei um preto, dos de Novo Redondo, que não tinha podido seguir com Capello e Ivens, pelo seu estado de saude. Não se sustinha em pé, e uma ardente febre o devorava.

Vi que o seu estado era melindroso e que pouco poderia viver; mas elle pediu-me que o não abandonasse, e eu agasalhei-o no campo, entregando-o aos cuidados do doutor Chacaiombe.

Veio visitar-me Tiberio José Coimbra, filho do Coimbra, major do Bihé, o qual me obteve alguns carregadores de gente da sua povoação.

Nesse dia appareceram mais uns 12 carregadores com que eu já não contava, e eram capitaneados pelo preto Chaquiçonde, irmão da mãe de Verissimo.

Ia renascendo a esperança, e de novo se ia organisando a nova comitiva.

Resolvi partir no dia 27, e ir acampar junto da casa de José Alves, com esperança de completar ali o numero de gente que carecia. Obtive do soveta de Cabir alguns homens para me transportarem as cargas que não tinham carregador, e tambem 4 homens e uma maca para o doente de Novo Redondo.

Pude seguir no dia marcado, parando, meia hora depois de ter sahido, na povoação de Cuionja, de Tiberio José Coimbra, onde me esperava um optimo almoço, com optimo chá. Até havia guardanapos!

Depois de duas horas que ali me demorei, segui ávante, chegando á povoação de Caque-nha, com 4 horas de caminho.

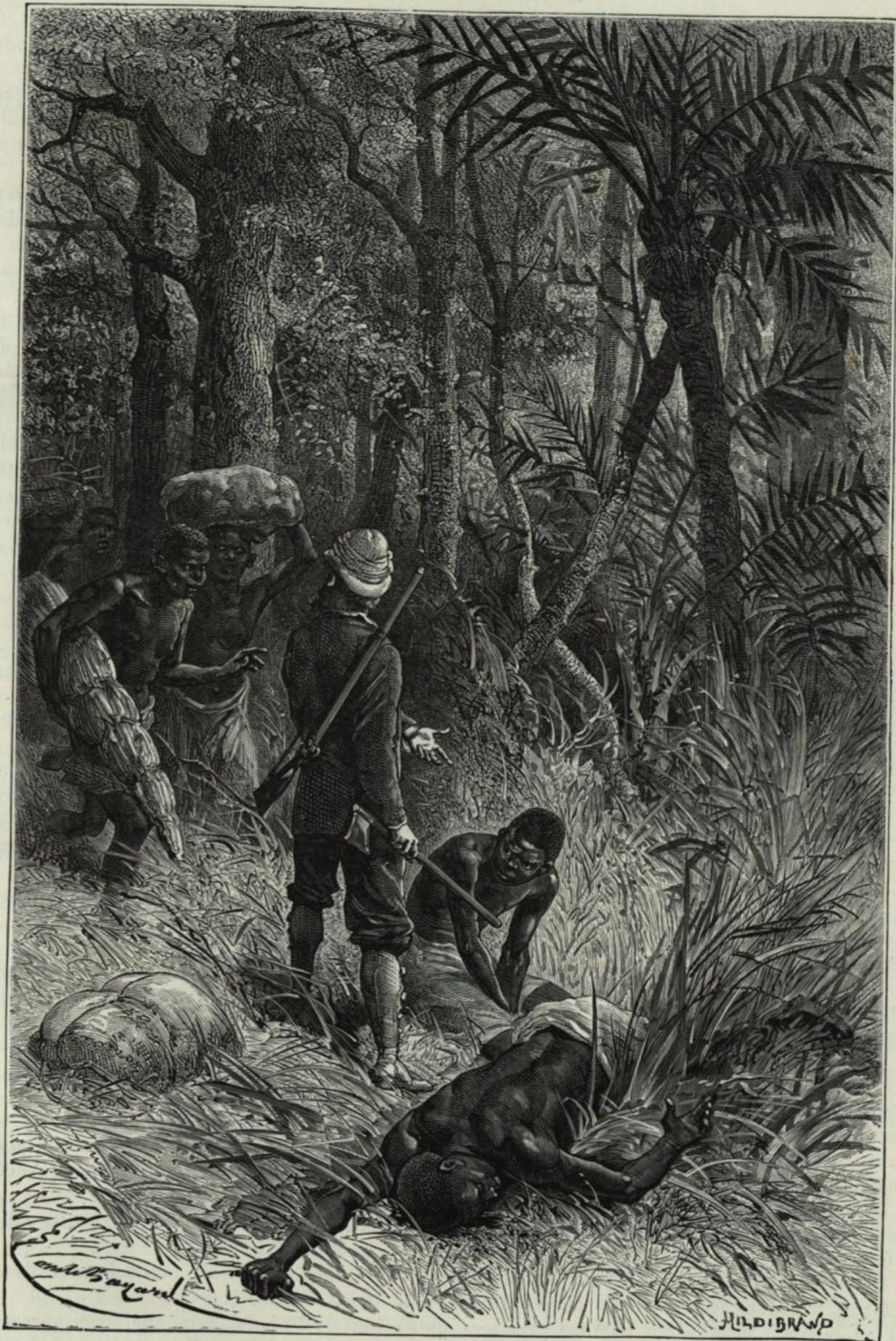
Ali parei para ver o velho Domingos Chacahanga, dono da povoação.

Este Chacahanga, antigo escravo de Silva Porto, fôra o chefe da celebre expedição que Silva Porto mandou do Bihé a Moçambique, e que conseguiu alcançar Cabo Delgado, na costa do mar Indico.

É elle o unico dos homens d'aquella expedição que hoje vive.

O velho recebeu-me muito bem, e deu-me um alentado cabrito.

Conversei muito com elle, mas apesar de todos os meus esforços foi-me impossivel colher



CASTIGO DE CHAQUIÇONDÉ — Composição de E. Bayard, segundo o texto

d'elle dados com que podesse marcar com alguma segurança o seu trajecto.

De que foi muito mais ao norte do que vem indicado nas cartas não me restou a menor duvida, porque ha tres pontos que elle precisa perfeitamente.

Um é ter, no Zambeze, deixado ao sul o paiz dos Machachas: outro ter atravessado o Luapula; e terceiro ter contornado pelo norte o Lago Nyassa.

Duas horas depois de ter deixado o velho Chacahanga, acampava nas matas do commandante, dois kilometros a S. E. da libata de José Alves.

Era já noite, e por isso guardei-me para ir no dia seguinte ver este personagem, que Cameron tornou conhecido de todo o mundo.

Effectivamente, a 28 de maio estava eu em presença do tão fallado sertanejo.

José Antonio Alves é um preto, (*pur sang*) de Pungo Andongo, que, como muitos d'ali e de Ambaca, sabe ler e escrever.

No Bihé chamam-lhe branco, porque ali todo o preto que usa calças e sapatos de liga e guarda-sol, é tratado assim. <sup>1</sup> Em Benguella levam a condescendencia a chamarem-no mulato, um pouco escuro; mas a verdade é, que nas suas veias não ha uma gota de sangue europeu, e que elle é preto não só na côr como na ascendencia, e quiçá na alma.

Veio para o Bihé em 1845, onde foi empregado de um sertanejo, e depois começou a negociar por conta propria, abonado pela casa Ferramenta de Benguella, que hoje faz avultado commercio sob a firma J. Ferreira Gonçalves.

José Alves é homem de 58 annos, já um pouco grisalho, de corpo franzino, e soffrendo de uma affecção pulmonar.

Vive como preto, tendo todos os costumes e crendices do gentio ignaro.

Quando cheguei a casa de José Alves, estava elle decidindo um *mucano*.

Informado da questão, soube que um empregado mulato do José Alves seduzira uma das amantes d'este, e como o rapaz nada tinha de seu, elle fez-lhe um *mucano* á familia da mãe, que possuia alguma cousa, exigindo, em paga do

delicto, um boi, ou uma *cabecinha*, para ficar limpo o seu coração. Isto me disse elle, passando a palma branqueada da mão negra por sobre a parte da caixa thoraxica onde se alberga aquella viscera, nos que a téem para cousa differente de alimentar a vida physica com os seus movimentos de sistole e diastole.

Que a elle servia para ser limpa de vez em quando com um *mucano*, percebi eu.

Depois de decidido o *mucano*, fallei-lhe da minha viagem, que elle duvidou podesse levar a effeito com os pequenos recursos de que dispunha.

Combinou ceder-me uma pouca de missanga, e fallando-lhe em carregadores, evadiu-se a responder-me, dizendo-me saber que Capello e Ivens estavam junto ao Cuanza luctando com falta de gente; mas que, se elles lhe quizessem pagar bem, não teria difficuldade em os arranjar. Era o mesmo que dizer-me que lhe pagasse bem para os ter.

Retirei-me lastimando pela primeira vez a Cameron, por ter sido forçado a tal companhia, por tanto tempo.

N'esta parte do Bihé a vegetação arborea começa a ser mais vigorosa, e junto ao rio Cuito apresenta o terreno a mesma disposição termittica que descrevi na margem do Cutato dos Ganguellas.

Com uns carregadores que me chegaram no dia 29, enviados pelo irmão de Verissimo, Joaquim Guilherme, tinha eu a gente sufficiente para seguir viagem, e dei as ordens n'esse sentido para o dia 30.

Quem rege as cousas d'este mundo tinha decidido porém de outro modo.

Na tarde d'esse dia alguém espalhou entre os meus carregadores as mesmas atoardas de Belmonte, e vieram muitos d'elles declarar-me que voltavam a suas casas e não me seguiriam.

Fiz esforços de eloquencia para os convencer a seguirem-me, mas poucos me escutaram.

Era a segunda vez que, em vespera de partida, no Bihé, ficava eu sem gente.

Ali ficaram comtudo alguns Bihenos, e decidido a prescindir de todas as commodidades e a abandonar toda a alimentação que levava, com poucos mais poderia seguir.

Era preciso arranjar esses poucos mais, e eu não desanimei na empreza. Um estranho episodio, acontecido no dia 30, veio coroar de resultado feliz a minha esperanza.

(Continua.)

<sup>1</sup> Lembra-me aqui do que me dizia o Ivens, com aquella graça que nunca perdeu nos trances mais dolorosos. Dizia elle: «Em eu vendo entrar no meu campo preto de sapatos de liga e guarda-sol, já sei que é branco, e estou logo a tremer.»

## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 35)

QUE Deus, dizia elle, proteja o imperador! salvou-me e por isso a minha vida d'elle é.

—Estava preso?

—Eu era novo e ardente. Tinha nas veias sangue cossaco; não pude como os servos supportar que me batessem e para escapar a esse castigo infame calquei aos pés os meus deveres de soldado.

«Que crime commetteu?

—Eu era um doido. Um doido! Era amoroso e arrisquei a minha liberdade por uma linda rapariga. Um beijo perdeu-me.

—Isso tem acontecido aos mais valentes generaes. Arriscou o seu futuro por uns labios rosados?

—É verdade!... arrisquei, respondeu Miguel. Como vê, eu era então muito novo. Quando apenas se contam dezanove annos não se é um velho; dois olhos formosos, um sorriso fresco são um perigo para um rapaz, principalmente quando elle tem uma alma apaixonada.

O meu regimento compunha-se todo elle de rapazes novos. Iamos para o sul combater pela Santa Cruz; os Francos e os Turcos vinham ás nossas povoações insultar a nossa religião e roubar as nossas mulheres. Depois de se ter concluido na egreja a cerimonia religiosa, e depois de cada um de nós ter beijado as reliquias emolduradas em ouro partimos para Saroslav acompanhados pelas benções dos sacerdotes ao som d'hymnos religiosos e do rufar do tambor. A cidade desapparecia lentamente atraz de nós, o steppe immenso e monotono desenrolava-se na frente; muitas vezes voltamos a cabeça para mais uma vez tornarmos a vêr as altas torres, os zimbórios de côres vivas que poucos tornariam a vêr. Durante tres dias tudo correu bem; no quarto alguns soldados faltaram á chamada; os caminhos eram difficeis, os poços estavam quasi seccos e o regimento ia mal calçado. Muitos iam realmente doentes; mas muitos fingiam estal-o e estas coisas são severamente castigadas. Alto, magro, direito como uma lança, nunca se sentindo fatigado, o nosso coronel era severo para com os que ficavam atraz; cada um de nós foi pois successivamente nomeado para castigar os seus camaradas, o que tornou o character do regimento sombrio e feroz. N'esse tempo, ha de-

zoito annos, applicava-se uma pena brutal, as das varadas.

—Em que consistia esse castigo?

—Quando um homem adormecia no seu posto, quando faltava ao respeito a um superior, quando roubava um cachimbo a um camarada, ou se faltava á chamada levavam-o para a parada da guarda, desarmavam-o e mandavam despil-o até á cinta; ligavam-se as mãos do criminoso junto da bocca d'uma espingarda, de modo que, collocando esta horisontalmente, a bayoneta ficasse a pequenissima distancia do peito do paciente. A companhia abria fileiras e davam a cada soldado uma vergasta recentemente cortada e que na noite anterior tinha ficado de molho. Então o condemnado passava por entre as fileiras levado pela espingarda de que elle devia seguir os movimentos, sob pena de se espetar na bayoneta, e os soldados quer quizessem, quer não, tinham de, com toda a força, dar com a chibata no paciente. O supplicio era sempre cruel, porque o réo não podia recuar com receio de ser atravessado pela bayoneta que lhe estava no peito. Comtudo era maior a vergonha, do que o soffrimento. Alguns habituavam-se; eram os que tinham perdido todos os sentimentos de dignidade. Emquanto a mim, eu reputava um tal castigo peor que a morte e o inferno.

—Não se sujeitou a elle?

—Nunca! Vou contar-lhe essa historia. Haveriamos andado trinta verstes. As fileiras do regimento tinham rareado; metade dos que tinham deixado Jaroslau com alegria no coração e cantando psalms, tinham ficado atraz, ou nos hospitaes, ou nos steppes... o maior numero no steppe. Tinham desertado: uns por que não se queriam bater; outros porque tinham commettido ligeiras faltas. Ainda faltavam quinze dias para chegar ás linhas de Pérékop, onde os tartaros tinham por costume o entrincheirarem-se; o coronel não cessava de repetir que se continuassemos a desertar não só não entrariamos em Constantinopla, mas que os Turcos entrariam em Moscou.

—Sério!

—Por infelicidade os meus camaradas estavam cançadissimos e fomos obrigados a demorarmos-nos tres dias n'uma aldeia para reparar

as nossas forças e o nosso calçado. Esta demora devia ser-me fatal. Os olhos risonhos e as gaíntices da rapariga que servia a agoardente á minha companhia conquistaram o meu coração. O pae da rapariga era o proprietário da hospedaria e da posta na aldeia; estávamos aquartelados em casa d'elle.

De manhã á tarde o diabrete saracoteava-se em volta do alpendre em que estávamos instalados. Não quero dizer que Katinka me *désse cavaco*, posto que, sem vaidade seja dito, sempre passei por um galante rapaz; mas a rapariga era namoradeira e na cavalharia, e em toda a parte, as suas gargalhadas e o seu chilrear provocavam a perseguição e a beijal-a. Era um exercicio agradável; contudo alguns dos meus camaradas muito fatigados para pensarem no amor, tinham-me inveja e prognosticavam-me que tudo aquillo terminaria mal. Quando o tambor deu ao regimento o signal de partir, não encontrei o meu capote; remechi tudo o que havia no alpendre em que estiveramos os tres dias e não o encontrei. Emquanto andava n'esta fadiga, volteando tudo, avistei á janella o rosto zombeteador de Katinka, ao mesmo tempo que na rua a voz do coronel gritava: «Regimento, ordinario marche!» Eu não tinha tenção de desertar; mas queria haver o meu capote para nem me expôr á colera do meu capitão, nem aos rigores do inverno. Corri atraz de Katinka que fugiu para fundo do alpendre com o capote no braço lançando gritos de triumpho; vinte vezes estive quasi a agarral-a e sempre o diabrete conseguia escapar-se, até que offegante se deixou cair a um canto. Tirar-lhe o capote foi trabalho d'um segundo; mas para me indemnizar com beijos da diabrura que me fizera, era preciso maior espaço de tempo; e retirava-me já, quando dois soldados da minha companhia appareceram e me levaram preso. Soldados velhos que se gabavam de ter já muito visto aparentaram dar tanta importancia á linda rapariga como a dariam a um sermão; disseram ao coronel que eu me quizera esconder para depois fugir. Fui como desertor condemnado ás varadas.

—Fugiu a essa vergonha?

—Fugi, expondo-me á morte. O coronel estava ali, olhando-me do alto da sua severidade, com a mão apoiada sobre o pescoço do cavallo. Eu não sabia bem o que em tempo de guerra era preciso fazer para merecer ser fuzilado; d'um pulo, e antes que qualquer pessoa me pudesse deter, lancei-me para o coronel e esbofetei-o.

Uns instantes depois tinha as mãos e pés amarrados, era lançado sobre um carro, e duas sentinellas sentadas ao meu lado vigiavam-me. Em Pérókop fui julgado por um conselho de guerra e condemnado á morte; mas n'esse momento os Francos atravessavam o mar negro e o principe imperial, commandante em chefe na Crimeia, queria tornar a lucta popular mostrando-se indulgente; sabendo que eu até a occasião do meu crime era tido como bom soldado, commutou a minha sentença em prisão perpetua n'uma fortaleza. Os meus camaradas pensavam que dentro de poucas semanas me seria dado o perdão e que me mandariam servir em outro regimento. Nada d'isso succedeu; commettera um crime muito grave para n'esse reinado de ferro poder ser amnistiado.

—Que diz! um reinado de ferro?

—Por que não! Poder-se-ha dar outro nome ao reinado de Niculau? Fui enviado para uma fortaleza e ahi estive até que o actual soberano succedeu a seu pae.

—Viveu então dois annos na prisão?

—Viver! n'uma enxovia d'aquellas não se vive, morre-se. Mas Deus em desconto dos nossos peccados permite ás vezes que os soffrimentos dos presos se prolonguem por muito tempo.

—Desejava a morte?

—Francamente, não a desejava. Desejava dormir, esquecer o meu crime, e fugir da vista do meu carcereiro. Quando se téem os pés e as mãos agrilhoados deixa-se de ser um homem. As pernas incham e os ossos parecem quebrar-se.

—O que é que mais soffrimentos produz: a grilheta, ou as algemas?

—As algemas. Quando as tiram, o homem que as trazia torna-se quasi louco d'alegria. Bate as palmas, junta as mãos, colloca-as em diversas posições; pôde enfim enxotar as aranhas e matar as moscas que lhe martyrisavam o rosto. Mas o peor dos supplicios para o prisioneiro é o buraco atravez do qual a sentinella lhe vigia constantemente os menores actos. Posto que só, está sempre acompanhado. Por mais que faça, aquelles terriveis buracos estão sempre escancarados e um olhar frio está sempre fixo no infeliz preso. Durante o seu somno e emquanto está desperto ha sempre uns olhos que o espiam. Algumas vezes dirige-se resolutamente a um d'esses buracos, escarra atravez d'elles, uiva como um animal feroz e obriga a sentinella e retirar-se vergonhosamente.

— Alcançou a sua liberdade por ocasião da amnistia geral?

— Alcancei; quando o príncipe imperial subiu ao throno, abriu as portas das prisões. Esteve já alguma vez preso? Não! Então não pôde saber o que é ser livre. Passa-se das trevas para a luz, da miséria para a alegria. O ar que então se respira fortifica como um copo de vinho velho. Parece que o Deus bom e poderoso está conosco.»

Durante o imperio de Niculau, os soldados andavam mal vestidos, eram tão mal alimentados que um grande numero estava sempre doente. Nos hospitaes estava sempre um terço do exercito e metade dos que tinham alta ficavam inutilizados para o serviço militar. Com o estomago vazio e o corpo gelado os soldados afastavam-se da fôrma para irem beber. Ao longo das estradas encontravam-se montões d'estes infelizes empilhados uns sobre os outros, cosendo enormes bebedeiras.

Agora tudo está transformado; tendo mais que comer o soldado mostra menos avidez pela bebida. Nos quartéis ha escolas e obrigam os soldados a frequental-as. Nos regimentos assignam-se jornaes e revistas scientificas, formam-se bibliothecas e dentro em pouco o exercito russo egualará os exercitos francez e allemão.

## XXII

ALEXANDRE

A guerra da Crimeia deu ao povo russo a sua vida nacional.

«Sebastopol! disse-me um official general, Sebastopol cahiu, mas das suas ruinas rebentou a liberdade do nosso paiz.»

O imperio Tartaro fundado por Ivan, o Terrível, reformado por Pedro, o Grande, continuou existindo sob formulas e nomes tirados da Europa occidental até ao momento em que o exercito colligado poz o pé no nosso solo. Desbaratado em Alma, derrotado em Balaklava, tendo feito um ultimo esforço nas alturas d'Inkerman, exalando o ultimo alento n'esse valle de Baidar, do qual o resto das tribus de Baton-Khan e de Timour-Bey habitam ainda os rochedos e as cavernas; esse velho imperio combateu por entre as neves e nevoeiros, nos altos cerros e nos valles, gloriosamente, mas sem esperança. Os acontecimentos que se seguiram á batalha d'Inkerman foram secundarios; n'este triste e

ennevoado dia o antigo imperio perdeu a sua ultima gota de sangue.

A Russia asiatica morrera, a Russia europèa nascera.

Posto que suavizado n'esta ou n'aquella occasião, talvez por um patriotismo mystico, o systema tartaro durara até o reinado de Alexandre II. N'esta organização o príncipe era tudo e o povo nada, o exercito era um bando, a nobreza uma multidão official, a egreja uma dependencia da policia, as communas um rebanho de escravos.

Niculau gostava d'este systema; caracter de tempera forte, espirito arrojado, levou o systema até ás suas ultimas consequencias e fez retrogradar o paiz até aos tempos de Pedro, o Grande. Mas longe de, como este príncipe, admirar os serviços e as artes da Europa occidental, odiava os caminhos de ferro, abominava a imprensa. A sua còrte assemelhava-se a um acampamento, obrigara os estudantes a usar do uniforme, fizera da educação um exercicio militar, Elle só era o Estado, a Egreja, o Exercito. A exemplo dos Khans de Khina e de Bokara, pertendendo fechar o seu imperio, estabeleceu nas fronteiras um cordão de tropas tão difficil d'atravessar pelo estrangeiro que queria visitar a Russia, como para aquelle que da Russia queria sahir; emquanto se conservou no throno a sua nação foi para o occidente um enigma impenetravel.

A organização da Russia era mongolica e não eslava; o autocrata poderoso que sustentava este edificio e que com elle morreu, foi simultaneamente o ultimo imperador asiatico e o ultimo khan europèo.

Antes de morrer, o imperador Niculau conheceu a verdade; evidenciou-se-lhe atravez das suas cidades em chammias, dos seus exercitos derrotados e dos seus inuteis bombardeamentos. Viu que todas as nações livres eram contra elle e que a nação d'escravos em que elle pesava com sceptro de ferro não lhe pertencia.

Ferido no seu immenso orgulho, sentindo-se mortalmente ferido, mostrou, dizem, a seu filho as causas dos desastres, taes quaes então lhe appareciam. Aconselhou-lhe, a que aproveitasse a experiencia adquirida á custa de tantos males e a que adoptasse uma politica differente.

Será exacta esta versão? Quem poderá dizel-o? Quem conhece os segredos d'um muribundo?

Seja como for, o novo soberano procedeu

como se recebera e acceitára aquelle salutar conselho. Inaugurou o seu reinado com actos de clemencia. Abriu as prisões, repatriou os exilados.

A immensa maioria dos seus subditos compunha-se de servos. De dez, um saberia ler, de cincoenta, um saberia escrever o seu nome. Um grande numero andava fóra da Igreja official. Os servos eram opprimidos pelos nobres, os velhos crentes perseguidos pelos frades e todavia eram estas duas classes a seiva, a força do paiz, a propria nação. Se á falta d'exercito, á falta d'administração, que não soubera ou não pudera impedir os desastres do imperio, Alexandre procurasse em volta d'elle um ponto d'apoio mais solido, onde poderia elle encontrar a não ser entre os servos dos campos e entre os velhos crentes das cidades? Mas como conciliar as sympathias d'estas populações, ulceradas pela escravidão e pelos odios religiosos?

O problema era de difficil resolução. O imperador começou por estudar o character e as necessidades dos que eram chamados a governar. Percorreu as cidades e as communas ruraes, foi do oceano Artico ao mar Caspio, do Vistula ao Volga, no meio dos seus subditos prostrou-se deante dos sanctuarios de Troïtsa e de Solovetsk; conversou com elles á beira das estradas e nas margens dos lagos, visitou-os nas florestas e nas minas, até que teve a consciencia de conhecer o solo russo e os seus habitantes melhor que qualquer dos seus ministros.

Escudado nas noções que adquirira tão conscienciosamente atacou a questão dos servos e teve a feliz audacia de defender o principio da *liberdade com a terra*, contra as commissões por elle nomeadas que eram d'opinião que se dêsse a liberdade ao aldeão sem lhe dar a propriedade do solo.

Simultaneamente Alexandre emprehendeu a reforma do exercito. Aboliu o knout e as varadas, abriu escolas nos quarteis, levantou o nivel do soldado. Arrancou as espadas e os uniformes aos estudantes e desapossou-os de todos os seus privilegios. O ensino deixou de ser militarizado. As cadeiras foram occupadas por professores civis e os discipulos, ficando sujeitos ao direito commum, eram punidos pelo mesmo codigo e condemnados pelos mesmos juizes como outro qualquer cidadão.

Um decreto, que para a nação devia ser um immenso beneficio, seguiu de perto este melhoramento. O imperador tirou ás repartições poli-

ciaes o direito de julgar dos crimes e entregou esse direito aos tribunaes; substituiu assim o arbitrario, e muitas vezes a venalidade dos juizes, pela imparcialidade d'um jury apoiado n'um juiz versado no conhecimento das leis.

Pela mesma epoca foram creados os parlamentos locais, assembléas de districtos e assembléas provinciaes, onde os homens aprendem a pensar e a fallar, a resolver, a submetter-se á logica, a respeitar opiniões diversas das suas, a exercer as virtudes da vida civica.

Tarefa incomparavelmente mais delicada restava ainda a fazer. Era necessario examinar a situação da Igreja, as relações do clero *Branco* com o clero *Negro*, conhecer das posições dos orthodoxos e dos velhos crentes, do Santo-Sinodo e das seitas dissidentes, enfim regular a influencia exercida pela Igreja na educação secular, escolher entre a lei clerical e a lei civil.

N'um paiz como o imperio russo parece que cada uma d'estas reformas devia exigir os esforços de uma existencia inteira; todavia no reinado d'este principe bondoso e persistente todas ellas caminham a par. Obrigado a combater os tres corpos mais poderosos do imperio, o clero Negro que sente fugir-lhe das mãos o poder, os antigos chefes militares que julgam não poder manter a disciplina sem lhe tirarem o direito de applicar o knout e as varadas, os nobres que preferem residir em Hamburgo e Paris a viverem a vida monotona que passariam nos seus dominios, o czar não afrouxa na execução da sua obra. Como surprehendermos-nos d'elle ser adorado pelos camponeses, pelos burguezes, por todos aquelles que desejam viver em paz, cultivar os campos, fazer as suas operações commerciaes e fazer as suas rezas?

Uma Russia livre é uma Russia pácifica.

A Russia para se organizar internamente necessita viver em paz durante um seculo; mas não gosará tranquillidade duradoira emquanto não tiver fechado a passagem do steppes, arvorando a bandeira de S. Jorge no alto da torre de Timour-Bey.

Apesar de todos os obstaculos o czar reformador prosegue no seu caminho. E todavia é elle só, agitado por mil cuidados, ferido nas suas affeições de familia, torturado na sua vida publica.

.....  
Por um dia sombrio de dezembro dois Inglezes, ao cahir da noite, navegavam no Neva e deslisavam rapidamente apesar dos gelos com rumo

para a lugubre fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, em que repousam todos os czares reinantes na Russia desde Pedro I. Quando se approximavam do monumento, os dois estrangeiros viram os barqueiros pousar os remos e tirarem respeitosamente os bonnês; surprehendidos, olharam em volta. Não distante, o escaler imperial, impellido por vinte remadores, caminhava a meio do rio. N'esta embarcação ia o czar acompanhado por um unico official. O imperador, ao passar perto dos Inglezes, comprimenta-os, salta em terra, abotoa o seu capote pardo e dirige-se para a Igreja. Ninguém o seguiu. Os cinco ou seis passeiantes que encontra afastam-se para o deixar passar. A porta principal do lugubre edificio está fechada; o imperador encaminha-se com uma especie de precipitação febril para uma porta lateral. Avista um guarda e faz-se reconhecer. No fim d'um instante a porta abre-se; o senhor de mais de noventa milhões d'homens entra na igreja que um dia deve ser a sua ultima morada. Os Inglezes approximaram-se.

«Esperem um pouco», diz-lhe o guarda. Depois acrescenta: «Podem entrar no portico; Sua Magestade não se demora muito.»

O portico está separado da igreja por portas envidraçadas; os Inglezes viam o interior do monumento. Uma extensa nave ladeada por colum-

nas estende-se em frente dos seus olhos. Bandeiras ganhas em cem batalhas ornamentam os muros sombrios; aqui e ali uma lampada de prata arde em frente de uma imagem. Por entre as columnas veem-se as fiadas dos tumulos imperiaes.

Só, com o chapéu carregado sobre a fronte, envolvido no seu capote, o imperador vae d'um lado para o outro; umas vezes pára como para ler uma inscripção gravada n'uma pedra; outras vezes atravessa a nave de cabeça baixa, com ar pensativo; desaparece no meio das trevas, escoa-se por entre as columnas. Está rodeado de mortos: Pedro, Catharina, Paulo, guerreiros ferozes, meigas mulheres, creanças arrebatadas do berço, todos ali, debaixo d'aquellas abobadas, descansam juntos: e por cima vagarosas ondulações agitam os trophéos das victorias. Que motivo attrae aqui o czar n'um dia frio e ennevoado. Será o pezo da vida? Será o amor pela morte? Descobre-se e ajoelha junto d'um tumulo, o de sua mãe! Mais adeante pára ainda, por muito tempo fica absorto n'uma oração silenciosa, depois levanta-se e beija a cruz d'ouro; é o mau soleo funebre de seu filho mais velho!

(Conclusão.)

WILLIAM HEPWORTH DIXON.

## VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 35)

**P**ORDINARIAMENTE trazem nas orelhas brincos de cobre, de vidro ou de conchas. Em volta do pescoço usam um collar de missanga de que trazem pendentes objectos mui diversos: uma grande concha branca, um amuleto de madeira, representando uma figura humana cujo corpo, feito de pau como já dissemos, está embrulhado em farrapos que pelo seu longo uso tem já uma côr indiscriptivel, um d'esses grandes espinhos que nas azas dos ca-soares substituem as pennas.

Nos dias de galla usam ao lado uma concha singelamente layrada e ornada com missanga.

Se juntarmos a isto algumas *tatuagens* azues nos braços e no peito, fiadas de cicatrizes feitas com carvão incandescente teremos completos os enfeitês papus, privilegio quasi exclusivo do homem, como é costume entre quasi todos os selvagens, quer sejam os negros repellentes d'Africa, ou os ferozes habitadores das florestas do Novo-Mundo, ou os perfidos insulares da Oceania.

Muito felizmente para os viajantes os papus não usam ainda armas de fogo. Mais previdentes que os negociantes arabes d'Africa, os malaios, apesar do engodo do lucro, ainda não

quizeram metter nos seus fardos com fazendas de troca as espingardas com que armariam as mãos dos seus assassinos. Estão ainda reduzidos ao arco e á lança, armas sem duvida perigosas em mãos habeis, mas impotentes deante d'uma espingarda de tiro rapido. Os seus arcos de bambu ou de pau muito flexivel são muito grandes; a corda é de rotina. As flechas de combate são quasi d'altura d'um homem feitas de bambu muito direito, muito leve, com uma ponta de pau, ou d'osso, dentada; são quasi sempre ornadas com altos relevos figurando arabescos e mesmo figuras humanas. Deviam fazer feridas terriveis, mas, posto que estas flechas sejam lançadas por mãos vigorosas e possam alcançar grandes distancias, a cem e mesmo a cento e cincoenta metros, são pouco perigosas pois que os papus são pouco habeis no manejo d'estas armas. Vi-os por muitas vezes exercitarem-se tendo por alvo pombos sem que nunca lhes acertassem e durante toda a minha estada em a Nova-Guiné só uma ou duas vezes me trouxeram passaros mortos á flecha.

As suas lanças são compridas com a haste mais ou menos esculpida e o mais das vezes ornada com pennas de casoar; algumas vezes a ponta é de ferro o que as torna objecto de grande valor; o mais commumente a ponta é feita de bambu perfeitamente afiado.

O seu armamento completa-se com a *péda*, sabre-machado que geralmente os malaios importam como objecto de troca. Um papu nunca esquece o seu *péda*, instrumento proprio para todos os usos, que decepa cabeças humanas e corta troncos de arvores, que serve para cortar as unhas e até para fazer a barba.

Taes eram os papus no meio dos quaes viviamos e que tinhamos todo o vagar de ver e estudar; pois que desde de manhã até á noite entravam livremente na nossa cabana, cuja porta mais incommoda do que util foi logo ao principio por nós supprimida. Tinhaos mesmo tomado alguns ao nosso serviço, para guiar os caçadores nas florestas e acompanhar-me nas minhas excursões. Comiam com os nossos homens e muitas vezes passavam a noite em nossa casa. Todavia para não sermos constantemente importunados á porta do nosso quarto traçamos uma linha de limites, perfeitamente ideal, que unicamente dois papus tinham auctorisação para atravessar, duas especies de chefes, gosando entre os seus de certa auctoridade, um dos quaes, Sakoï, fallava regularmente o malaio, o

que nos era vantajoso para as nossas relações com os indigenas. Sakoï era um homem velho, com ar hypocrita, adocicado, horrivelmente feio, trazendo envolvida a cabeça calva n'um lenço ainda mais porco do que a sua propria pessoa; o outro Founaouò, nem velho nem novo, tinha uma enorme cabelleira, nariz levemente levantado na ponta e finalmente ar estúpido.

Estes dois homens, de que diaramente recebiamos a visita e que nunca se esqueciam de, saudando-nos com um *Tabé touan* (Bons dias, senhor), nos apertarem a mão e de pedir algum tabaco, nunca vinha um sem o outro. Sobre as enganadoras apparencias de relações amigaveis eram evidentemente dois rivaes que cuidadosamente se espiavam a fim de que um não explorasse mais do que o outro os estrangeiros. Qualquer d'elles nos prodigalisava as maiores manifestações de affecto e dedicação. Sakoï chegava a ser comicamente pathetico, quando me convidava a ser generoso para com um velho amigo dos Francezes, afim de deixar na sua alma recordação dos meus beneficios. Este velho não me inspirava confiança alguma, não acreditava nos seus protestos, mas tinha necessidade d'elle e, franqueza por franqueza, dizia-lhe batendo-lhe familiarmente no hombro que elle era o meu melhor amigo.

Um dos guias dos meus caçadores, que, como a sua patria, se chamava Dorey, era um homem de vinte annos, um perfeito papu tanto moral como physicamente. Uma immensa cabelleira, um grande numero de conchas, d'anneis, de contas, de pequenos aamuletos, davam a apparencia d'uma grande creança a este indigena, sempre risonho, fallador, mas ladrão como um rato.

Eu, diante de Sakoï e de Founaouò e por seu intermedio, contratára Dorey por um mez para o nosso serviço, no fim do qual lhe devia dar uma certa paga em tecidos, facas e missangas. Tinha entrado no ajuste que o mez era de trinta dias e as condições foram accites de uma e d'outra parte. Tudo correu bem nos primeiros dias; mas no fim de doze dias Dorey afrouxou no trabalho; ouvindo as minhas observações tornou-se grave, magestoso e não respondeu; mas no dia seguinte reclamou o pagamento de tres mezes; ora não me tendo elle feito serviço mais do que doze dias recusei-lhe tudo. No dia seguinte não quiz acompanhar os caçadores e persistiu nas suas extravagantes exigencias: mandei então chamar Sakoï para me servir de in-

terprete, porque Markus, posto que soubesse alguma coisa de papu, não sabia o bastante para um debate tanto mais importante, quanto era preciso desde o principio da nossa estada n'estas terras reagir vigorosamente contra esta exploração deshonesta, que, a cedermos a ella, ter-nos-ia levantado mil difficuldades e incommodos.

Sakoï chegou acompanhando-o Dorey seguido dos seus parentes e amigos e o debate abriu-se. Tratei, por um modo peremptorio e por um calculo primitivo pelos meus dedos e pelos dos assistentes, de estabelecer que o mez tinha trinta dias e que, tendo Dorey servido unicamente doze dias, lhe faltavam dezoito para ganhar o salario ajustado e que portanto infundadas eram as suas



A MINHA VIVENDA EM DOREY

reclamações. A minha arithmetica foi tida como justa nos seus principios, mas como falsa nas conclusões. Dorey e os seus partidarios, pertendendo que os mezes papus eram de quatro dias, continuavam a reclamar o pagamento de tres mezes.

Depois de larga discussão não tinhamos chegado a um accordo. Isto contrariava-me um pouco, porque temia o rompimento das minhas relações amigaveis com os papus. Mas Markus que já tinha feito varias viagens á Nova Guiné aconselhou-me a fechar a discussão offerecendo o pagamento dos doze dias segundo o ajuste

primitivo, nem mais nem menos. Os papus foram-se sem ter querido aceitar.

No dia seguinte Dorey veio-me rondar a cabana, mas ninguem fez caso d'elle. Durou isto muitos dias até que por fim decidio-se a novamente pedir o pagamento. Offereci-lhe então de novo o pagamento dos doze dias que elle teimou em recusar, mas dependurei este preço, que se compunha de tecidos e missangas, no quarto dos nossos serviçaes dizendo-lhe que quando quizesse o viesse buscar; pois que tinha mais que fazer, do que discutir com elle.

(Continua.)



DESEMBARCADOURO DA POVOAÇÃO DO REI LUIZ — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 36)

### XXVIII

Exploração do Ogôoué — Estado politico das tribus — Aspecto do rio — A sacerdotisa d'Igalavé — O confluente — Intrigas dos Oronghons — Ponta Fetiche — A região d'Aloria — M. Walker — M. M. de Compiègne e Marche — Systema religioso.

EM 1867 organizei uma expedição destinada a subir o Ogôoué cujo commando confiei a M. Aymés, primeiro tenente commandante do *Pionnier*. M. Walker, conhecido pelas tentativas que precedentemente fizera para subir o Okanda, era muito sabedor dos costumes, usos e lingoas d'aquella região; M. Walker quiz fazer parte da expedição e eu ordenei a M. Franck e a M. Barbedor, medico e pharmaceutico de marinha, que se pozessem á disposição do commandante do *Pionnier* a quem tambem dei por companheiros alguns atiradores senegalezes da maior confiança.

O *Pionnier* largou do Gabão a 25 de abril de 1867, epoca das agoas altas.

O Ogôoué na sua embocadura divide-se em innumerous braços; o piloto Bouka fez entrar o aviso no rio por um estreito com a profundidade constante de dois metros.

Dos dois lados do rio os paletuvios formavam uma barreira continua; mas logo que navegamos em agoa doce as palmeiras e as altas arvores substituiram a vegetação da agoa salgada; o rio alarga-se então e apresenta o aspecto magestoso d'um immenso volume d'agoa levando na sua corrente algumas ilhas fluctuantes. A 29 d'abril deu-se avaria na caldeira do *Pionnier*; a sua reparação levou muito tempo e nada depois fez ganhar o tempo perdido.

Os cinco annos que se tinham passado entre a visita de M. Serval e a de M. Aymés tinham produzido os seus fructos.

N'deboulia, o successor de Pass-Oll, morrera

tambem; seu irmão N'tchiéga, compreendendo que era do seu interesse approximar-se do commercio do Gabão, viera receber das minhas mãos a investidura; governava os Oronghons; os Comis tinham-se conservado hostis á introdução dos Europeos nas agoas interiores do seu rio Cama, onde a escravatura parecia ser-lhes sufficiente e não comprehendiam ainda o laço que os unia ao centro commercial; mais tarde com as mesmas condições dadas aos chefes do Gabão elles alliam-se tambem comnosco.

Os Senagalezes domiciliados no Gabão tinham conservado os seus habitos aventureiros; Amaidou-Seydou e Gay-N'Gay eram arrojados operarios da civilisação; os Martiniquezes em nada lhe eram inferiores; o *Pionnier* encontrou Gay-N'Gay subindo o Ogôoué n'uma grande piroga á ré da qual tinha construido uma barraca. A presença das suas mulheres e os seus tamtams faziam lembrar os costumes do Senegal e de Falémé.

O *Pionnier* só pôde continuar a sua derrota no dia 6 de maio; no dia 10 estava em frente d'Orvoy com tenção de castigar o chefe Amale d'uma povoação Comis que tinha recebido mal Mr. Serval e o seu companheiro. Amale tinha morrido e seu irmão Reggennué desfez-se em desculpas e protestou muita amizade aos brancos.

Em frente d'Igané o rio levava tal enchente que apresentou aos exploradores uma massa de agoa prodigiosa; algumas montanhas delimitavam o horisonte. Renonelé, o chefe d'Igané, veio em pessoa comprimentar os brancos de quem comprehendia a benefica missão. Este chefe é poderoso e ouvido; a sua boa vontade pôde ter uma feliz influencia no futuro commercial de Ogôoué; foi por nós muito bem tratado.

As margens do rio ao chegar a Igalavé ateiavam-se apresentando um aspecto risonho, semelhante um parque inglez.

Igalavé era o ultimo ponto a que em 1862 chegara M. Serval.

Os habitantes são Igalleses ou Gallezes; são timidos e querem tornar os brancos seus amigos. Uma donzella tinha consultado os deuzes; estava ainda muito commovida e tremula por causa do espirito Ilogo, que n'ella tinha entrado, quando veio prestar homenagem ao commandante do *Pionnier*.

Igalavé está situado em frente do lago Jonanga, onde existem as ilhas Fetiches, descritas por M. Griffon du Bellay. M. M. de Compié-

gne e Marche estudaram profundamente este lago em 1873 e fizeram conhecida a sua extensão.

As colinas que n'este ponto se avistam no horisonte têm cento e cincoenta a duzentos metros d'altura. O *Pionnier* passa além da ilha Ourivia; a aldeia Adolina longo (vejo de longe), ou Adanlinanlango, sentinella avançada do confluente, mostrou-se aos olhos dos viajantes.

O *Pionnier* dobrou a ponta que termina a margem esquerda, deixou esta ilha á direita e avistou afinal um lençol d'agoa semelhante a um mar; era o confluente do Okanda e do N'gouye, ainda não sulcado por prò d'algun navio.

Os nossos exploradores arrearam ferro entre as aldeias Alegouma e Lambarene, onde habitam os dois principaes chefes dos Inengas.

Rempolé é um negociante habil, Banoqué é cego; é o chefe dos Agondos que têm o privilegio de pilotar no rio Okanda. Foi n'estas duas aldeias que M. Walker viveu de 1865 a 1866 e o que lhe dispertou o desejo de penetrar no Okanda superior.

O primeiro acolhimento feito ao commandante do *Pionnier* fôra excellente; mas os Inengas, por suggestões dos Oronghons e dos Comis, que tinham vindo negociar a Alegouma, mudaram de proceder; a presença dos Europeos ia-lhes esgotar o manancial do seu commercio. Foram necessarias longas conferencias para demonstrar aos Inengas que os seus interesses eram identicos aos dos Europeos, que deviam emancipar-se da tutella em que eram tidos pela gente da parte baixa do rio que os lesavam na compra das mercadorias, vendendo-as elles depois pelo decupulo.

Estas rasões acabaram por triumphar de todas as resistencias e finalmente o *Pionnier* mostrou a nossa bandeira nas agoas do Okanda; a 18 de maio ancorava em frente das ilhas do Zorocotcho, cuja posição foi determinada astronomicamente em  $0^{\circ},27'$  sul e  $8^{\circ},16'$  de longitude oriental de Paris. As agoas do rio começavam a diminuir, era preciso abandonar a ideia de levar a exploração mais longe.

M. Aymés veio ancorar em frente da ponta Fetiche; na sua qualidade d'iniciado o Agondo, que servira de piloto ao *Pionnier*, levou os officiaes francezes ao sanctuario dos Inengas, onde ainda Europeo algum entrara.

Os reflexos do sol poente illuminavam as clareiras abertas no meio das florestas seculares, da Africa equatorial. Alguns alpendres sustentados sobre estacas tornavam-se salientes; estas

ligeiras construcções abrigavam as cinzas dos antepassados. O contacto com estas reliquias sagradas communica um poder sobrenatural aos iniciados, que para isso se preparam com longos jejuns.

Os fieis, que vêem retemperar a sua fé n'este santuario, encontram ali o socego e repouso necessario á meditação. Choças construidas ao longo da praia permitem que ahi se demorem o tempo necessario para praticarem as suas devoções e receber do grande feiticeiro a iniciação dos ritos vedados ao vulgo.

Segundo as suas crenças este personagem tem um poder sobrenatural; toda a natureza obedece aos seus feitiços. Dia e noite arde uma lampada no santuario em que está encerrado. Os tremores de terra e as tempestades andam á sua ordem. O espirito das massas commove-se fortemente, quando estes phenomenos se dão quasi á hora annunciada. Na ponta Fetiche vê-se o sobrenatural em todas as partes e imprime a estes logares um grande cunho de mysticismo.

A honra de ser o primeiro a entrar no Okanda superior pertence a M. Walker, negociante inglez estabelecido no Gabão. Partindo de Rhemboë em 1865 atravessou com difficuldade a lingua de terra que separa os dois rios. Os guias bakalezes que levava roubaram-lhe uma parte das mercadorias e foi só depois de muitas contrariedades e fadigas e depois de ter desenvolvido uma grande energia que chegou ás aldeias Inengas em Alegouma.

Foi-lhe preciso demorar-se seis mezes para conseguir obter dos chefes Rempolé e Ranoqué que o deixassem ir para as aldeias d'Okanda. Partiu em julho na epoca das pequenas agoas e não passou além das primeiras quedas d'agoa. A sua viagem não foi inutil nem para a sciencia, nem para o commercio: determinou por observações astronomicas diversos pontos do Ogôoué e do Okanda e assim tornou mais facil o trabalho dos seus successores.

Em 1874 o marquez de Compiègne e M. Marché tentaram tambem explorar o Okanda. Um estudo mais sério do regimen do rio fez-lhes apprehender em janeiro nova viagem. No fim do mez chegaram a Okanda, onde Ajoudo Ranoqué, que até ali se tinha mostrado favoravel aos Eu-

ropeus, fez todos os esforços para impedir que os viajantes fossem mais além.

Só em 28 de feveireiro os viajantes puderam resolver os Okandas a leval-os ao paiz dos Madoumas, passando pelo territorio que occupam os Osyébas. A exploração concluiu-se a dez de março. Os Osyébas em armas impediram a passagem do rio em frente d'Ivindo e, arrastados pelos Okandas, tiveram de fugir e de passar os rapidos perigosos do rio com uma velocidade vertiginosa. Chegados ás aldeias dos Okandas ahi foram recebidos pelas exprobrações d'aquelles cujos parentes tinham succumbido pelo fogo dos Osyébas ou que se tinham afogado ao passar as cataractas.

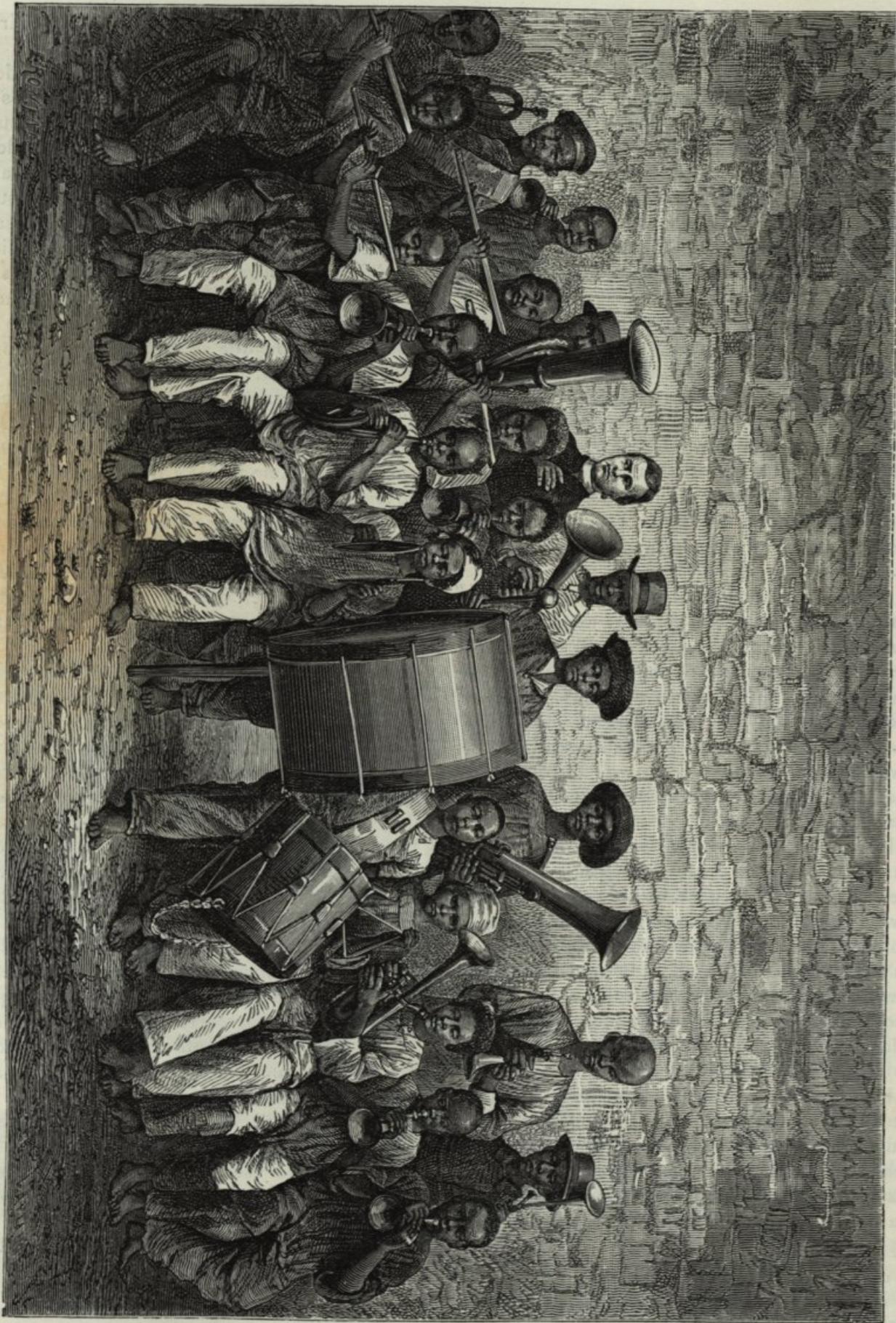
Esta exploração determinou a embocadura d'alguns rios que desagoam no Ogôoué. O primeiro, o rio Aban, é bem conhecido; o segundo, que M. M. de Compiègne e Marche chamam Okongo é chamado Icon, Iconi; o primeiro tenente de marinha Braonézee tinha-o tornado conhecido e o chefe Fan-M'boga fallara-me n'elle; ambos desagoam na margem direita. Estes viajantes puderam reconhecer que os volcões descriptos a M. Walker eram apenas montanhas cobertas de nuvens.

O grande rio Ivindo que foi o termo da sua viagem, antes d'elles era desconhecido, assim como tambem o era um grande tributario, o Ofoné, que desagoa na margem esquerda; a crese no que dizem os Okandas esse rio atravessa as tribus Shibés. Atravessaram cento e dez milhas de rapidos antes de chegar ás cataractas de Ivindo, onde o fogo dos Osyébas os fez retrogradar. Segundo as informações tomadas, o Ivindo sahe de lagos que devem estar situados entre as montanhas de Banoko e as de S. Bento. A mais perigosa d'estas cataractas, *Boné*, precisa d'uma passagem por terra; a sua altura é d'oito metros; necessita-se portanto d'um barco que se possa desmontar para percorrer o Okanda superior.

Os Comis e a gente do Ogôoué *tatuam-se* d'um modo que não deixa de ser bonito; as linhas desenhadas no corpo harmonizam-se com certa elegancia e impedem de pensar em a nudez d'objecto que ellas parecem cobrir. Os Fans usam no lado esquerdo do peito signaes em forma de ferradura compostos de cinco arcos de circulo concentricos, muito semelhantes ás figuras que na Bretanha se encontram em alguns tumulos megalithicos.

(Continua.)

<sup>1</sup> Quem não conhece a habilidade dos feiticeiros cafres, que são excellentes meteorologistas e que aproveitam a sua sciencia para viver á custa do vulgo.



EDIFICANDOS DA MISSÃO DO GABÃO — Presente de E. Roujot, segundo uma photographia



TERCEIRA ENTREVISTA COM O REI LOBOSSI — Desenho de Yvan Pranishnikoff

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO.—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA— ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS— DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 37)

**N**o Bihé andam a monte muitos degradados e desertores, escapados dos presidios da Costa.

Um d'estes honrados cidadãos veio procurar-me, e pronunciou uma estudada arenga, que, pela profusa troca da primeira consoante pela decima-setima, e repetido emprego de termos só usados na minha provincia, me denunciou n'elle um conterraneo.

Se a fórma do discurso era picaresca, a sua

essencia mostrava que a alma do orador era sentina de todas as podridões, em decomposição n'um clima tropical, transcalando fedores em cada phrase evaporada d'aquelle espirito immundo.

Depois de me aconselhar a dispôr das armas e munições que tinha, n'uma empresa abjecta, a que elle me fazia a honra de se ligar, terminou por me dizer positivamente, que, ou eu o associava a mim, fosse para o que fosse, ou elle,

empregando manhas que tinha de geito para o gentio, faria que todos me abandonassem, e me poria na impossibilidade de dar um passo.

Terminada esta peroração, que o homem julgou ser argumento triumphante nas minhas decisões, exigiu immediata resposta.

Eu dei-lh'a logo. Chamei os meus Quimbares, e mandei amarrar o sujeito, a quem mandei applicar logo cincoenta açoutes, para fazermos maior conhecimento; porque se eu o conheci ás primeiras palavras, elle não me conhecia ainda.

Depois de castigado, fiz-lhe um pequeno discurso, em que lhe disse, que o constituia meu prisioneiro, durante o tempo que estivesse em terras do Bihé, com ração de comida e de chicote todos os dias.

Reuni toda a minha gente, e mostrei-lhe, que a alma d'aquelle branco era mais negra do que a pelle d'elles ouvintes.

A nova da minha justiça espalhou-se nas povoações circumvizinhas, e deu-me credito entre os pretos, que tinham em má conta o meu prisioneiro.

No dia seguinte, alguns pombeiros do sitio vieram offerecer-me carregadores, e que m'os traziam dentro de dois dias.

Todos os dias tinha promessas, mas os carregadores não chegavam, e a 5 de junho, já no maior desespero, decidi abandonar muitas cargas e seguir ávante.

Reuni os meus pombeiros, e communiquei-lhes a minha decisão.

Tivemos um longo conselho, em que eu sustentei a minha resolução, dando ordem para que os carregadores me acompanhassem ao rio Cuito com as cargas que eu tinha decidido abandonar, para as lançar ao rio.

Já se ia executar esta deliberação, quando o doutor Chacaiombe tomou a palavra, e me pediu para adiar alguns dias a execução d'ella, dizendo-me que obtivesse nas povoações vizinhas gente de ganho que transportasse tudo até ao Cuanza; que elle ia tentar um esforço junto de um sova seu amigo, e me iria encontrar no Cuanza.

Discutido este alvitre, decidi partir no dia 6, e demorar-me no Cuanza até 14; por isso, concedi 8 dias a Chacaiombe, declarando-lhe positivamente que não esperaria um só dia mais.

Os meus pombeiros mostravam-me a maior dedicação, e depois de uma proposta de Miguel (o caçador de elephantes), decidiram pegar tam-

bem elles em cargas, ainda que isso seja não só contra os usos, mas também inconveniente em marcha, onde elles têm o seu serviço especial a desempenhar.

Obtida a gente de ganho, preparei tudo para seguir no dia immediato.

N'esse dia morreu o homem de Novo Redondo que eu tinha recolhido no Cabir.

Levantei campo ás 9 horas do dia 6, tendo muita gente de ganho á razão de um panno por dia.

Segui a Léste, e duas horas depois acampeii junto da povoação de Cassamba.

Fica esta povoação no meio de grande e espessa floresta, onde fui caçar, encontrando apenas algumas *pintadas*, que matei.

Quando, a 7 de junho, levantei campo, saí-me ao encontro o sovetá de Cassamba, que me vinha comprimentar, e trazer um boi de presente.

Desculpei-me de não lhe dar immediatamente um presente, por estarem os carregadores em marcha, e pedi-lhe que mandasse gente sua ao meu novo acampamento, d'onde lhe enviaria uma lembrança.

Depois de tres horas de marcha e de ter nas duas ultimas atravessado grandes planicies pantanosas, alcancei a margem esquerda do rio Cunqueima, que ali corre ao Norte, tendo 80 metros de largo por tres de fundo, com uma velocidade de 12 metros por minuto.

Armei o meu bote Macintosh, e n'elle se effeituou a passagem da gente e cargas com grande morosidade, porque a pequena embarcação não tinha capacidade para mais de cinco pessoas, ainda que o poder de fluctuação da sua caixa de ar era muito superior.

Terminada a passagem, e achando-me na margem direita em terreno apaulado e nú de arvoredos, mandei pedir ao sova do Gando para me dar algumas cubatas onde eu podesse pernoitar com a minha gente.

Elle veio ao meu encontro, dizendo-me que punha á minha disposição o lombe da sua povoação, que aceitei e onde me fui estabelecer.

Chegaram uns pretos de mando do sovetá de Cassamba a reclamar o presente que eu lhe havia promettido, e para se fazerem reconhecer como vindo da sua parte, traziam a azagaia do sovetá, que de manhã eu lhe vira na mão.

É costume entre estes povos, onde a ignorancia da leitura e escripta existe, o mandarem um objecto conhecido pelo portador de uma

mensagem, para que não se duvide que elles vão da parte de quem os envia.

Mandei o promettido presente.

O sova Iumbi, do Gando, conversou muito commigo, e era para elle motivo de espanto tudo quanto eu trazia. Deu-me um magnifico boi, ficando muito satisfeito com uma peça de algodão riscado e algumas cargas de polvora que lhe dei.

No dia immediato levantei campo logo de manhã, e duas horas depois, fui acampar um kilometro a Oeste da povoação de Muzinda.

Antes de partir mandei soltar e pôr na outra margem o meu prisioneiro branco, já impossibilitado de me fazer mal, porque, passando o Cuqueima, eu estava fóra das terras do Bihé.

Vieram ao meu acampamento muitas mulheres da povoação de Muzinda, algumas das quaes traziam a cara pintada de verde, sendo dois riscos transversaes sobre a testa, de orelha a orelha, e outros dois descendo d'esses, cruzando-se entre os olhos, passando aos lados do nariz, ligados por um sobre o labio superior.

Os penteados d'essas Ganguellas são originalissimos, e alguns, a certa distancia, arremedam um chapéu de dama Europêa.

Todos os homens cortam em triangulo os dois incisivos da frente na maxila superior, formando uma abertura triangular com o vertice apoiado na gengive. Esta operação é feita com uma faca em que vão batendo pequenas pancadas.

Deu-me um indigena uma cana sacharina de 2 metros e 30 centimetros de comprido por 50 milimetros de diametro, affirmando-me que a producção d'aquella rica graminea é abundante ali.

Sahiu de Muzinda uma pequena comitiva que ia para além do Cuanza comprar cêra a troco de peixe secco do Cuqueima.

Estes indigenas andam quasi nus, tendo por unico vestuario duas pequenas pelles, que pendem de um estreito cinto de couro.

As mulheres, essas andam ainda um pouco menos cobertas!

O soveta de Muzinda veio visitar-me, e trouxe-me um boi, que eu retribui com presente igual ao que dei ao sova Iumbi do Gando.

A 9 de junho fui acampar na margem esquerda do rio Cuanza, a E. N. E. da povoação de Liuica. N'aquelle ponto o Cuanza é mais modesto do que o Cuqueima, porque tem 50 metros de largo por 2 de fundo, com uma corrente de 15 metros por minuto.

O seu leito é de areia branca e fina, e notavel a transparencia das suas aguas.

O rio serpêa n'uma vasta planicie de dois a tres kilometros de largo, que encosta de um e outro lado a pequena elevação de vertentes doces, cobertas do arvoredos.

Na planicie vegetam gramineas altissimas, tão bastas que difficil é romper por entre ellas.

O terreno da planicie é mais ou menos pantanoso.

Como eu devia esperar ali cinco dias pelo cirurgião Chacaiombe, tinha, logo que cheguei, mandado construir um acampamento mais vasto do que aquelles que construia só para uma noite.

Veio ali visitar-me o sova de Quipembe, a quem obedecem os sovetas de entre Cuqueima e Cuanza, e que é elle mesmo tributario do sova do Bihé, a quem só obedece quando lhe faz conta; porque não teme os seus ataques, sendo-lhe facil defender a linha do Cuqueima, e sendo a maior parte, senão todos, os barcos que navegam ali, das povoações Ganguellas.

Trouxe-me um carneiro de presente, desculpando-se de me não dar um boi, por ser a sua povoação muito distante.

Recebi tambem a visita do soveta de Liuica, que me offereceu um boi.

Este soveta, homem de boa feição, frequentou muito o meu campo durante a minha permanencia na sua visinhança.

Um dia que elle me tinha visto atirar ao alvo e que admirava a justeza dos tiros, passou o seu grande rebanho bovino por ali.

Eu propuz-lhe dar-me elle um boi se o meu muleque Pépéca o matasse com um tiro.

Elle olhou para a criança e aceitou.

O Pépéca, soffrivel atirador, ensinado por mim, tomou a carabina, e fez fogo a um boi que ia mais separado dos outros, e que cahiu fulminado. Ouve espanto geral da parte dos Ganguellas, e o soveta disse-me que mandasse tomar conta do boi e lhe desse a pelle, e um bocado de carne para elle comer, o que eu fiz logo.

Entre Cuqueima e Cuanza os Ganguellas, que são de differente raça dos outros povos designados pelo mesmo nome, chamam-se Luimbas junto ao Cuqueima, e Loenas junto ao Cuanza.

No dia 12, aconteceu-me uma aventura extraordinaria, que não posso deixar de narrar aqui.

Andava eu fóra, quando alguns dos meus

pretos vieram encontrar-me com um mulato, desconhecido para mim, que me disseram ser chefe de uma comitiva, que me vinha procurar, para me pedir licença de ir commigo até ás margens do rio Cuito, e deixal-o acampar nos meus acampamentos, para segurança sua.

Consenti no pedido, ainda que não de bom grado.

N'essa noite, demorei-me a conversar com os meus pombeiros até tarde, e sentados á porta da minha barraca, discursavamos sobre as probabilidades que haveria de ser bem succedido o meu cirurgião Chacaiombe na sua empresa, quando eu senti para uma parte do campo um tinido singular.

Era como o bater de martello em safra. Tive a curiosidade de saber o que era aquillo, e mandei lá o meu Augusto.

Voltou elle a dizer-me que na parte do campo occupada pelas barracas do pombeiro Biheno, que me pedira agasalho, se acorrentava uma leva de escravos chegados n'essa noite do Bihé.

Nas barracas dos meus tudo dormia, excepto tres ou quatro pombeiros que estavam junto de mim.

Contive a cólera que me dominou por um momento, e mandei chamar o meu hospede.

Elle compareceu logo, e veio sentar-se junto da fogueira defronte de mim.

Perguntei-lhe: O que era aquillo: bater de ferro? Respondendo-me elle que era a acorrentar umas *cabecinhas* que levava para vender no sertão. No meu acampamento! onde tremulava a bandeira portugueza, acorrentava-se uma leva de escravos!

Continuei a fazer um grande esforço para me conter, e disse ao pombeiro que fosse soltar todos aquelles desgraçados e m'os trouxesse livres.

Elle negou-se a fazel-o, e respondeu-me com uma gargalhada de riso alvar.

Perdi então a paciência, e a raiva contida a custo transbordou violenta.

Cego de furor, lancei-me por sobre a fogueira áquelle boçal mulato, e já a minha faca o ia ferir de morte, quando vi, que algumas espingardas dos meus Quimbares lhe ameaçavam a cabeça, e por um d'esses reviramentos tão vulgares como rapidos no meu espirito, só pensei em salvar-lhe a vida.

Ao meu grito de raiva, e ao barulho da luta, tinha-se levantado toda a minha gente, e ameaçavam exterminar toda a comitiva Bihena.

Eu, que conheço a ferocidade dos negros logo que se sentem fortes, tremi pela vida dos innocentes que podiam ser immolados.

Era uma balburdia em que ninguem se entendia, e á excepção de cinco dos meus pombeiros que assistiram ao começo da scena, todos ignoravam o que era aquillo, e só proferiam palavras de morte.

Consegui dominar o tumulto e fazer-me ouvir.

Mandei o meu Augusto soltar os escravos, e trazel-os á minha presença, assim como todas as correntes e prisões que encontrassem nas barracas onde elles estavam.

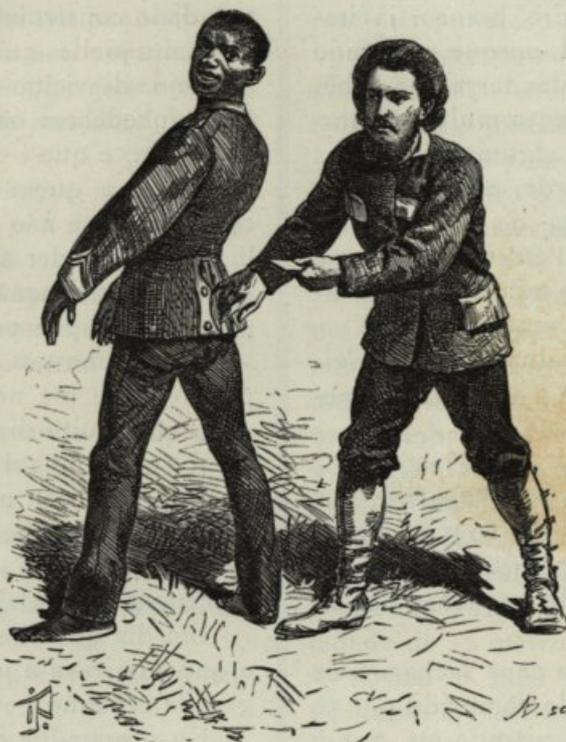
Mandei lançar ao rio Cuanza as prisões de ferro, reservando só aquellas com que preendi os pretos, guardas da leva.

Declarei aos escravos que podiam ir-se, se quizessem, porque teria os seus guardas presos o tempo sufficiente para os não poderem alcançar. Desappareceram todos, excepto uma pequena, que quiz ficar commigo, por não saber onde ir; e só na occasião de deixar o meu acampamento soltei e dei liberdade aos chefes e guardas d'aquelle rebanho de escravos.

Passou-se o dia 13 sem haver noticias do meu cirurgião, e na noite d'esse dia distribui eu as cargas que pude distribuir, umas 87, separando ainda umas 12 que me custava a abandonar, e pondo em pilha aquellas que estavam irremediavelmente condemnadas.

Declaro que é difficil tal escolha.

Creio que um dos peores problemas a resol-



UMA CARTA D'AMOR  
Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto

ver por um explorador, é escolher entre as cargas, indispensáveis todas, aquella que hade dispensar.

Se não é mais difficil, é pelo menos tanto como achar o modo de determinar uma boa longitude.

Ali abandonei tudo o que de commodidades eu tinha, toda a alimentação que para mim levava, e parte da que levava para a minha gente e algumas cargas de missanga que os meus companheiros me haviam cedido, e que, comprada em Loanda, era de valor problematico nos sertões em que me ia internar.

Se no dia 14 de manhã não tivesse novas do Chacaiombe, as cargas condemnadas seriam destruidas, queimando umas e lançando outras ao Cuanza.

Para que? me perguntarão os meus leitores.

Eu lhes respondo. O chefe de uma comitiva em marcha nos sertões da Africa, onde tiver de empregar carregadores, tem de inutilisar e tornar inaproveitaveis todos os objectos que fôr forçado a abandonar, e isto por duas razões, uma

que diz respeito á sua propria gente, e outra ao gentio dos paizes que atravessa.

Se consentiu que os seus proprios carregadores aproveitem alguma cousa da carga abandonada, todos os dias terá carregadores doentes, que o obrigarão a abandonar cargas, para d'ali retirarem objectos em proveito proprio; organisando assim um industrioso roubo permanente.

Por outro lado, sabendo o gentio da terra, que lhe deixam cargas por falta de carregadores, não deixará de ministrar ás comitivas futuras, na muita capata que lhe offerecem, um tóxico qualquer, que, se não matar, os torne doentes, obrigando assim o chefe a abandonar cargas em seu favor; o que não fazem, sabendo que nada aproveitam, porque tudo o que houver de ser abandonado é inutilisado.

Foi isto lição de Silva Porto, de que sempre fiz uso.

No dia 14 de manhã, não tendo noticia do Chacaiombe inutilisei 61 cargas!

(Continua.)

## VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 38)

**A**LGUNS dias depois os tecidos e as missangas tinham desaparecido. Dorey pagara-se pelas suas mãos.

É muito difficil fazer contas com os Papus, pois que só sabem contar até dez; mas Sakoï indicou-me o processo de as ajustar. Quando queria contratar um homem para o meu serviço, fazia um molho de tantos bocados de pau quantos eram os dias que eu o queria ter a trabalhar por minha conta. Estendia diante do Papu, d'um lado os bocados de pau e do outro os objectos que lhe offerecia em pagamento, tendo comtudo o cuidado de não offerecer logo tudo quanto queria pagar; era mister regatear. Quando emfim o Papu, depois de ter largamente reflexionado, consultado os seus amigos, mirado as mercadorias, desdobrado os tecidos, contado e recontado os bocados de pau, dividindo-os em lo-

tes de cinco e de dez, reunindo-os, redividindo-os ainda, se resolvia a acceitar, guardava todos os bocados de pau, entregando-me todos os dias de manhã um, até final conclusão do tempo para que tinha sido contratado, lançando em seguida a mão aos estofos e missangas ajustadas que tinham ficado em logar em que elle as pudesse apalpar todas as vezes que o quizesse; era raro que quizesse renovar o contrato. Tinha engordado durante um mez; possuia o que n'estas regiões substitue o dinheiro; estava rico. Nada o podia já tentar, a preguiça, que afugentara durante instantes, apoderava-se novamente d'elle e, impellido além d'isso pela inconstancia e natural versatilidade do seu character, ia-se para não voltar.

Todavia as cousas nem sempre se passavam com esta simplicidade; muitas vezes renovavam

um contrato que queriam quebrar no fim de tres ou quatro dias trazendo-me todos os bocados de pau, o que, para fazer o pagamento, dava logar a grandes discussões.

Comtudo procuravam-nos insectos que nós compravamos com missangas; eu dava uma, duas, tres e até sete e oito contos azues, por insectos, conchas, peixes, serpentes, por um animal qualquer terrestre, dos rios ou do mar. Ao principio, para animar os caçadores, compravamos tudo o que nos traziam, embora depois tivéssemos de fazer escrupulosa escolha. Tínhamos collocado na janella a caixa dos insectos, para onde a toda a hora corriam as crianças, os homens e menos vezes as mulheres. Depois para evitar a grande quantidade e para poupar a nossa moeda miuda fomos obrigados a sermos escrupulosos na escolha; mas, para evitar a astucia e a deslealdade dos Papus que pretendiam fazer-nos comprar um insecto mutilado ou uma concha quebrada, era preciso lutar. Uma primeira recusa não os desanimava e nos dias seguintes mandavam offerecer-nos por outros individuos a mesma mercadoria avariada.

Desde o principio ao fim do dia resoavam sem sessar aos nossos ouvidos as seguintes palavras: *Tonan binatang, binatang* (Senhor, bichos, bichos.)

Era necessario ter uma paciencia de viajante robustecida pela paciencia de naturalista para os aturar. E eram estes os mais insignificantes incommodos que nos causava a má fé dos Papus. Um dia Markus e William voltaram da caça trazendo um molho de pequenas hastes de bambu muito aguçadas que tinham encontrado espetadas no chão em toda a floresta e principalmente nas veredas que a cortam. A intenção era evidentemente malevola; para os nossos caçadores d'insectos que andavam descalços o perigo era grande; eu mesmo sahia muitas vezes descalço fóra da porta da cabana, onde tambem se encontraram grande quantidade de bambus espetados, tendo as pontas aguçadas com o comprimento de quatro, cinco e seis centímetros.

Os Papus diziam terem cercado a nossa cabana com aquelles espetos para nos preservar do ataque das tribus arfaks, esses terriveis decepadores de cabeças, de quem só o nome enche de terror os mais animosos malaios. Por mais que eu lhes dissesse que não temia os Arfaks e que os espetos eram para nós bem mais perigosos, não os queriam tirar; todos os dias a minha gente arrancava um grande numero e todos os dias

mãos invisiveis iam substituir os arrancados, até que dois Papus foram victimas da sua esperteza e atravessaram os pés com as proprias armadilhas. Um d'elles veio-me pedir que o curasse; tive grande vontade de nada lhe fazer, mas como recusar? Resolvi-me a applicar-lhe um remedio que lhe duplicasse o castigo, fiz-lhe uma applicação profunda e prolongada de collodio. Todos sabem que este medicamento, sendo todavia excellente, produz nas chagas a impressão do ferro em braza. O doente curou-se e com grande alegria nossa ao mesmo tempo desapareceram as hastes de bambu.

Como é d'esperar em povos tão primitivos a sua organização social está ainda no periodo embryonario: não téem governo, nem leis, nem praxes, nem sacerdotes, nem auctoridades obedecidas e respeitadas; são apenas um agregado de individuos absolutamente livres e independentes, unicamente ligados entre si emquanto os seus interesses o exigem e todavia, coisa curiosa, são todos solidarios. Alguns chefes transmittem de paes a filhos um poder nominal e illusorio que não querem nem podem impôr aos demais.

Cada um vae viver para onde quer; mas ameaça-os um perigo commum e todos os vagabundos se agrupam. Appareça um bom negocio e cada um quer a sua parte, seja grande, seja pequena. Um papu possuidor d'uma folha de tabaco, d'um bocado de canna d'assucar era obrigado a dividir esses objectos por todos que estavam com elle; muitas vezes se eu necessitava de guias, de quem me transportasse qualquer cousa, de remadores, tinha de contratar com todos os presentes, pois que todos queriam a sua quota parte no ajuste.

Geralmente os Papus são monogamos; possuem muitas mulheres, mas successivamente; quando a primeira mulher envelhece põem-a de lado como um movel inutil para tomar outra que tambem terá a sorte da primeira e assim successivamente, emquanto o macho é bastante rico para renovar assim este dispendioso accessorio. A mulher é sempre o objecto d'uma transacção commercial, na qual o esposo paga ao sogro uma somma proporcional aos seus haveres. Não deixa de ter interesse o observar terem estes povos um certo respeito pelas leis da moral que muitas vezes degenera, é verdade, em especulação. O bom comportamento das donzellas considera-se como um capital, que dá a esperanza de poder fazer-se mais vantajosamente a transacção matrimonial.

Se um homem tenciona tomar uma rapariga por esposa não deve procurar vel-a, nem mesmo tendo para isso ensejo. Se a encontra em qualquer caminho deve voltar-lhe as costas e esconder o rosto entre as mãos até que ella passe. Procedendo d'outro modo expõe-se a pagar grande multa.

Os missionarios hollandezes contaram-me singulares anedoctas a respeito de factos succedidos na aldeia de Mansinam e que, se a cobiça não era o mobil evidente da sollicitude paternal, poderia deixar suppôr uma delicadeza de costumes muito differente da que se pôde julgar existir n'um estado muito inferior de civilisação d'um povo.

Os casamentos dão logar a festas que, por não ter assistido a nenhuma, não posso descrever.

Essas ceremonias levam-me a fallar da religião, assumpto muito impòrtante mas da qual, pessoa alguma que eu saiba, tem conhecimentos precisos. Sobre este assumpto os Papus guardam a mais completa reserva. Perguntei aos meus dois intimos Papus, procurei informações entre os malaios que varias vezes tinham estado na Nova-Guiné, perguntei aos missionarios hollandezes que fallam perfeitamente a lingua maffor e nem uns nem outros estavam mais bem informados do que eu. E, coisa estranha, os missionarios tinham conquistado aos indigenas alguns neophytos que lhes são dedicados, o que têm provado em circumstancias difficeis: mas estes proprios Papus, convertidos á religião de Christo, nada querem revelar da religião da sua patria.

Os indigenas trazem consigo objectos por mim já descriptos e que evidentemente são amuletos; têm tambem umas pequenas figuras a que ligam um grande valor.

Os templos de Dorey e de Mansinam são celebres. Estas casas sagradas, como em Dorey são chamadas, são como as vivendas dos indigenas, edificadas sobre estacaria, mas muito mais altas e compridas. Nas duas extremidades o tecto em vez de descair, ergue-se e alonga-se, terminando com ornatos de madeira e abrigando em cada extremidade uma plataforma, onde estão duas estatuas de tamanho natural, uma de homem, outra de mulher, tendo os membros articulados e cabelleiras naturaes. Uma descripção d'estas estatuas e das suas abominaveis attitudes é coisa impossivel; só podia inspirar nojo.

Qualquer viajante pôde visitar estas casas

sagradas; mas saber a que culto são destinadas e quaes são as ceremonias e ritos tem sido até hoje impossivel. Tudo o que eu pude saber é que o templo serve de habitação aos homens não casados, que, como já tive occasião de dizer, não dormem em casa das suas familias; disseram-me que se reuniam ali sob a presidencia d'uma velha repugnante.

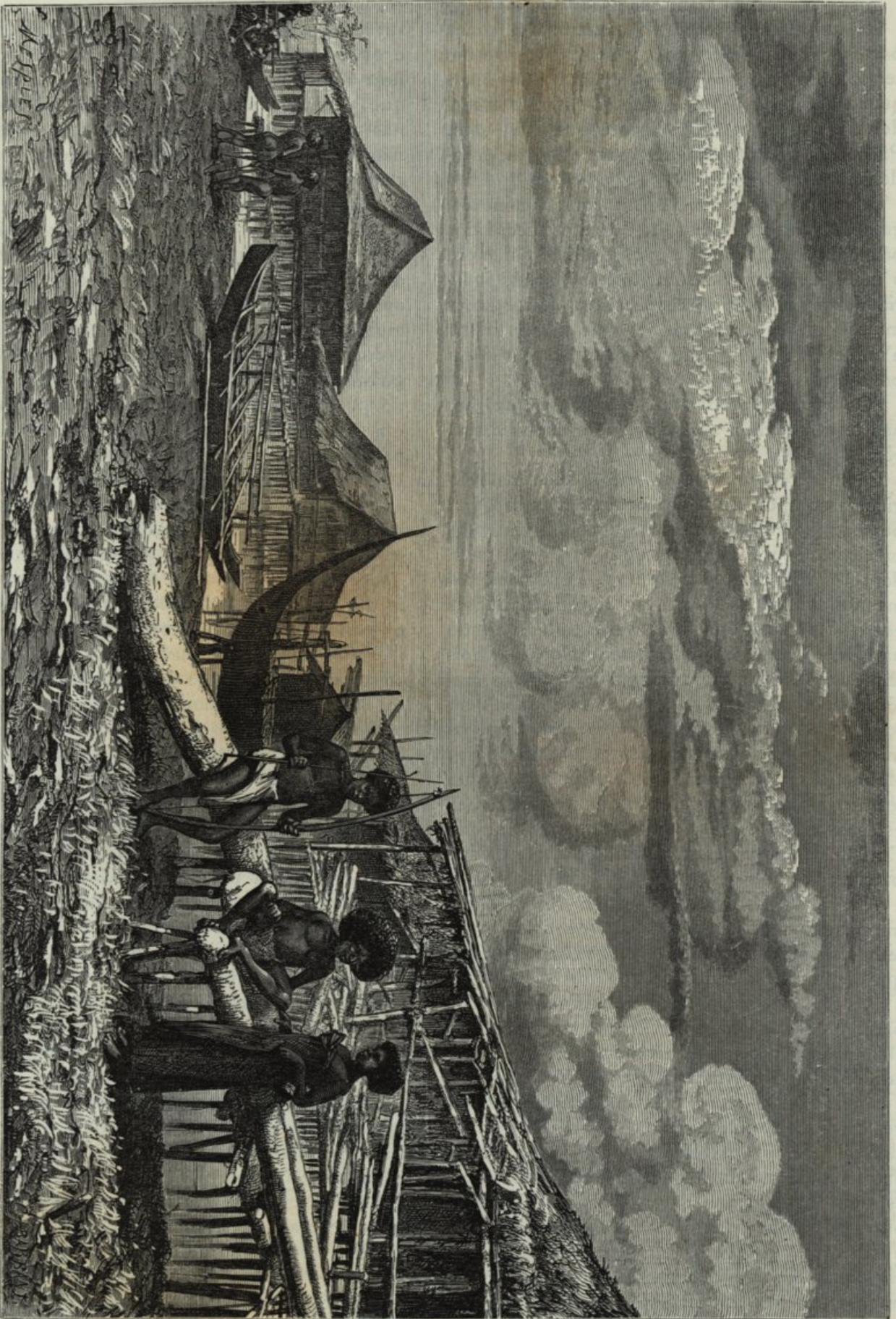
As pequenas figuras, tendo entre quinze a vinte centimetros d'altura, representam um individuo sem sexo, em pé, com os dois braços apoiados sobre uma balaustrada de madeira, melhor ou peor trabalhada. Geralmente entre o corpo e a cabeça não existem proporções algumas; esta é duas ou tres vezes mais volumosa do que deveria ser. Os Papus dizem que, quando um homem perde o pae, esculpe uma d'estas pequenas figuras e põem-a em sua casa, onde substitue o logar occupado pelo morto e invoca-o em todas as circumstancias difficeis, quer seja para obter uma coisa boa, quer seja para evitar uma desgraça. Mas se o esculptor morre, o seu filho esculpe uma outra que vem substituir a do avô, agora inutil e sem virtude e de que elles facilmente tambem se desfazem.

Junto com este paganismo desanimadore com o culto mais puro dos antepassados encontra-se em Dorey e em Mansinam uma tradição curiosissima muito accreditada pelos Mafors. Reproduzo-a textualmente, tal como me foi contada pelo velho Sakoï, confirmada por outros Papus e pelos missionarios.

Um individuo chamado Mongoundi, homem superior, sem duvida algum genio ou deus, tendo subido a uma arvore viu vir para elle uma formosa rapariga e atirou-lhe com um fructo d'essa arvore. A virgem concebeu então um filho, que vindo á luz, foi chamado Konoro.

Mongoundi e Konoro viveram durante algum tempo sobre a terra que então era mansão de felicidades e innocencia; mas, tendo-se os homens deixado arrastar pela sua paixão e tendo-se tornado maus, as duas divindades desappareceram promettendo voltar, quando o mal tivesse desapparecido e que então os homens não morreriam, gosariam d'eterna mocidade, que nunca mais haveriam guerras nem enfermidades e que a terra sem ser cultivada produziria tudo quanto fosse necessario.

Seja qual for a opinião que se tenha das incarnações divinas, não é menos incontestavel que a tradição papu é identica á antiga tradição buddhista.



POVOAÇÃO E HABITANTES DE SALWATY

Aqui levanta-se uma controversia que eu deixo *disputationibus eorum* e que simplesmente quero fazer notar. Tratou-se d'averiguar d'onde teriam os Papus herdado esta tradição. Este problema complica-se com a anthropologia. Os

viajantes italianos, que antes de mim visitaram a Nova-Guiné, julgaram ter encontrado sangue indiano nos selvagens d'esta grande terra da Oceania melanesia e a tradição que acabo de referir é um dos seus principaes argumentos em fa-



PAYSAGEM DE DOREY — PAPUS LANÇANDO Á AGUA AS SUAS PIROGAS

vor d'uma hypothese rejeitada pelos sabios anthropologistas francezes.

Se me é permittido apresentar a minha opinião sobre assumpto tão obscuro, direi que não vejo affinidades possiveis entre os Papus e os Indianos. Emquanto á tradição religiosa parece-me poder dar uma explicação assaz plausivel fazendo-a derivar do christianismo. Ninguem

ignora que os portuguezes foram os primeiros navegadores que descobriram a Nova-Guiné; ora os navios do rei de Portugal nunca se aventuravam a tão longe sem levar a bordo um capellão e que ha para admirar que uma predica feita a estes selvagens lhe deixasse uma noção vaga de que esqueceram a origem, ao mesmo tempo que alteraram a narrativa; os tempos e

os numeros são para estes selvagens abstracções que o seu espirito não pôde comprehender.

Antes de commigo levar o leitor aos diversos pontos da Nova-Guiné que eu visitei e para concluir este rapido estudo dos Papus do Norte só me resta dizer algumas palavras sobre o que eu posso chamar, sem muita impropriedade d'expressão, a arte na Papuasias. As collecções ethnographicas que eu trouxe provam que os Papus têm realmente uma arte, bem rudimentar é verdade, mas que se manifesta em todos os objectos d'uso e sempre pelos mesmos processos: 1.º a copia exagerada do typo Papu que se encontra nas pequenas figuras, nos amuletos, principalmente nas prôas das pirogas e até nas hastes das flechas e das lanças; 2.º um emaranhado d'arabescos em que a espira parece ser a ideia predominante. Encontra-se esta ornamentação principalmente nas taboas que ornaram a prôa das pirogas e nos bambus que servem de caixas para o betel. Notam-se tambem, particularmente nas obras feitas de esparto, gregas, ou os seus derivados e d'um gosto assaz puro. Algumas vezes combinam tudo para fazer um todo harmonioso e, n'estes desenhos, os viajantes italianos procuraram um argumento em pro da sua hypothese sobre a origem dos Papus. Muitas vezes na base d'uma espiral está representada uma figura humana, cujo nariz, que deve formar a primeira espira, se allonga e recurva para a bocca. Algumas vezes artistas mais audaciosos e inovadores esculpíram uma cabeça isolada com um nariz em fórma de tromba e quizeram vêr n'esse appendice uma recordação da tromba do elephante! Mas, julgo eu, que o desenhador foi necessariamente levado a fazer esse prolongamento do nariz para chegar a uma combinação possivel d'uma figura humana com espiras, thema habitual da sua ornamentação. A lingua Papu differe em cada aldeia. Eu não tive tempo d'aprender qualquer d'estes numerosos dialectos; unicamente pude recolher com o auxilio do malaio um vocabulario de cerca de trezentas palavras em dois dialectos, o mafors fallado em Dorey, e o amberbaki usado n'uma das costas Papus, onde dentro em pouco levarei o leitor. Julguei perceber que os verbos se conjugavam, o que torna sob o ponto de vista grammatical estas linguas superiores ao malaio. A pronuncia é em geral sonora e prodiga de diphthongos. Passei assim os primeiros quinze dias em Dorey. Empreguei-os activamente na minha installação e ao mesmo tempo em enriquecer as

minhas collecções. Comtudo, segundo o meu programma, Dorey só me devia servir de base de operações e como um centro de que eu tencionava irradiar para os pontos mais favoraveis ás minhas pesquisas.

Desde principio a minha tenção tinha sido confiar a guarda da nossa vivenda em Dorey a M. Maïndron, por mais util que me tivesse sido a sua companhia nas minhas excursões. E, embora não fosse esse o meu pensamento, ser-me-hia impossivel leval-o commigo; estava em estado de não poder supportar as fadigas da mais pequena marcha; a ferida resistia a todos os tratamentos: era das mais communs e das mais perigosas nas regiões equatoriaes.

Sem me afastar de Dorey tinha em mira fazer estudos interessantes. Por exemplo, ouvia fallar muitas vezes dos Arfaks, esses terriveis decepadores de cabeças. Desejava tanto mais visital-os, quanto eu, uma ou outra vez, via alguns que desciam d'aldeia d'Aiambori e se misturavam com os Mafors de quem momentaneamente pareciam amigos.

Tratei de arranjar os meios de entrar em relações com elles e depois de bastante trabalho o sanadi d'Aiambori, em nome dos seus cohabitantes, consentiu em receber a minha visita.

Ao nascer do dia partimos atravez da floresta, que começava a conhecer, e tivemos de subir por um carreiro muito ingreme uma collina talhada a pique de cem metros de altura. No planalto a floresta estava coberta de arvores novas, o que evidentemente indicava que n'aquella zona de terreno as arvores tinham, havia poucos annos, sido plantadas. Admirei-me por encontrar um solo absolutamente madreporico.

Vi alguns insectos e passaros que não appareciam na praia.

Atravessamos um pequeno regato muito pittoresco. Emfim, depois de uma hora de marcha, chegamos deante de uma depressão do terreno, onde se viam tres casas; era Aiambori, povoação arfak.

Os Papus que me acompanhavam precederam-me para annunciar a minha chegada. Primeiro fui recebido pelo sanadi que habitava uma casa construida doze pés acima do solo. Ao entrar vi tres mulheres de idade muito differentes.

O meu apparecimento repentino assustou-as sem duvida, pois que se foram refugiar n'um canto, junto da fogueira, onde se estavam assando os fructos d'uma especie de arvore de pão e algumas raizes.

(Continua.)

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 38)

**A**FFIRMARAM-ME que estas *tatuagens* lhe eram feitas na ocasião do casamento; alguns têm uma especie de signaes ou cruzeiros latinas e outros flores; o valor d'estes signaes symbolicos ou não é por elles conhecido, ou não o querem revelar.

As ideias dos negros do Gabão a respeito de Deus, do seu poder e da alma humana são muito vagas. Aniemié é o nome de Deus que tem um rival em Aniembia, que é o diabo. Aniemié vive nas esferas superiores; julgam nunca poder estar na sua presença; Aniembia exerce o seu poder sobre os homens; as doenças são um dom seu; o Ouganga tem sobre elle um grande poder; se mister fôr incarna-se n'um paciente que Aniembia tyrannisa; Ouganga pôde, quer seja fazer-lhe abandonar a sua victima, quer seja fazel-o occupar o corpo d'um inimigo: o Pongoné receia dos maus olhados, bebe ás escondidas para exconjurar os maleficios; nunca se senta n'uma cadeira que tenha sido occupada sem lhe pôr em cima uma tanga: podia ser contaminado ou envenenado; é naturalmente muito desconfiado.

O espirito Uhuk, tambem chamado N'setyo ou Ambambou, vive nas entranhas da terra; dedicam-lhe casas fetiches, onde vae logo que o convidam. A iniciação dos homens, que dura quinze dias, faz-se n'estas casas, onde os iniciados são chamados pelo som d'um volumoso apito; passam-se aqui scenas de ventriloquo que podem illudir gente selvagem.

A iniciação da mulher faz-se em nome de Zombi<sup>1</sup>; a noviça toma o nome de Igouji e deve jejuar durante os tres dias que dura a cerimonia. Uma mulher velha sustenta o fogo que deve queimar na casa mysteriosa em que está encerrada a noviça, repetindo incessantemente «que o fogo nunca se deve extinguir»; os Ougangas tocam tambor durante a cerimonia.

As mulheres procuram muito ser iniciadas; põem-as ao abrigo de serem maltratadas pelos seus maridos; depois da iniciação ficam sob a protecção da associação que é um poder e to-

mam tambem logar na classe das matronas que se casam segundo o regimen dotal.

Os Gabonezes mal crêem n'uma outra vida; pensam todavia que a alma, depois de se ter libertado do corpo, pôde dar bons conselhos aos amigos e prejudicar os inimigos. Os F'ans são mais affirmativos. *Akhou* ou alma humana anda errante entre o céu e a terra; sempre maldita, procura introduzir-se no corpo d'um homem que anima com uma vida ficticia; um branco representa aos olhos dos negros d'Africa equatorial um Oouenga, ou um N'Kou.

Ilogo e Ogonayli são espiritos que habitam a lua; as mulheres adoram-os conjuntamente com Zombi; a invocação de Ilogo faz-se ao som do tam-tam; as ceremonias feitas em honra de Ilogo são fatigantes; as mulheres cahem catalepticas durante ellas. Têm muita analogia com as ceremonias de Rhamsos em Madagascar; esta é tambem uma cerimonia onde se tiram augures; a um rapaz é dada uma bebida que lhe produz profundo somno e durante o qual as palavras que inconscientemente articula são recolhidas e explicadas como mais conveniente parece aos sacerdotes. Os Ougangas usam o mesmo processo com as mulheres catalepticas.

Os idolos dos Oronghons são dualistas, *Pangeo* é o principio macho, *Aleka* é o principio femea. Além d'estes têm tambem uma especie de trindade. *Makambi* representa n'essa trindade o principio macho, *Abiab* o principio femea. *Numba* é o Mercurio e o Neptuno do Oronghon. É o *Poros* e o *Penia* de Platão e a trindade dos Cabiras e dos Indos. Como no Egipto aqui tambem predomina o principio femea. *Numba* representa o mar e os logares infernaes.

Ambambou, tambem chamado Ocoucou M'vety, é o diabo dos Comis; é mau e malfasejo; vive nos tumulos, pôde fazer adoecer e matar aquelle que o offender; tem altares adornados com pennas; uma lampada deve continuamente illuminar estes altares.

O Imburi é o bom espirito, que como o seu rival tambem tem altares; mas, sendo menos temido, é tambem menos adorado; geralmente cada espirito tem a sua femea de fórma a representar a dualidade sexual; é a androgynia na sua fórma mais brutal.

<sup>1</sup> Zombi em linguagem do Congo significa alma. Muitas vezes ouvi ás negras da Martinica invocar o Zombi que era um duende.

Ouenga representa o vampirismo; participa da vida humana e da vida sobrenatural. Ao homem é permitido lutar com elle e mesmo vencel-o: todavia Oouenga é dotado de tal vitalidade que renascerá, se não fôr reduzido a cinzas. Esta superstição alastra-se até Madagascar, onde os mais corajosos Sakalaves não ousam dar um passo de noite com medo de encontrar um d'esses seres sobrenaturaes de que tanto lhes fallaram em toda a sua infancia <sup>1</sup>.

A familia dos Fans tem as suas legendas particulares: N'ghou-Mazo é o seu heroe deificado, N'zamma o seu grande deus unico; o espirito do mal é N'kou. As almas humanas são N'kous. Já fiz observar que esta doutrina, como na costa dos Crous, parecia originaria do Egypto.

Os Gangas ou Ougangas formam uma poderosa associação que, como o Poura, domina a sociedade civil e sabe impôr a sua vontade, quando não são as suas ordens aos proprios chefes. Esta associação existe com o mesmo nome desde o Congo até á costa oriental, banhada pelo mar das Indias; em Madagascar chama-se Ampí,

## XXIX

Fernão Vaz—Estado politico—Ravenjigoy—O Rhembo-Ouenga—Obongos—José—Os Ginnas—Futuro do Gabão—M. Saborguan de Brazza.

M. du Chaillu fizera-nos conhecer que o chefe Comis Rigondo tinha em Aniembra agrupado em volta de si tres mil almas. Seu filho, Alenga-Yombi, em vão tomára tambem o nome de Rigondo; este nome perdera o prestigio e a auctoridade fugira-lhe; os pequenos chefes, ciosos

<sup>1</sup> A origem d'esta superstição encontra-se no Egypto, onde certa parte dos ossos diziam conter o principio vital que favorecia a resurreição.

uns dos outros, uniam-se para esmagar aquelle que aparentemente se elevava mais. A mais completa anarchia reinava no Cama. A familia Abonyas tinha o privilegio de fechar o Rhemboe-Ouenga, principal manancial do commercio de Cama. Quenqueza, seu chefe, que tinha a residencia em Gombi a noventa milhas acima de Cama, tinha protegido M. du Chaillu; este chefe já tinha morrido quando o *Pionnier* appareceu em frente d'Eliva <sup>1</sup> de Cama. Os assassina-

tos e os crimes contra pessoas tinham-se tornado muito frequentes n'estas paragens desde que desaparecera a auctoridade de Pass-Oll e de Rigondo e este estado d'anarchia ameaçava esgotar as origens do commercio que se tinha começado a fazer com a Europa. Por instigações de M. M. du Chaillu e de Windwood Read, os chefes d'Eliva, d'accordo com Quenqueza, resolveram estabelecer a solidariedade das tribus e de as tornar responsaveis pelos crimes commettidos pelos individuos da comunidade.

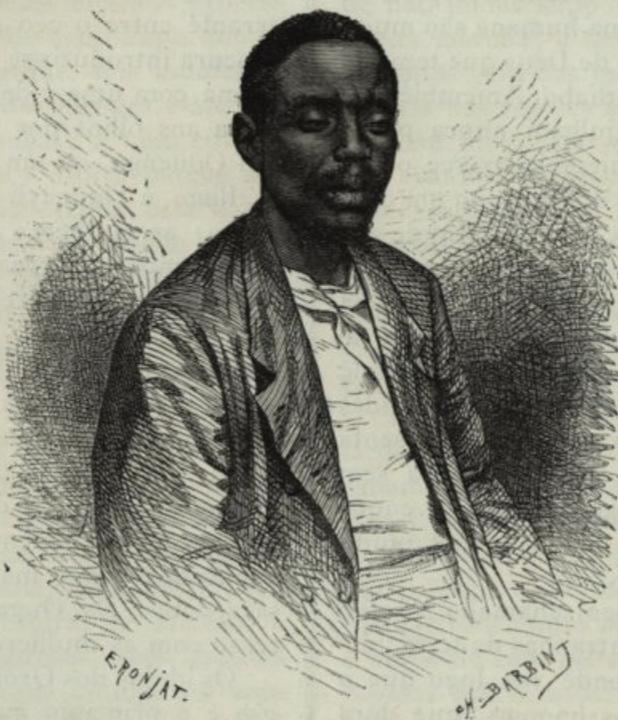
O *Pionnier* entrou no Fernão Vaz por um canal differente d'aquelle por onde entrára o *Arabe*; a

violencia das correntes, as areias arrastadas pelo rio e pelo mar, modificam continuamente a entrada dos rios africanos.

A missão do *Pionnier* era indagar as circumstancias d'um crime attribuido a um portuguez, açcusado de ter mandado, diziam, empalar uma das suas escravas.

As indagações laboriosas de uma tal accusação chegavam ao seu termo, quando os chefes Comis pediram uma entrevista a M. Aymés que foi a Agogogo, logar aprasado para a reunião. Exposeram-lhes os Comis em termos energicos que a sua auctoridade não era reconhecida, que o commercio estava ameaçado na sua origem, se não se pozessem diques aos assassinatos e roubos

<sup>1</sup> Eliva em poungoné tem a significação de lago.



UM INDIGENA DO GABÃO  
Desenho de E. Bonjat, segundo uma photographia

repetidamente commettidos na maior impunidade; era para pôr termo a esta desordem que se tinham reunido: queriam castigar Ravenjigoy, o antigo makaga <sup>1</sup> de Rigongo, que matára um homem a Quenqueza.

O chefe dos Aboyas podia á sua vontade fechar o Oouenga, bastante estreito para a sua navegação poder ser impedida com umas estacas que se espetassem no leito do rio, além d'isso ameaçava fazer represalias se o crime ficasse impune. O makaga estava cercado por mar e por terra; reduzido a esta extremidade inspirava ainda aos chefes Comis bastante medo para os obrigar a solicitar a coadjuvação do commandante Aymés. Vieram ao *Pionnier* collectivamente para conseguir de M. Aymés que deixasse caminhar a sua acção judiciaria. Ravenjigoy quiz tambem tornar os brancos favoraveis; uma piroga muito pequena, tripulada por duas creanças, largou do matto: estes moleques escravos vinham pedir que fosse dado a seu senhor gosar do favor concedido aos seus inimigos; queria tambem ter uma entrevista com o chefe francez. Com bastante custo o commandante Aymés conseguiu uma especie de tregoa, o que permittiu ao ma-

kaga o apresentar-se a bordo do *Pionnier*. Este homem tinha adquirido um ascendente incontestavel e é provavel que os seus inimigos quizessem n'elle punir mais um rival, do que um criminoso; teria cincoenta annos; o seu ar energico contrastava com o dos seus rivaes, nos quaes a bebedeira deixara vestigios indeleveis. Pediu a M. Aymés para que convocasse para o *Pionnier* um grande conselho deante do qual podesse apresentar a sua defeza. Os chefes Comis recusaram-lhe este tribunal; sem duvida temiam o ascendente de Ravenjigoy e a sua eloquencia, ao que os negros são muito sensiveis.

Esta resposta não o abateu, a sua attitude tornou-se ainda mais altiva e tomando posições d'Agare exclamou: «Ainda não será facil deitar-me a mão e mais d'um cahirá aos meus pés.»

Passado este relampago de altivez reapareceu o negro. Só pensou em passar bem os ultimos momentos: o branco é tão rico, os N'bui ri favoreceram-o tanto que os negros julgam uma mina onde se podem lucupletar. O makaga, esquecendo a sua dignidade, dirigiu-se ao commandante com ar de censura: «Pois que, disse elle, um homem tão generoso como tu vae deixar-me partir sem me dar uma unica garrafa de agoardente!...»

(Continua.)

<sup>1</sup> Makaga é o chefe de guerra.

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 36)

EM GERAL OS processos da Inquisição portugueza do seculo XVI descrevem estes conciliabulos ou thiasas, com as mesmas circumstancias referidas por Delancre, signal de que existia uma tradição commum a todo o occidente. Na *Confissão de umas Bruxas que queymaram na cidade de Lisboa, anno de 1559*, existe a promiscuidade a mais desenfreada, danças vertiginosas, banquete, e as luzes são archotes *enxofrados*, como nas thiasas de Roma; o Mayoral ou archigeta usava um *capuz* frisado como o chapéo de bicos dos ritos phalicos; <sup>1</sup> figurava a mãe do diabo, com um *pandeirinho* (o adufe prohibido,) e um novello de linha, como

<sup>1</sup> Usado pelos *Foliões*, nos Açores, no culto phalico da Pombinha ou do Espirito Santo.

n'este culto hetairista celebrando a thiasa *junto do rio*. Apesar das perseguições, o culto chthoniano subsistiu á sombra da heresia christã de que—a fé pôde mais do que as obras; de modo que a exaltação dos sentidos tornou-se a manifestação exterior da fé, ficando os actos ainda os mais monstruosos indifferentes á responsabilidade moral. O quietismo e o molinismo são este espirito penetrando na Egreja, que pelas fórmulas mais atrozes procurou extinguir nas camadas populares os vestigios da religião hetairista, que tornaram o culto da Virgem a crença unanime do Occidente.

Maravilha-nos em verdade a persistencia de uma crença na Beira Alta presentemente, como vemos por esta descripção de um curandeiro do povo, feita sobre o vivo pelo nosso amigo Leite

de Vasconcellos; chama-se-lhes um *bento*: «Este homem de virtude tinha *chorado no ventre materno*, porque ninguém é bento sem tal condição. Todas aquellas povoações por ali em volta, inclusivamente Lamego, o chamavam nas doenças. Elle tinha um ar grave, uma voz pausada e grossa como de propheta, — só gostava muito do liquido de S. Martinho. Quando o rogavam montava na sua burrinha, punha os alforges adiante, lançava um Santo Christo ao pescoço, e lá ia curar a humanidade enferma. As suas receitas não se afastavam das de todos os charlatães: uns chás de hervas secas, umas bebidas de camisas queimadas dos doentes, *umas rezas* e eis tudo. A justiça por vezes o tinha interrompido nas funções sagradas, mas nem o olhar austero do juiz, nem as paredes negras do calabouço o puderam afastar do caminho seguido. Elle *chorara no ventre da mãe*; recebia de toda a parte as provas evidentes da sua virtude; ao longe estendiam-lhe os braços; em casa, á porta sempre uma multidão de doentes, como eu presenciei; que mais queria elle? Não costumava receber dinheiro; recebia fructos, carnes, etc.; para isso levava sempre os alforges em cima da burrinha. Outras vezes tambem os parochos das freguezias corriam-no, e elle, sempre firme na sua missão predestinada, o mais que lhes dizia, era: *Eu cá sou bento, e vós não.*»<sup>1</sup> Por este typo actual podemos comprehender o perstigio que exerciam nas povoações os curandeiros com o poder das palavras, quer escriptas, como nas *Cartas de tocar*, quer pronunciadas, e tanto mais efficazes quanto são *innotas* ou incompreensíveis. O curandeiro tende para revestir-se de uma certa erudição transmittida, como vimos em Luiz de la Penha; no seu processo da Inquisição é accusado de *curar com palavras*, (Libello, art.º 2 e 8) e de ter livros com receitas e declarações d'ellas, (ib., art.º 3) e *Livros com sinas, rodas da fortuna, livrinho de cheiromancia, livros de letra de fôrma e de mão, papeis meudos*. (ib., art.º 9, 10, 11 e 12.) Vê-se que n'este grupo das superstições da medicina popular prepondera o caracter erudito, e que é sob este ponto de vista que ellas devem ser estudadas remontando ás tradições primitivas. O *Curandeiro*, é simultaneamente *benzedor* e *pessoa de virtude*, qualidades que constituíam na magia da Chaldêa entidades separadas, como os *Khartumin*, ou os que esconjuravam os espiritos, os *Hakamin*, ou que possuíam

<sup>1</sup> *Encyclopedia republicana*, p. 188. Lisboa, 1882.

as orações contra as doenças, e os *Assaphin*, ou que faziam as devoções propiciatorias; o syncretismo veio de uma longa decadencia, mas a divisão primitiva deve ser conservada no estudo.

Além dos *bentos*, que choraram no ventre da mãe, como La Penha, existem outras entidades com poder sobrenatural; nas superstições francezas, os *reis* têm o poder de curar impondo as mãos (vid. o Romance de S. Isabel); os *loucos* e *cretinos* são consagrados em quasi todas as povoações ruraes da Europa, da mesma fôrma que entre os Esquimaux; os *padres* tem um caracter de azango entre o povo, bem como os *corcundas* quando encontrados em jejum. Diniz, no *Hysosope*, refere a crença que existia no Alemtejo e Minho do poder das mãe e irmãs dos frades curarem as lombrigas e benzer feitiços:

O benzer dos feitiços e lombrigas  
O grande e *extraordinario privilegio*  
De irmãs e mãe de frades, e outros pios  
E santos institutos que inventaram  
Devotos e subteis nossos antigos,  
E que nós pelo povo propagamos  
Com zelo e com destreza, maiormente  
Entre o devoto feminino sexo,  
Inda pingando vão de quando em quando.

(Ed. princeps, p. 194.)

As *crianças* tambem se consideram com poderes maravilhosos, e ainda oficialmente são empregadas em todos os actos que dependem da fôrma irracional do sorteio; as *velhas* infundem sempre suspeita de bruxaria,<sup>1</sup> No Algarve a palavra *Free-maçom*, com que no seculo XVIII se designava o pedreiro-livre, aportuguezou-se em *Flamazan*, e tomou um caracter malevolo e demoniaco que se attribue a todo o que hostilisa os padres.<sup>2</sup>

Muitas d'estas superstições pertencem ainda á epoca celtiberica; Silio Italico cita um velho ensalmador, que com Orações rythmicas sabia temperar o ferro tornando-o o mais duro aço; na Chronica anonyma do Condestavel allude-se á lenda do armeiro que temperou a espada de Nuno Alvares Pereira dando-lh'a como in-

<sup>1</sup> Existem ainda outras individualidades com poderes sobrenaturaes mais ou menos extensos; nas aldeias acredita-se que a pessoa que nasceu envolta nas secundinas é feliz em todas as cousas. D'aqui a locução: *Nasceu n'um fole*, para significar que tudo lhe corre bem. O que tem as orelhas pegadas na extremidade inferior é tambem venturoso; e aquelle que tem uma cruz de cabello no peito está isempto de todo o influxo maligno.

<sup>2</sup> Vid. *Scenographias*, de Reis Damaso.

vencível, thema de que a intuição genial de Garrett fez o *Alfageme de Santarem*. As Orações dos numeros tinham um extraordinario poder; cita-se a vetustissima oração das *Novem glandulae sorores*, conservada por Marcello Burdigalense. Esta fórmula supersticiosa é importantissima e acha-se empregada por Luiz de la Penha, na *Devação da Estrella fermosa*:

A ti me omilho  
 Estrella fermosa,  
 a huma, as duas,  
 as duas, as trez,  
 as trez, as quatro,  
 as quatro as cinco,  
 as cinco, as seis,  
 as seis, as sete,  
 as sete, as oito,  
 as oito, as nove,  
 as nove;  
 Todas nove vós ajuntae,  
 este ceo me corteis,  
 e nove varas  
 de zimbro me colhereis;  
 na moo do Caifaz  
 m'as amolareis  
 bem amoladas,  
 e bem aguçadas,  
 e bem metidas  
 e bem tranquadas:  
 uma no coração,  
 e outra pelo sentido  
 que de mim — foão,  
 não seja esquecido;  
 e pelos olhos  
 que não veja mais qu'a mim  
 e outra pelos pés  
 que só a mim busqueis. Fim. <sup>1</sup>

A Oração dos numeros, de que a *Devação da Estrella fermosa*, do processo de Luiz de la Penha é um typo completo, pertence a uma classe de superstições de origem complexa, que importa discriminar. O poder dos *numeros* é analogo ao poder magico da palavra (*nomen, omen*); o *numero* corresponde em primeiro logar ao rigor do rito, ou successão dos actos cultuaes, assim como a liturgia (de *litus*, a vara) é a norma da pratica e execussão d'esses actos. Quanto mais antiga é uma religião, tanto mais ella é exclusivamente cultural; é isto tambem o que mais resiste, e o que permanece, quer na forma prohibida de magia, quer na forma indifferente de superstição. Quando se esquecem os actos liturgicos, subsiste a sua *enumeração* successiva; é este ainda um poder mysterioso deri-

vado da importancia dos actos a que allude. Desde porém que a allusão é que lhe conserva o perstigio, a allusão é o estimulo de interpretações allegoricas, e os *numeros* passam a exprimir entidades divinas. Assim a fórmula dos numeros, originaria de um culto decahido de uma raça ou civilisação inferior, pode adaptar-se pela allegoria a uma religião theologica. Podemos acompanhar a sobrevivencia das fórmulas numericas, até á mais elevada interpretação allegorica. O character esconjurativo com que o *numero* apparece, prova-nos uma decadencia de um culto substituido. Em um hymno do *Atharvaveda*, (Brahma 15, no kanda v) conserva-se este perstigio do numero; referindo-se ás pragas:

«A *uma* e as *dez* se afastarão de mim, oh erva da saude! Faze para meu bem os doces madhus, oh tu que nasces segundo o *rita* e tens a natureza do rita.

- «As *duas* e as *vinte* se afastarão de mim...
- «As *trez* e as *trinta*...
- «As *quatro* e as *quarenta*...
- «As *cinco* e as *cincoenta*...
- «As *seis* e as *sessenta*...
- «As *sete* e as *setenta*...
- «As *oito* e as *oventa*...
- «As *nove* e as *noventa*...
- «As *dez* e as *cem*...
- «As *cem* e as *mil*...» <sup>1</sup>

Depois d'este hymno segue-se um outro com uma ordem numeral até onze. Basta o simples factio de apparecerem estes hymnos no *Atharvaveda*, para se conhecer que elles pertencem a uma raça e civilisação inferior, que não a árica e vedica. O character esconjuratorio do *Atharvaveda* distingue-o completamente do Rig-Veda, e muitas das suas cerimonias de imprecação pertencem aos Vratinas, ou tribus occidentaes que se não submetteram á constituição sacerdotal brahmanica; emquanto á linguagem, como diz Weber, o Atharvaveda tem formas archaicas e populares, e pode considerar-se como um producto da assimilação do elemento negroide, e raças inferiores, como os Angas, os Magadhas e outros submettidos á sociedade brahmanica. Isto mesmo se comprova com a interpretação do hymno que citámos, no qual o valor dos *numeros* é procurado na *ordem* ritualistica da producção do madhu.

A fórmula numerica conservada por Marcello Burdigalense:

Nuvem glandulae sorores.

<sup>1</sup> No processo publicado por C. Pedroso, no *Positivismo*, t. III.

<sup>1</sup> V. Abreu, *Contribuições mythologicas*, p. 2.

em ordem decrescente, até ao verso: «*Nulla fit glandula*» é na Europa da idade media um importante documento ethnico, que se aprecia com mais clareza aproximando-o do hymno do Atharvaveda. Marcello, medico de Bordeos, do seculo iv, colheu as tradições populares da medicina empirica do seu *Liber demedicamentis*, n'essa zona chamada da Aquitania, onde persistiu mais tempo a raça da alta Asia que precedeu e foi invadida na Europa pelos Celtas, como hoje o affirmam todos os antropologistas. Assim não sendo o hymno do Atharvaveda árico na sua origem, tambem as fórmulas de Marcello não são celticas como pretendia Jacob Grimm. Pertencem a essa raça cuja civilização mais elevada na Asia é a dos Accádios, e na Europa a dos Iberos. É por tanto natural que as Fórmulas numericas appareçam na tradição popular breton, como a que colligiui Sauvè:

Le bubon a neuf filles  
De neuf elles sont reduites à huit.

ou como a da *Estrellá fermosa*, em Portugal, no seculo xvii, ou como a Oração do Anjo Custodio, prohibida nos Indices Expurgatorios do seculo xvi, e ainda corrente nas versões oraes.

Belloguet, cita um canto popular da Bretanha colligido por La Villemarquè, com o titulo de *Arrannu*, ou as séries, no qual se ennumeram até doze as cousas que se fixam por cada numero: «Elle lhe ensina, nos termos os mais concisos, a serie das cousas de que a recordação se liga a cada numero, desde um até doze, uma só para o primeiro, duas para o segundo, trez para o terceiro, e assim por diante, fazendo repetir ao que aprende a cada vez todas as séries dos numeros precedentes. Este exercicio devia sem duvida, para conseguir o seu fim,—que era o gravar na memoria todas estas séries successivas—fazer recommençar a criança do numero doze ao numero um, sem o que as séries mais desenvolvidas, que eram as ultimas, teriam sido repetidas menos vezes do que as primeiras ou as mais faceis. O *filho branco de Druida* assim ficava sabendo que o numero um era a morte, a necessidade que nenhuma outra eguala; o numero dois a parrelha de bois, etc. A maior parte d'estas séries tornaram-se para nós obscuros enigmas concernentes á mythologia bretã, á cosmogonia, á astronomia e a antigos feitos de guerra.»<sup>1</sup> Le Men nega a authenticidade d'este

<sup>1</sup> *Ethnogenie gauloise*, III, p. 360.

canto das séries, mas a fórmula poetica, que é o que nos interessa tem uma existencia popular como o proprio critico reconhece no canto da *Gousperou ar raned*; Belloguet, acha um grande interesse n'este canto das séries para mostrar como entre as Druidas, onde era prohibido o ensino pela escripta, se exercitava a memoria.

A transição para a interpretação *cabalística* dos numeros foi operada pelos rabinos, como se vê no *Sepher Haggadah*, e o seu apparecimento entre os Judeus confirma a sua origem, attendendo a que a cabala se desenvolveu ao contacto dos cultos da Media na epoca babilonica, e nas escholas do Egypto, d'onde passou pelos Gnosticos para os padres da Igreja. O ultimo rito d'estas Orações numericas acha-se na idade media, no modo de contar de traz para diante o dinheiro magico, e nas parlendas dos jogos infantis, de que já publicamos bastantes exemplos.

Transcreveremos aqui como o typo completo e persistente da fórmula numerica a Oração de San Custodio, tal como a colligimos no Minho (freguezia de S. João de Airão):

—Custodio! salva; queres-te salvar?

«Sim, senhor, quero.<sup>1</sup>

—Dize-me qual é a *uma*?

«A *uma* é o sol, mais claro que a lua.

—Dize-me quantas são as *duas*?

«As duas são as Tabetletinhas

De Maria Mousinha,

Que correu a santa casa de Jerusalem

Onde Christo morreu por nós amen.

—«As trez, são os trez prophetas;

As quatro são os quatro Avangelistas;

As cinco são as cinco chagas;

As seis são os seis Seribentos (*cirios bentos*)?

As sete são os sete Sacramentos,

As oito são os oito Corpos Santos

As nove são os nove Goivos, (sc. *mezes*?)

As dez são os dez mandamentos.

As onze são as onze mil Virgens

As doze são dos doze Apostolos

Doze raios tem o sol,

O sol mais claro que a lua;

Arrebenta tu diabo

Que a minha alma não é tua.

<sup>1</sup> Em uma versão de Coimbra, começa por esta forma:

—Custodio, amigo meu,

«Amigo, sim; mas não teu.

—Dize-me as santas palavras

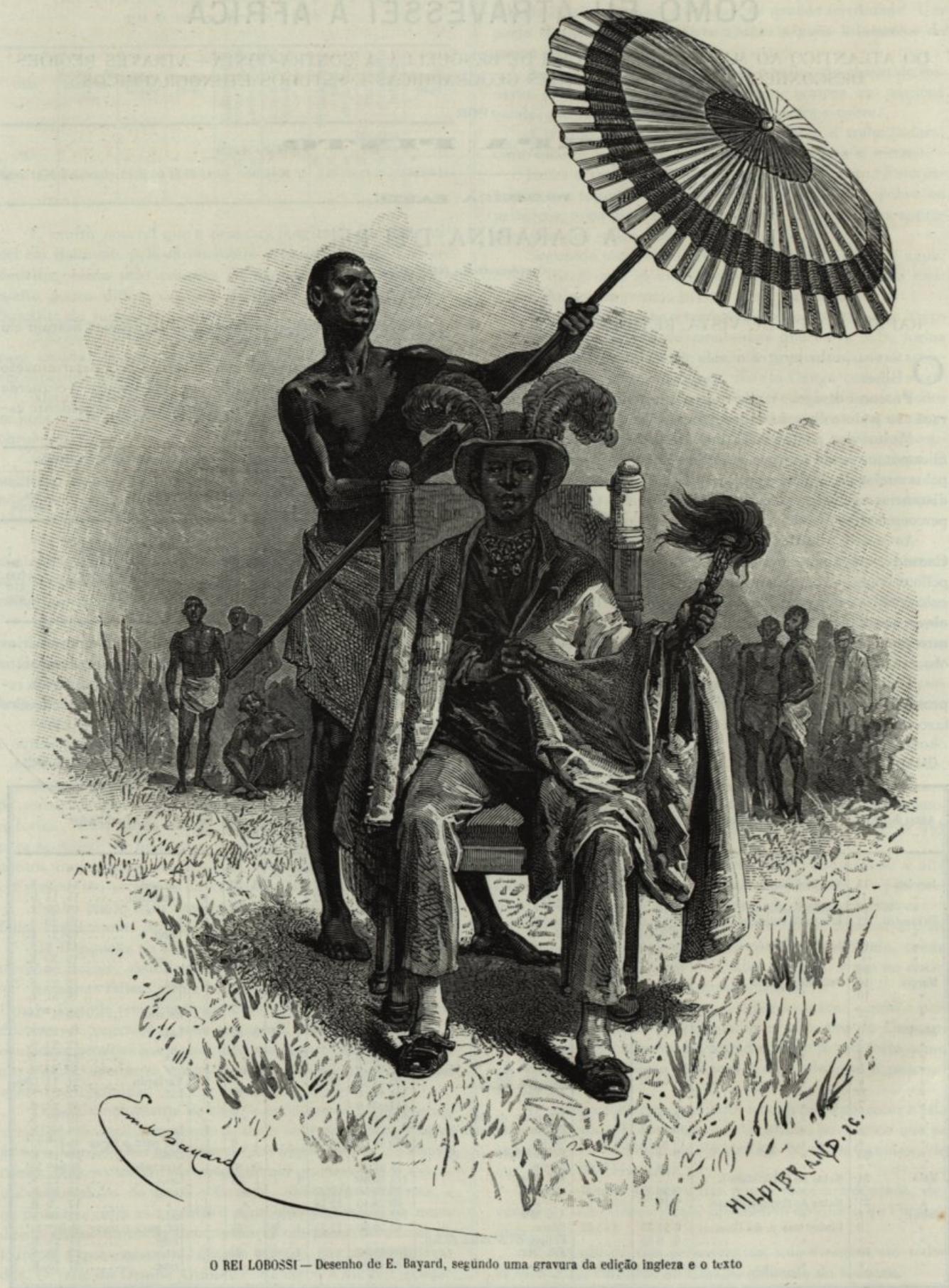
Ditas e repinçadas.

«Eu t'as digo eu t'as direi.

No *Positivismo*, n.º 2 de iv vol. ha uma variante da Terra da Feira.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.



O REI LOBOSSI — Desenho de E. Bayard, segundo uma gravura da edição inglesa e o texto

# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 39)

### RAPIDO GOLPE DE VISTA RETROSPECTIVO

O MAPPA junto mostra o meu caminho de Benguella ao Bihé.

Procurei designar n'elle tudo o que em viagem de exploração se pôde colher de dados geographicos e topographicos.

Muitos dos pontos marcados são determinados astronomicamente, sendo os intermediarios achados grosseiramente pelos rumos da agulha e projecção das distancias percorridas, distancias avaliadas pelos pedómetros e pelo tempo gasto a percorrel-as.

As posições de Benguella, Dombe, Quilengues, Ngola e Caconda, que empreguei na carta, são determinadas por Capello e Ivens, e como eu apenas tinha os resultados dos calculos, ahi os designo taes como m'os deu o Ivens, sem as observações iniciaes. De Caconda ao rio Cuanza as posições astronomicamente determinadas por mim vão precedidas das observações iniciaes.

Tendo-me separado dos meus companheiros em Caconda, prosegui nos trabalhos que tinhamos começado, não podendo fazer observações de inclinometro e força magnetica, porque

os unicos instrumentos que para isso levavamos ficaram em poder de Capello.

Começarei a expôr os meus trabalhos pela determinação das coordenadas geographicas de Caconda á margem esquerda do Cuanza, onde pára a minha narrativa no precedente capitulo.

Resultado das observações de Capello e Ivens, da Costa a Caconda.

Nome dos logares	Longitude E. d. Greenwich			Latitude Sul		Declinação da Agulha		Inclinação da Agulha		Altitude em metros		
	o	'	''	o	'	o	'	o	'			
Benguella . . . . .	13	25	20	12	34	17	23	30	0.	39	37	7
Dombe Grande . . . . .	13	7	45	12	55	12	23	26		39	44	98
Quilengues . . . . .	14	5	3	14	3	10	23	3		40	40	900
Ngola . . . . .	14	39	1	14	16	46						1,410
Caconda . . . . .	15	1	51	13	44	0	23	30				1,676

No seguinte quadro procurei compendiar os necessarios dados para se poderem verificar os resultados que designo.

Todas estas observações calculadas em Africa foram recalculadas em Londres pelo 1.º tenente calculador da marinha ingleza, Selwyn Sugden.

### QUADRO DAS OBSERVAÇÕES ASTRONOMICAS FEITAS PELO MAJOR SERPA PINTO ENTRE CACONDA E O RIO CUANZA

Anno de 1878	Logares onde observei	Hora dos chronometros		Estado para Greenwich	Natureza da observação	Dupla altura do astro			Latitu- de Sul	Long. em tempo	Erro do instrum.	N.º de obs.	Resultados	
		H. M. S.	H. M. S.			o	'	''					o	'
Janeiro	14	Vicete (junto ao Cunene)	8 10 24	1 0 15	Alt. Mer.	101 3 0	..	..	11. M.	3 30	1	1	Latitude	14 2 S.
"	"	"	10 27 44	3 23 2	Chron.	101 2 0	14 2	..	"	"	1	1	Longitude	15 14 E.
"	16	Fende (Cunene)	5 10 2	3 23 16	"	104 31 0	"	"	"	"	1	1	"	15 25 E.
Fevereiro	12	Libata do Paianca	7 55 0	1 0 0	Alt. Mer.	97 3 10	..	..	0 50	1	1	1	Lat.	13 20 S.
"	"	"	10 30 56	3 27 18	Chron.	99 6 30	13 20	..	"	"	1	1	Long.	15 27 E.
"	13	Libata do Capóco	9 3 0	1 0 0	Alt. Mer.	98 30 30	..	..	"	"	1	1	Lat.	13 9 S.
"	"	"	9 57 15	3 27 27	Chron.	115 5 30	13 9	..	"	"	1	1	ng.	15 30 E.
"	18	"	10 18 14	3 28 8	"	104 15 30	..	..	"	"	1	1	"	15 28 E.
Março	16	Belmonte (Bihé)	10 25 0	1 4 0	Alt. Mer.	131 38 30	..	..	"	"	1	1	Lat.	12 22 S.
"	18	"	5 6 10	3 31 43	Chron.	104 58 40	12 22	..	"	"	1	1	Long.	16 51 E.
"	22	"	5 3 1	..	Alt. e gnaes.	103 21 10	"	..	"	"	2	2	Estado	3h 31' 54"
"	"	"	9 51 41	..	"	"	"	..	"	"	"	"	"	"
Abril	2	"	..	..	Alt. Mer.	144 49 0	..	1 8	3 30	1	1	1	Lat.	12° 23' S.
"	3	"	..	..	"	144 4 0	..	"	"	1	1	1	"	12 23 S.
"	4	"	..	..	"	143 20 0	..	"	"	1	1	1	"	12 22 S.
"	5	"	..	..	"	142 32 0	..	"	"	1	1	1	"	12 23 S.
"	6	"	4 53 40	3 34 29	Azimuth 206-30	93 34 20	12 22	..	1	1	1	1	Varição	21 11 (Oes.)
"	7	"	..	..	Alt. Mer.	141 47 0	..	1 8	3 30	1	1	1	Lat.	12 22 S.
"	8	"	..	..	"	141 3 0	..	"	"	1	1	1	"	12 22 S.
"	9	"	0 8 32	0 57 43	Alt. prox. do Mer.	140 14 0	..	"	"	1	1	1	"	12 22 S.
"	10	"	10 50 54	..	Eclipse do 1.º satel. de Jup.	..	..	..	"	"	1	1	Long.	16 46 E.
"	11	"	10 55 6	3 34 54	Chron.	65 48 0	12 22	..	1 0	1	1	1	Dif. para o logar	4h 42m 23"
"	12	"	9 4 25	..	Eclipse do 1.º satel. de Jup.	..	..	..	"	"	1	1	Long.	16° 49' E.
"	13	"	9 38 16	3 37 26	Chron.	71 31 40	..	0 30	1	1	1	1	Atrazado	4h 44m 56"
Maio	24	Matas do Cabir (Bihé)	..	..	Alt. Mer.	113 10 40	..	1 7	1 25	1	1	1	Lat.	12° 22' S.
"	25	"	9 38 55	3 42 47	Chron.	79 22 50	12 22	..	"	"	1	1	Long.	16 53 E.
"	31	Matas do Commandante	9 12 5	3 43 56	"	86 38 10	12 28	..	"	"	3	3	"	17 9 E.
Junho	1	Liuvica (marg. do Cuanza)	..	..	Alt. Mer.	110 26 40	..	..	"	"	1	1	Lat.	12 28 S.
"	9	"	6 22 33	3 45 52	Chron.	63 59 30	12 35	1 9	35	1	1	1	Dif. para o logar	4h 54m 34"
"	10	"	6 6 53	..	Eclipse do 2.º satel. de Jup.	..	..	..	"	"	1	1	Long.	17° 25' E.
"	10	"	..	..	Alt. Mer.	108 15 20	..	1 9	0 40	1	1	1	Lat.	12 35 S.
"	10	"	9 17 21	3 45 57	Chron.	82 43 23	12 35	..	"	"	3	3	Long.	17 25 E.

TRANSITO DE MERCURIO ATRAVÉS DO SOL  
EM 6 DE MAIO DE 1878

Data	Local da observação	Latitude	Longitude	Horas do chronometro a hora local	Altura do sol do sext. - 1° 25'	Estado a traçado de Greenwich	Horas do 1.º contacto interno	Longitude
6 Maio-1878	Belmonte	0° 12' 22" 40"	0° 16' 49" 24"	MEDIA DE 4 H. M. S. 10 6 50	MEDIA DE 4 H. M. S. 74 36 55	H. M. S. 3 39 39	NO CHRONOMETRO H. M. S. 11 35 29	0° 16' 50" 15"

É muito notavel que a primeira longitude que determinei em Belmonte pelo chronometro é muito proxima da verdadeira obtida pelo transito de Mercurio. Esta longitude muito pouco differê tambem da obtida pelo eclipse do 1.º Satélite de Jupiter a 23 de abril.

Não inclui n'este quadro as innumeradas observações feitas para estudar as marchas dos chronometros, que publicarei em separado um dia.

Nos estados dos chronometros a grande differença que se nota entre alguns provém de pertencerem a differentes chronometros.

Como se vê, o instrumento empregado por mim foi o sextante com o horizonte artificial de mercurio, que outro não tinha, tendo ficado em poder dos meus companheiros o Abba, unico theodolito universal que possuíamos.

Os meus sextantes eram: um de Casela, de Londres, contando 5"; e outro de Lorieux, de Paris, contando 30". As minhas bussolas azimutaes eram fabricadas em Berlim, e tinham pertencido ao infeliz barão de Barth.

Os meus chronometros eram de Dent, de Londres, sendo dois de algibeira, e um, que depois de Benguella me enviaram ao Bihé, de marinha, tambem de Dent.

Este ultimo era mau, mas os primeiros excellentes, sobretudo o que eu designo com a letra S, nos calculos.

Das altitudes muitas são determinadas pelo hypsometro, e outras pelo aneroides, cotisado com o hypsometro.

Essas altitudes vão marcadas na carta em metros.

A carta do paiz do Bihé, muito grosseira e incompleta de certo, foi levantada á bussola, nas minhas excursões venatorias; mas, ainda assim, possui a sufficiente exactidão para se julgar do paiz, e prouvera a Deus que as cartas de pontos muito mais proximas da costa em que dominamos, estivessem tão proximas da verdade como ella.

Ponho ponto aqui nos detalhes das minhas cartas, para fallar rapidamente do paiz que ellas representam.

De Benguella ao Dombe, como se vê, costeei o mar, em terreno calcareo, abundante de minerios diversos.

As aguas faltam ali na estação secca, e apenas o valle do Dombe Grande tem a sufficiente para ser enormemente productivo. A vegetação, sem ser pobre, não tem, todavia, a opulencia peculiar aos paizes intertropicaes. Entre Benguella e o Dombe apenas se encontra agua potavel n'um pequeno charco na Quipupa.

O paiz é abundante de caça, e encontra-se n'elle grande variedade de antilopes, sendo os mais vulgares o *Strepsiceros kudu*, o *Cephalophus mergens*, o *Cervicapra bohor*, e o *Oreos canna*. Nas rochas de carbonato de cal que formam o systema orographico do Dombe Grande, abundam os *hyrax*, e na planicie, entre as grandes e pomposas plantações de mandioca, vivem muitos *hystrix*, maiores um pouco do que os da Europa, e que causam ali grande estrago nas terras cultivadas. O valle do Dombe Grande é de certo a melhor porção

de terreno da provincia de Angola. As suas condições de salubridade não são más, e o solo é de grande fertilidade. Um porto de mar, o Cúio, dista apenas alguns kilometros do maior centro de produção.

As montanhas que enquadram o valle, são cheias de minério, e já tem estado em exploração, sempre em pequena escala, por falta de capitaes. Ha ali enxofre e cobre.

A população indigena é de boa indole e trabalhadora, tanto quanto o pôde ser um preto abandonado a si mesmo.

Entre o Dombe e Quilengues o paiz é deserto. Pelo caminho que segui ha falta de agua, e a vegetação, pobre ao principio, toma luxuriante esplendor ao passo que nos aproximamos de Quilengues.

Seguindo o curso do rio Coporolo não ha falta de agua, e ouvi dizer, que se encontra sempre uma vegetação rica. Comtudo, o paiz mesmo por ali não é habitado.

Ao sahir do Dombe o terreno eleva-se bruscamente a 550 metros, e um systema de montanhas que corre N.S. fórma pequenos valles que se vão elevando gradualmente até attingir 900 metros em Quilengues. No rio Canga começa o terreno granitico, e com elle uma vegetação mais pomposa. Todos os rios designados no mappa até Quilengues são apenas torrentes na estação chuvosa, mas em muitos é possivel encontrar agua na estia, cavando poços nos seus leitos arenosos. O proprio Coporolo está sujeito a esta condição de pobreza.

Quilengues é um extenso e fertil valle, em condições eguaes ao do Dombe, tendo por emquanto muito menos valor, por falta de communicações com a costa.

A sua população é densa, e nas suas campinas pastam milhares de cabeças de gado vacuum de excellente raça.

Os Quilengues são fortes e aguerridos, e nos ataques que dirigem contra os Mundombes são sempre vencedores, o que os não impede de serem vencidos pelos povos do Nano, que descem ali a roubar gados e gente.

Estes povos de Quilengues, como os do Dombe, são avas-salados a El-Rei de Portugal, mas não são tão submissos como os Mundombes.

Tem de certo um futuro o paiz de Quilengues, quando faceis communicações o ligarem á costa, á Huila e a Caconda, e quando for administrado como o deve ser.

De Quilengues a Caconda o caminho é por Caluqueime, paiz muito povoado; mas eu segui outro, por motivos que cito na minha narrativa.

Ao sahir de Quilengues para o S.E. encontra-se a alta serra de Quilengues, que se eleva rapidamente a 1750 metros, e que eu passei na parte chamada Monte Quissécua.

Ali começa o grande planalto da Africa Austral, e d'ali ao Bihé a planicie enorme conserva aquella altitude, tendo apenas ligeiras depressões nos leitos dos rios, e um ou outro pequeno systema de montanhas isoladas.

D'este planalto já correm rios permanentes, sendo o primeiro que encontrei n'estas condições affluente do Cunene.

A vegetação arborea no planalto não é já tão forte como em Quilengues, mas a herbacea é mais rica, se é possivel sel-o.

O terreno continúa granitico, e começa a apparecer n'elle maior abundancia de termites. As unicas povoações que se encontram no caminho que segui são Ngola e Catonga, de que já fallei detidamente.

Em Caconda o paiz é um pouco mais accidentado, devendo ser não menos rico e productivo do que o de Quilengues.

É cortado de rios permanentes, que o regam em todas as direcções, affluindo ao Catapi, affluente do Cunene.

A febre miasmatica é endemica em Caconda, como em Quilengues e como na costa; mas apresenta ali um caracter mais benigno, e raras vezes faz victimas.

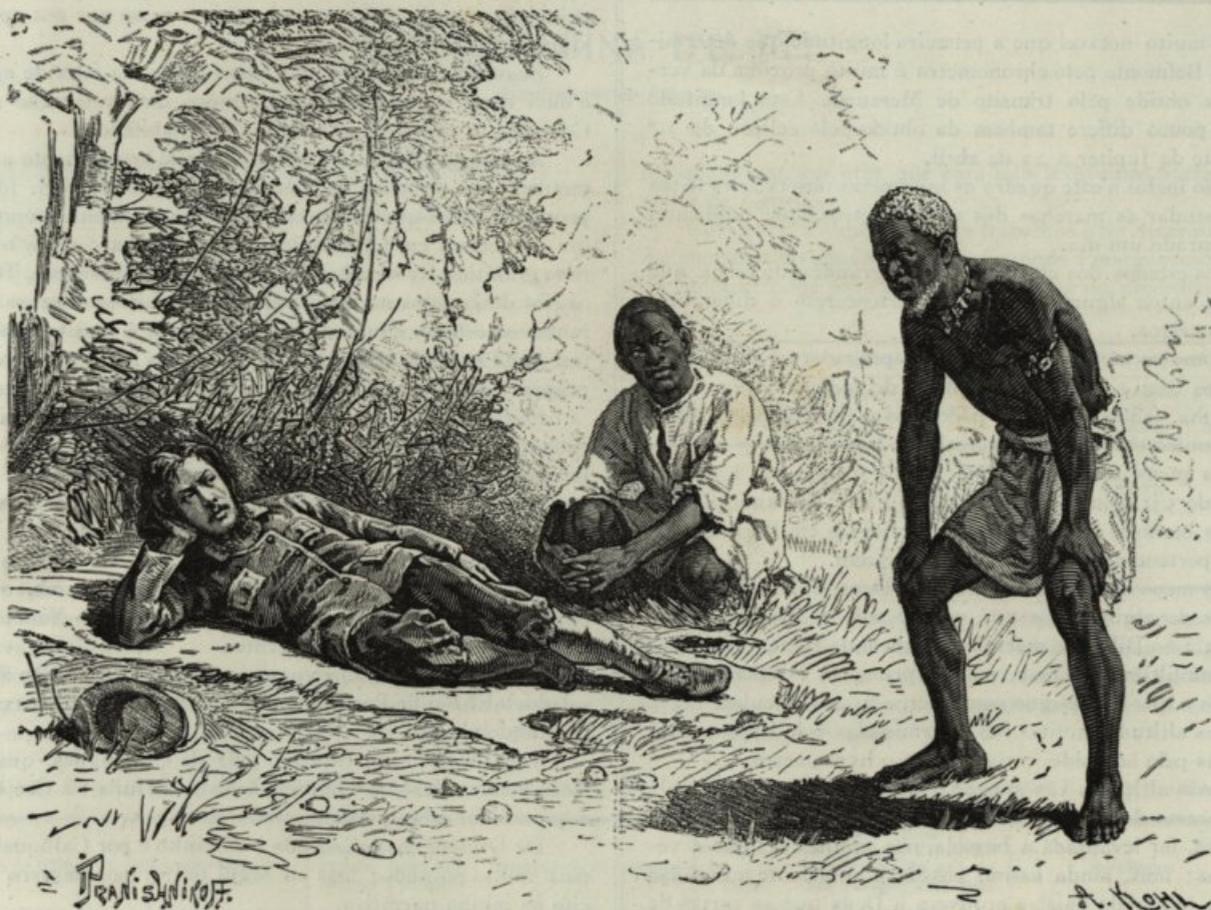
Eu julgo Quilengues nas mesmas condições de salubridade de Caconda.

As condições climatologicas do paiz de Caconda é que já differem essencialmente das da costa, e mesmo das de Quilengues.

Apenas 13° e 44' distante do Equador, o clima, que de-

veria ser ardente, é temperado pela altitude enorme a que se encontra; mas está por isso mesmo sujeito ás bruscas mudanças que se dão entre o dia e a noite em todo o planalto. Ha ali uma lucta constante entre a altitude e a latitude, sendo que esta impera de dia quando um sol a prumo dardeja raios de fogo, e aquella de noite quando uma altura de 1:700 metros nos faz viver n'uma atmospherã tão rarefeita.

Lembra-me aqui o que Anchieta me dizia, que se viveria optimamente em Caconda, se uma machina em contacto



VISITA DO DOUTOR — Desenho de Ivan Pranišnikoff, segundo o texto

com um thermometro, nos fosse deitando cobertores na cama á medida que o thermometro descesse, durante o somno.

Esta grande desigualdade de temperatura entre o dia e a noite dá-se quando o sol tem declinação Norte, porque durante o tempo em que elle anda ao sul do Equador é ella muito menor.

Sempre ouvi dizer, que em Caconda produzem as fructas da Europa, mas infelizmente não o sei de sciencia propria, que nenhuma ali encontrei; todavia, creio que se poderão ali aclimatar. A batata é muito boa e produz muito, não só ali como em todo o planalto; mas é tão difficil o seu transporte para Benguella, que a batata que se consome ali vae de Lisboa.

Ha muito boa hortaliça e legumes da Europa, que se dão bem em todo o planalto.

Perto da fortaleza a população é rara, mas a uma certa distancia está condensada, sendo governada por chefes independentes.

De Caconda ao Bihé o paiz é muito populoso, e, se menos pastores do que os povos até Caconda, são um pouco mais agricultores.

Nos paizes do Nano, Huambo, Sambo e Moma, os povos são mais bruscos, mais aguerridos e independentes.

Os terrenos, como se vê no mappa, são cortados de rios que dividem as suas aguas para tres grandes arterias, o Cunenene, o Cubango e o Cuanza.

Ao N. das terras do Sambo, o planalto fórma um enorme descampado, a que chamam no paiz a *Enhana* de Ambamba, terreno alagadiço onde nascem cinco rios importantes, dois dos quaes vão ao Norte e tres ao Sul.

Dos que vão ao Norte, um é o Québe, que vae entrar no mar por 10° 50' de Latitude S., junto ás Tres Pontas, entre Novo Redondo e Benguella Velha.

Este rio na parte inferior do seu curso toma o nome de Cuvo. O outro é o Cutato das Mongoiás, que corre ao N. a afluir ao Cuanza.

Os tres que correm ao S. são o Cunene, o Cubango e o Cutato dos Ganguellas, que se une ao Cutango.

O maior systema de montanhas que encontrei é uma serra que corre de N.E. a S.O. ao N. do paiz do Huambo, em cujas vertentes nascem o Caláe e o Cuçúce, que se unem para affluir ao Cunene.

Uma grosseira observação do aneroide indicou-me o seu cume a mais de 2:500 metros acima do nivel do mar.

Fazendo excepção á minha regra de não baptisar em Africa rios ou montes, dei a esta serra o nome de Andrade Corvo, por ser designada no paiz apenas por serra do Huambo.

Não encontrei entre os indigenas vestigios de ter o paiz outro minerio além do ferro, o que não quer dizer que o não haja.

O terreno é ainda granitico, e o solo póde dizer-se que em muitos pontos é de formação animal, pois que é construido pelas termites.

Além da disposição especial que encontrei no terreno termitico das margens do Cutato dos Ganguellas, encontram-se 4 differentes construcções termiticas, que supponho pertencerem a 4 differentes especies.

Ha abundancia de caça, sobretudo nas faldas da serra de Andrade Corvo, entre o Caláe e o Cuçúce, que nunca vi tanta em Africa, a não ser no Zambeze.

Além dos antilopos que já citei fallando do Dombe, abundam ali o *Hippotragus equimus*, o *Catoblepas taurina*, e o *Bubalus Caffer*.

As florestas são em grande parte formadas de leguminosas, sobresahindo um sem-numero de especies da acacia.

Ha muito poucas plantas trepadeiras.

Passamos a linha divisoria das aguas entre o Cubango e o Cuanza, e entramos no paiz do Bihé, de certo o mais importante do Sudoeste d' Africa.

O paiz do Bihé, de cujos povos fallo detidamente no capitulo anterior, é cortado por dois rios importantes, ainda que innavegaveis, o Cuqueima e o Cuito. Innumeros riachos sulcam em todas as direcções o terreno, e vão affluir áquellas arterias principaes.

O clima é egual ao de Caconda, e subsistem ali as mesmas condições atmosfericas.

O terreno é granitico e de uma admiravel força productiva. As pastagens são optimas para todos os gados. É pobre de caça; mas, em compensação, é desinfestado de feras.

Não creio muito que seja rico em productos mineralogicos, porque a sua densa população não tem encontrado vestigios de minerios ricos, e eu tenho visto em Africa, que os primeiros a encontrarem o ouro, o cobre, o chumbo e o ferro são os indigenas.

No Bihé o que é verdadeiramente rico é o terreno, e não sei de paiz Africano que mais podesse prosperar pela agricultura e commercio.

A raça europêa vive ali muito bem, e o producto do cruzamento d'ella com as raças do paiz é physicamente admiravel.

Durante a minha permanencia em Belmonte, fiz um estudo detido das condições climatologicas, e sobretudo no primeiro mez, em que o pertinaz rheumatismo, contrahido em viagem, me impediu de sahir, observei regularmente o barometro e o thermometro de 3 em 3 horas durante o dia.

Adiante apresento um quadro d'essas observações, durante trinta dias, fazendo notar, que a egualdade de temperatura que se nota durante o dia é devida á estação do anno

em que foram feitas as observações, estação que corresponde ao nosso outono.

As chuvas tem duas epochas, com uma interrupção de estiagem que se dá em dezembro e janeiro. As primeiras chuvas cahem em meado de outubro, e duram até principio de dezembro, sendo mais moderadas do que as segundas que cahem do fim de janeiro ao principio de março.

Os ventos reinantes são dos quadrantes de léste, sendo muitas vezes persistente o vento léste bastante forte; isto na estiagem, porque na estação chuvosa as maiores tormentas que observei vinham do oes-sudoeste, e dos quadrantes do sul. As chuvas vem sempre, sobretudo as de fevereiro, envoltas com meteoros electricos, e cahem no meio de terriveis trovoadas.

O seguinte quadro apresenta as minhas observações desde o dia 25 de março ao dia 23 de abril de 1878.

Por esta serie de observações se vê quão ameno é o clima do Bihé n'esta epocha do anno.

Anno de 1878		6 Horas		9 Horas		Meio dia		3 Horas		6 Horas	
Mez	Dia	Barometro	Thermometro								
Março	25	629.8	19.1	630.5	20.4	629.2	22.4	628.8	23.2	630.0	21.6
	26	632.0	20.1	631.9	21.2	630.8	21.6	629.8	21.5	629.5	21.0
	27	629.5	19.4	632.0	19.9	629.6	21.0	628.5	21.3	630.0	20.6
	28	630.0	19.4	631.6	19.9	629.5	20.4	629.0	22.1	629.0	21.6
	29	630.2	20.6	632.3	20.8	630.0	21.6	628.5	22.5	629.2	22.1
	30	631.0	18.3	632.0	20.6	631.0	21.9	630.0	22.2	629.9	21.3
Abril	31	631.0	19.2	632.3	20.0	631.2	20.9	629.2	21.3	631.0	20.4
	1	630.5	18.6	632.0	19.5	630.6	20.4	630.0	19.9	630.0	19.8
	2	631.0	17.5	632.0	18.7	630.0	21.1	629.3	20.2	630.0	20.2
	3	630.0	18.8	632.5	20.0	630.5	21.1	630.0	21.2	629.0	20.9
	4	632.0	18.6	632.0	20.2	630.0	21.2	629.5	21.6	630.0	20.7
	5	630.0	18.8	632.0	20.0	630.3	21.1	630.0	22.0	629.8	20.1
	6	630.0	17.2	632.3	19.8	631.0	20.4	630.5	21.7	630.0	20.2
	7	630.0	17.8	632.0	19.7	630.5	21.0	629.0	22.7	630.0	21.5
	8	629.0	17.6	632.0	19.9	630.0	21.5	629.5	22.8	630.0	21.3
	9	629.5	18.4	631.5	20.4	631.0	21.8	629.3	22.6	629.8	21.1
	10	631.2	18.1	632.8	20.5	631.5	21.7	629.4	22.4	630.0	21.5
	11	630.5	16.6	631.9	20.2	631.0	21.4	629.5	23.0	629.8	21.7
	12	629.0	16.4	629.9	20.1	629.0	21.1	627.0	22.6	629.0	21.8
13	628.3	18.2	630.0	20.2	629.6	21.6	629.4	22.3	629.5	21.1	
14	629.0	18.6	631.5	20.4	630.6	22.0	629.5	23.1	630.0	21.7	
15	631.4	17.2	632.6	19.7	631.0	21.3	630.5	22.4	630.5	20.7	
16	630.6	16.1	632.0	19.0	630.3	21.3	629.0	22.8	630.0	20.2	
17	632.6	19.4	633.0	20.7	631.0	22.0	630.0	22.2	630.0	20.0	
18	631.6	18.0	632.0	20.1	630.0	20.4	629.7	22.7	629.9	19.8	
19	631.2	17.8	632.2	20.3	630.6	21.0	630.1	23.0	630.5	19.7	
20	630.7	16.5	631.9	20.1	630.4	21.2	630.0	22.7	630.0	20.1	
21	631.0	15.6	632.1	17.8	630.3	19.8	629.3	20.6	629.8	19.5	
22	630.0	14.6	632.0	17.1	630.0	19.2	628.7	20.4	629.0	19.4	
23	530.3	14.9	632.0	17.9	630.5	20.0	629.2	21.3	630.0	20.0	

É muito notavel a marcha diurna do barometro, que ali é inalteravel em presença das mudanças bruscas da atmosphera. Um boletim meteorologico feito a 0<sup>h</sup>. 43<sup>m</sup>. de Greenwich, ou 1<sup>h</sup>. 50<sup>m</sup>. do logar, completa o estudo atmosferico d'este paiz n'aquella epocha.

Este boletim de que agora dou conta em trinta dias, foi continuado durante toda a viagem, tendo apenas as interrupções provenientes de doencas ou de estorvos occasionaes.

O terreno de Belmonte para léste desce um pouco até ao Cuqueima, na parte em que este rio corre de S. ao N. Na margem direita do Cuqueima eleva-se um pouco para descer ao valle do Cuanza.

Na parte léste do paiz reaparece a vegetação arborea mais rica, e ha pequenas mas densas florestas.

Em todo o vasto territorio comprehendido entre o Bihé e Benguella, não existe o zé-zé, esse flagello de muitos pontos da Africa Austral, que, matando o cavallo e o boi, priva o homem de dois dos seus maiores auxiliares na vida pratica.

Uma especie de epizotia, que no paiz chamam *cahônha*, ataca o gado bovino e lanigero, não fazendo ainda assim os

estragos que na Europa e outras partes d'Africa produz a epizotia.

Boletim meteorologico feito a 0 h. 43 m. de Greenwich ou 1 h. 51 m. do Bihé

Mez	Dia	Barometro	Thermometro secco	Thermometro molhado	Chuva em millimetros	Direcção do vento	Estado da atmosphera
Março	25	628,7	22,9	20,2	40	S. S. O. fraco	Durante a noite trovoadas, hoje sem limpo.
"	26	629,6	22,1	20,0	2	O, S. O. fraco	Nublado de noite, de dia cirrus.
"	27	629,1	21,0	20,1	31	E. forte	Chuva durante a noite.
"	28	628,8	21,5	21,2	0	Calma	Algumas nuvens, cirrus.
"	29	629,0	22,3	21,6	0	"	"
"	30	630,0	22,0	21,0	0	"	"
"	31	629,5	21,5	20,8	0	E. forte	Nublado.
Abril	1	630,5	20,2	19,4	17	Calma	Nublado. De noite trovoadas a S. O.
"	2	629,3	19,8	19,1	0	E. forte	Algumas nuvens, cirrus.
"	3	630,0	20,9	19,1	0	E. moderado	"
"	4	630,3	21,5	20,2	0	"	"
"	5	630,5	21,8	20,6	0	"	"
"	6	630,0	21,1	19,2	0	"	"
"	7	629,3	21,8	19,7	0	"	"
"	8	628,1	22,5	19,8	0	"	"
"	9	629,6	22,2	20,6	0	Calma	"
"	10	629,0	21,8	19,9	0	"	Ceu limpo.
"	11	629,8	21,9	19,8	0	"	"
"	12	627,8	21,8	19,8	0	"	Alguns cirrus.
"	13	629,5	22,0	20,1	0	"	Nublado.
"	14	630,0	22,5	20,2	0	"	Alguns cirrus.
"	15	630,5	21,6	19,6	0	E. forte	Ceu limpo.
"	16	629,8	21,6	19,7	0	Calma	Alguns cirrus.
"	17	630,0	22,0	18,6	0	E. forte	"
"	18	630,0	22,2	20,3	0	"	"
"	19	630,4	22,5	20,1	0	E. moderado	"
"	20	630,2	22,0	20,2	0	"	"
"	21	629,8	19,9	15,5	0	"	Ceu limpo.
"	22	629,6	19,9	16,1	0	"	"
"	23	630,0	20,5	18,3	0	E. forte	"

Não existe ali a molestia que mata tantos cavallos no Transvaal e no Calaári, a que os inglezes chamam *Horse-sickness*. Em toda a parte o gado suino prospera e desenvolve-se como na Europa, sendo facil a conservação da carne, o que já não acontece perto da costa.

O paiz até ao Cuanza, e ainda para além, tem grande carencia de sal, sendo todo o que ali se gasta proveniente da costa.

Não ha minas de sal gemma, e as aguas, mesmo as das lagoas, são potaveis.

N'este succinto resumo, procurei compendiar o resultado das minhas observações, dando uma noticia geral do paiz, e terminarei com um curto juizo meu acerca d'elle.

Colocado em uma posição geographica muito differente da do Transvaal, o paiz comprehendido entre a costa e o Bihé, aproxima-se d'elle pelo clima, e possui um solo mais fertil. A comparação entre a mesma planta vegetando nos dois paizes indica isso.

Tem uma população indigena muito mais condensada do que a do Transvaal e muito mais agricultora. Não é menos abundante em boas pastagens, e é mais rico em florestas.

O Transvaal possui uma grande riqueza mineralogica, que escaccia ali, mas eu creio que estará reservado a este paiz um futuro mais prospero do que aquelle, porque o Transvaal está isolado do resto d'Africa pelos desertos aridos e pela mosca zé-zé, enquanto estes terrenos estão em facil comunicação com um interior quiçá mais rico.

(Continua.)

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 30)

EMQUANTO esteve em Fernão Vaz M. du Chailu ligou-se com os chefes que governavam esta região. Os chefes das margens do rio assenhorearam-se da entrada dos rios; um rito religioso consagrou-lhes os direitos.

Esta muralha levantada pelos Aboyas do Oouenga foi aberta em favor de M. du Chaillu; no seu livro *Afrique equatoriale*, publicado em 1857, descreve os costumes e habitos dos povos com que esteve em contacto. N'uma segunda viagem empreendida com mais socego elle levou as suas investigações até 1° 58' 54" de latitude sul, e 9° 36' de longitude a Este de Paris. Uma imprudencia commettida por um dos seus carregadores tornou-lhe hostis todos os povos do interior, onde o receio das bexigas o fizera embrenhar e d'onde foi obrigado a retrogradar rapidamente. N'esta fuga esteve quasi a perder as suas collecções e o seu diario, resultados de infinitas fadigas. Tendo partido de Obinji no Rhemboe-Oouenga cortara a linha que separa o

valle d'este rio do dos affluentes do Ngoyé, um dos braços do Ogooué superior. Tinha atravessado quatro affluentes do Ngoué, alcançara o Odinganga que parece ser o mais importante d'estes rios e atravessou uma collina de cem a cento e vinte metros de altura; o leito de Odiganga está a quatrocentos metros de altitude.

Aos Bakalés succedem-se os Achiras, que elles dividem em Achiras, Kambas e N'gojés; os Sekianis ou Bulus, que vivem ao norte do Gabão, estão aqui representados por um ramo chamado Aknas que se interpõem entre os Achiras e os Achangos; os Aponos seguem-se-lhe; assim como os Achangos parecem pertencer á grande raça dos Achiras de que fallam a lingua. Os Ichogos, que se interpõem entre elles, parecem pertencer aos Apingis do dialecto dos quaes usam.

O Odiganga serve de limite aos territorios dos Ichogos e dos Achangos. Os N'javis, impel-

lidos para o oeste por poderosos visinhos, estão contíguos aos Achangos.

Os Obongos, ou anões que vivem nos bosques, vivem nas visinhanças de Niembonai, ultimo ponto aonde chegou M. du Chaillu; têm um metro e trinta e dois centímetros a um metro e trinta e quatro d'altura segundo o sexo; a sua côr é amarella escura; não vivem com os seus visinhos.

Entre os escravos libertados pelo *Africain* no cabo Lopez, em 1868, estava um anão que era muito bem feito; mandei tirar-lhe a photographia; sem duvida pertencia aos Ahnas; não entendendo a linguagem dos interpretes do Gabão, não pude conseguir d'elle informação alguma sobre o lugar em que nascera.

Os negros que interrogavamos citavam-nos como limitrophe do N'javi a raça solipede dos Spadis. Parece evidente que querem assim designar as raças que montam a cavallo ou em bois, confundindo o homem, com o animal montado.

O homem morcego deixa o homem solipede a perder de vista. Os negros contam muitas fabulas: mas não nos falla Santo Agostinho em acephalos africanos? O exemplo do grande doutor dá aos negros o direito de crear centauros e homens morcegos. Este ultimo genero foi-me descripto por um negro chamado José.

José era um dos escravos apprehendidos no Eliva; tendo-se tornado christão era casado e educava soffrivelmente os filhos. Tendo-se dedicado á jardinagem era assaz habil no seu officio. O seu bom humor attrahia-lhe geraes sympathias e era bem raro que me não apparecesse quando eu passeava no meu jardim. Nada o espantava; vira homens com cauda de que sabia a lingua; descrevia-me os seus assentos que eram aptos para poderem accommodar o appendice. Mas o grande triumpho d'este bom e ingenuo narrador era a historia dos homens morcegos: «de noite desciam das arvores para caçar e fazer a guerra contra os pretos;» podiam manejar toda a especie d'armas. É geralmente admittido pelos negros do Ogooué que os *ginnas*, bem impropriamente chamados gorillas pelos americanos, não se sabe porque, podem ser as encarnações das almas dos mortos. Estes animaes compartilham com os brancos d'esta honra. As mulheres gravidas não devem ver *ginnas*, pois que a creança que trazem no ventre pode ser influenciada pelo quadrumano.

Mr. du Chaillu fez a este quadrumano uma

reputação de ferocidade que elle não merece; todos os negros a quem perguntei me disseram ser animal inoffensivo. Em 1841 prometti uma somma relativamente forte a quem me trouxesse um; esta minha vontade só foi cumprida muitos annos mais tarde e foi o almirante Penaud que teve a honra de enviar para França o gorilla que hoje está no museo do Jardim das plantas de Paris. Desde então tornou-se mais facil encontral-os. Os negros espreitam o momento em que elle está repleto e então prendem-o á sua vontade.

Eu criei na *Zenobie* dois pequenos *ginnas*, que me tinham sido trazidos em 1866 e 1867; pude então observar que eram muito mansos e perfeitamente inoffensivos. É necessario trazer-os em liberdade; não se sujeitam como os macacos pequenos a estarem presos; deixar-se-hiam morrer d'innanição. Davam-se todos os dias ao prazer de subir ao alto dos mastros e só á noite eram recolhidos.

Estes quadrumanos são muito sensiveis, a ponto de, quando têm um desgosto, deixarem de comer. Foi o que succedeu a Jayme 1. Jayme 11 foi objecto de particulares cuidados: tinha recebido na cabeça alguns grãos de chumbo e depois amarrado pelo pescoço e o laço arrancara-lhe a pelle: depressa se curou d'estas feridas. Ambos gritavam extraordinariamente de noite, o que fazia julgar serem animaes nocturnos. Quando se fazia a lavagem a bordo, Jayme vinha regularmente bater-me á janella, sentava-se aos meus pés, seguia attentiosamente todos os meus movimentos ao barbear-me, acompanhava-me ao gabinete, sentava-se ao meu lado emquanto eu escrevia, e acabava por se pôr em cima das almofadas d'um sophá e de lá saltava-me para os hombros; quando eu deixava a penna, rapido como um raio, escarranchava-se sobre o meu peito, como um pesadello dos contos allemães; então átingia o cumulo da sua felicidade, fitava ardentemente os seus olhos sobre mim; era inutil tentar livrar-me d'elle; tocava a campainha e o criado da camara vinha ajudar-me a tirar o casaco que o macaco segurava com as suas quatro mãos; deixava fazer tudo isso e o meu casaco era levado com Jayme que só o largava, quando conhecia que nas suas mãos só estava um casaco. Sem duvida esta posição recordava-lhe a que occupava quando a mãe o aquecia junto do peito. Pobre Jayme! Quando navegamos para o sul começou a soffrer do peito; ao chegar a Santa Helena já não era senão uma sombra, posto que

a sua intelligencia se conservasse lucida. Quando lhe disse que apertasse a mão a s. ex.º o governador de Santa Helena estendeu-lhe a mão de um moribundo fitando n'elle um olhar bem triste. O almirante Eliot impressionou-se com aquelle olhar e com o gesto que parecera reflectido. Passados dois dias morreu este pobre animal. O almirante pediu-me o esqueleto para Sir Charles Lyell.

Ao contrario dos macacos das pequenas especies, que quando andam põem as palmas das quatro mãos no chão, as grandes especies só pousam no chão a parte interna das mãos inferiores; as mãos superiores apoiam-as no chão cerradas de modo que é na parte superior dos dedos que se firmam, o que torna o andar d'estes animais pesado e oscilante.

Ha apenas trinta annos que o Gabão é francez. Os primeiros annos do dominio francez n'aquella possessão foram nullos para o commercio, todos oscuidados d'administração europêa dedicavam-se ao abastecimento dos cruzadores; mas, pouco a pouco, o commercio foi-se aclimatando; os inglezes foram os primeiros a reconhecer a necessidade de ligar por meio de linhas postaes as possessões que têm na costa occidental até Fernando Pó.

A linha ingleza em serviço para o Brazil e a linha franceza que faz escalla pela Gorea deram-lhe occasião de estabelecer rapidas communicações entre Portugal, o Brazil e as nossas possessões situadas ao norte e ao sul do equador.

A linha portugueza que toca no Archipelago de Cabo Verde e em S. Thomé vae depois tocar em Mossamedes, ponto extremo das muitas colonias portuguezas.

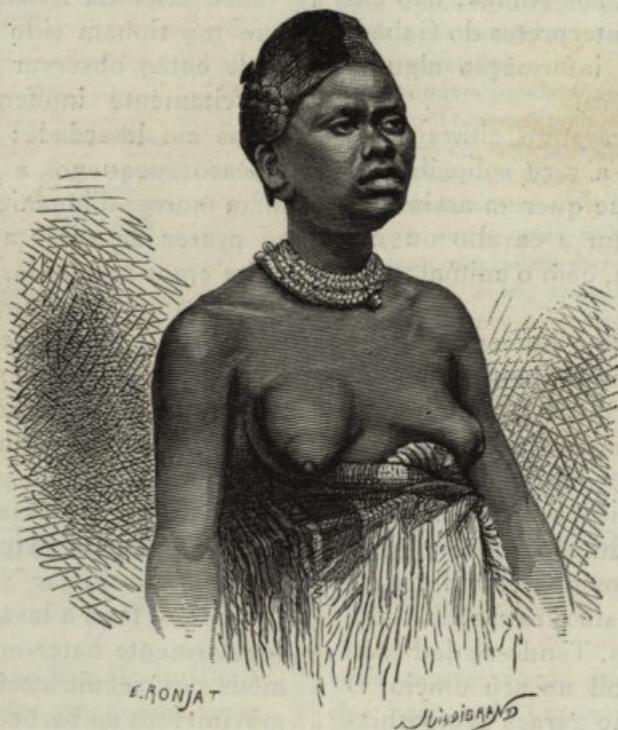
O caoutchouc, o marfim, o ebano são os tres productos em que mais se commercia na Africa equatorial. As pacientes investigações dos officiaes e medicos da marinha franceza fizeram conhecer que a estas substancias se podem juntar,

em primeiro logar os oleos de muitas plantas; umas, como as *jathropeas* dão um oleo medicinal, podendo, como o oleo de palma, condensar-se e converter-se em sabão e serem empregados nas artes; outros como o *oba*, dão uma verdadeira manteiga vegetal, susceptivel de ser empregada na preparação dos alimentos. A arvore da manteiga, tão commum nos affluentes do Niger, existe provavelmente no alto Ogooué e poderá servir para completar os oleos vegetaes, a palmeira, productora do chamado oleo de

palma, é commum a todo o estuario de Ogooué e do Fernão Vaz; o *enimba* ou *raffia* produz um fructo, cuja polpa pouco espessa, coberta de brilhantes escamas, dá um oleo de peor qualidade; a *abacateira* dá um fructo em fôrma de pera que produz um oleo de melhor especie; começa a vulgarisar-se nos jardins dos negros do Gabão; o *amendoim* dá-se muito bem, assim como tambem as *encurbitaceas*, cujas sementes dão um oleo excellente.

A missão franceza n'um terreno de vinte e cinco hectares ensaiara a cultura do cacao e do café; as principaes sementes d'estas plantas foram fornecidas pelo defunto snr.

Carneiro, notavel agricultor da ilha do Principe, que teve a amabilidade de presentear com ellas os differentes commandantes das estações navaes, entre outros ao almirante Baudin e a mim. As arvores do pão originarias do mar do Sul multiplicaram-se sob as suas duas fôrmas e dão-se muito bem; a que dá castanhas faltava á collecção de Monsenhor Bassieux e eu fui bastante feliz por poder encontral-as em Serra-Leôa e está hoje aclimatada no Gabão. A arvore de pão ou *mayoré* da Polynesia não tem sementes e reproduz-se por estacas. A arvore das castanhas é a *rima* da Polynesia; dá um fructo que germina e em que pôde ser enxertado o *mayoré*; a folha e o aspecto do *mayoré* e do *rima* são identicos: a folha parece-se com uma mão aberta. (Continúa.)



UMA RAPARIGA DO GABÃO

Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia



UM TEMPLO DE DOREY

## VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 39)

**S**AKOI, apresentando-me, ora fallando papu, ora malaio, desenvolveu uma grande eloquencia. O que comprehendí d'esta ultima lingua era um elogio do orador e em seguida de mim que era, dizia elle, o grande possuidor dos estofos e missangas. O sanadi ouviu-o com grande attenção, direi mesmo com favor e, concluido o discurso, passou-se aos apertos de mão e á distribuição do tabaco.

Em seguida levaram-me á maior das casas que, como a de Dorey, podia conter cincoenta ou sessenta pessoas. Era como todas as outras construida sobre estacaria, mas a uma altura de vinte pés, onde só se podia chegar passando por

cima d'um tronco de arvore inclinado, tendo uns degraus grosseiros em que os pés nus dos indigenas encontravam apoio.

Aventurar-se alguem, calçado, sobre esta delgada ponte seria uma imprudencia. Julguei prudente descalçar-me e, com muita cautella, mas sem mostrar o menor receio, trepei. Em poucos segundos cheguei ao termo são e salvo; mas o mais difficil restava ainda fazer. Quando entrei a porta deparei com um soalho formado de ramos transversaes da grossura d'um braço e separados uns dos outros cincoenta ou sessenta centimetros. Agora já se não tratava de caminhar, mas sim de dar uma serie de saltos,

cahindo de cada vez justamente sobre um dos troncos sem perder o equilibrio. Por mais desesperado que fosse o meu appello a tudo quanto eu sabia de gymnastica, as minhas hesitações nem por isso se tornaram menos patentes e fui vencido n'esta corrida de novo genero por uma creança de tres ou quatro annos, que saltava de tronco em tronco com a segurança e rapidez de um macaco. Comtudo sempre consegui chegar a um pavimento em que os troncos estavam mais unidos e onde me offereceram uma esteira. Depressa fui rodeado por toda a povoação; membro algum da communitate faltava, nem mesmo os porcos que, como a creança a que acima me referia, saltavam tambem com uma agilidade que eu ainda não conhecia n'estes pachidermes e que, dando um grunhido de satisfação, se vinham refugiar entre os braços d'alguma mulher Papu de quem eram os favoritos, exactamente como em França um pequeno cão havanez se vem esconder entre as sedas e as rendas da sua dona. Devo confessar que estes porcos, menos favorecidos, em vez de rendas e sedas encontravam apenas uma pelle negra, porca, escuriada e umas mamas que se prolongavam até a cinta.

Em volta de mim todos fallavam, mirando-me com curiosidade, principalmente as mulheres; os homens quasi todos me conheciam.

Posto que unicamente a quatro kilometros da povoação de Dorey, habitada pelos Papus Mafors, encontrava-me em Aïambori no meio d'um outro ramo da raça Papu, os Arfaks, como era facil de notar á primeira vista.

A estatura dos homens é mais alta, os membros são mais musculosos, o rosto mais oval, o nariz mais aquilino e a côr da pelle mais escura. Quasi todos perfuram a cartilagem que separa as narinas para ahi introduzirem um osso, algumas vezes tão comprido que, excedendo o eixo menor da face, vae d'orelha a orelha.

Em vez da immensa cabeleira dos Mafors, que já descrevi, vi em volta de mim uma grande variedade de penteados. Os cabellos estavam divididos em novellos e na raiz amarrados com uma corda; o numero d'estes novellos variava d'um a vinte e mais talvez. Um novello formava uma cuia volumosa no alto da cabeça. Dois outros estavam dispostos aos lados, um atraz e um outro sobre a fronte. No resto da cabeça os cabellos estavam geralmente distribuidos em circulos concentricos de pequenos novellos em fórma de peras, mais ou menos rijos, conforme os

cabellos estavam mais ou menos apertados na raiz.

Afóra isto o traje era o mesmo dos Mafors, com menos enfeites de conchas e de missangas, o que facilmente se explica pelo seu afastamento da costa do mar, d'onde os negociantes malaios nunca se distanceiam.

Por intermedio de Sakoï combinou-se que eu e os meus caçadores podiamos ir caçar todas as vezes que o quizessemos ás suas florestas e que eu teria a especial licença de procurar insectos nos terrenos em que os detritos em decomposição das florestas abatidas por elles me permitiam numerosas e ricas caçadas. Fiz então pequenos presentes a muitos Arfaks para conservar com elles relações cordeaes e em seguida, como n'esse dia chovia torrencialmente, voltei para Dorey.

Passei ainda perto d'um mez em Dorey, indo todas as manhãs a Aïambori, onde arranjei magnificas colleções d'insectos. Durante todo este tempo nunca tive a menor difficuldade com os Arfaks d'esta localidade. Logo que eu chegava as mulheres e as creanças punham-se a caçar commigo, desfazendo os troncos pôdres das arvores, perseguindo com phenomenal agilidade por entre os troncos e ramos cahidos uma borboleta ou escaravelho que sem elles seria impossivel agarrar. Naturalmente cada uma d'estas visitas terminava por uma distribuição de missanga.

Ao principio levava sempre commigo as minhas armas; mas por fim, achando-as pesadas e incommodas, entregava-as descarregadas ao rapaz Mafor que me trazia os tubos e os frascos.

Os Arfaks poderiam ter-me assassinado á sua vontade; nunca n'isso pensaram, creio eu e comtudo ainda não abandonaram os costumes sanguinarios da sua raça. Os Mafors affirmavam-me que os Arfaks escondiam no mais recondito da floresta, n'um tronco ôco d'uma arvore, ossos humanos, tropheus de guerra que em certos dias de festa, a que nenhum estrangeiro era dado assistir, tiravam para adornar as casas. Ainda que sejam amigos os Mafors temem-os e com razão.

Todavia durante a nossa estada em Dorey os habitantes d'Aïambori deram uma prova da confiança que n'elles se pôde ter.

Um dos missionarios hollandezes tinha adoptado uma infeliz creança Papu um pouco disforme e que gostava de passar sósinho dias inteiros na floresta. Um dia não voltou. Se tinha

sido victima d'um assassinato, d'elle só podiam ser suspeitos os Arfaks, visto que na Nova-Guiné não ha animaes ferozes. Indagou-se, procurou-se e com effeito encontrou-se o cadaver da creança decapitado; provavelmente os Arfaks não puderam resistir ao desejo d'augmentar as suas collecções de tropheus. Muitas vezes tambem, apesar das precauções tomadas pelos Mafors que rodeiam os tumulos de muitas paliçadas de bambu, ou que collocam em cima das covas pesadas construcções de pedra, cujo modelo foi copiado dos Malaios, se elles proprios não são os architectos, téem violado as sepulturas.

Em Dorey, por uma d'essas noites equatorias, mais luminosas que os nossos tristes e frios dias d'inverno, fui acordado por vozes ameaçadoras d'homens e por gritos assustados de mulheres. Levantei-me, porque se é indispensavel mostrar aos Papus uma grande confiança, não é menos prudente estar sempre acautelado. Olhando para fóra, simplesmente vi duas sombras de Papus que pareciam querer vir ás mãos. Julgando que nada tinha que vêr em tal desordem tornei-me a deitar muito tranquillamente. No dia seguinte soube que eram dois Mafors, um de Monsinam e outro de Mononkonari que disputavam a propriedade d'uma escrava que o ultimo tinha roubado ao primeiro. O habitante de Mansinam estava perplexo, porque elle e os seus amigos não se sentiam bastante fortes para obrigar o visinho de Mononkonari a entregar a escrava roubada; d'aqui resultou um odio surdo que durante alguns dias não se patenteou por incidente algum. Como já disse, os Aïambori vinham frequentes vezes a Dorey e arriscavam-se mesmo a ir embarcados em pirogas até á povoação de Mansinam, onde eram sempre bem recebidos. Alguns dias depois da discussão nocturna de que eu fóra testemunha soube-se que em Mansinam tres Arfaks tinham sido atacados, ligeiramente feridos e feitos prisioneiros pelo Papu Mafor a quem tinham roubado a escrava. Era incomprehensivel o acto, visto que os Arfaks estavam completamente innocentes do roubo e serem tão numerosos e principalmente tão belicosos que sem duvida derrotariam todos os Mafors de Konavi, de Mononkonari, de Mansinam e outras povoações.

Pareceu-me que este facto devia ser seguido de funestas consequencias e esperava assistir ao massacre geral d'estes ultimos; mas com grande surpresa minha os Mafors nada se inquietavam.

Dois ou tres dias se passaram assim sem que nada succedesse, quando uma manhã, no momento em que me dispunha a partir para uma das minhas excursões todos os meus amigos Aïamboris me sahiram ao encontro; apertaram-me a mão, mas gravemente e sem parar como de costume para me vender toda a especie de animaes. Eu nunca os vira tão bellos; os cabellos tinham sido havia pouco penteados e levavam o armamento completo. Não duvidei que fossem reclamar os tres prisioneiros e portanto julguei prudente addiar a minha sahida.

Caminharam até á beira-mar e começaram a chamar. Vieram então Sakoï e outros Mafors creio eu, pois que me limitei a vêl-os de longe.

Acocoraram-se em circulo e Sakoï orou; depois os Arfaks começaram a dançar, a dar pulos e gritos brandindo as armas e todos se dirigiram para a povoação de Monoukonari.

Mandei chamar Sakoï a quem offereci um pouco de tabaco para o incitar a explicar-me o fim d'aquella expedição. Contou-me com muito socego e ingenuidade que em tudo aquillo nada havia de muito perigoso e que se tratava de uma simples combinação para obrigar o ladrão de Monoukonari a entregar a escrava.

Confesso que cada vez comprehendia menos.

«E é todavia bem simples, replicou elle; Mansinam, o roubado, não é bastante forte para lutar contra Monoukonari, o ladrão. Por isso aproveitou a occasião de prender tres Arfaks para interessar aquella tribu na sua causa. Os Arfaks vão atacar Monoukonari, rehver a escrava que entregarão a Mansinam para que este lhes entregue os tres Arfaks e estes ultimos, assim como a tribu a que pertencem, serão indemnizados da sua intervenção forçada pelo saque de Monoukonari. É tudo quanto ha para receiar; mas não haverá combate, isso não está nos nossos habitos; pode-se surprehender alguém na floresta, mas nunca atacamos frente a frente. Comprehende bem que, sendo Monoukonari menos forte, cederá ás ameaças dos Arfaks; entregará a escrava e pagará a indemnisação de guerra.»

O que Sakoï me predissera aconteceu fielmente e tudo voltou á mais santa paz.

Este facto parece-me não necessitar commentario, para evidenciar o sentimento de solidariedade que, modificando o que pôde ter de excessivo a liberdade individual, fórma a base da sociedade Papu.

## TERNATE — AS MOLUCAS

Povoação d'Andaï — As pirogas papús — Partida para Amberbaki — Inimizade dos Prafis e dos Mafors — Caça ás aves do paraíso e aos kangarus — Fallemos em geographia — Rebate falso — Na praia d'Amberbaki — Um novo genero de imposto — A povoação de Mémiaoua — Casas aerias — Installado em casa dos Papus — Um formoso prisioneiro — Riqueza do solo e pobreza dos habitantes — Os Papus Ouosaonis — Os Karons anthropophagos e erpetophagos — Piratas biaks — Triste regresso a Dorey.

Desde os começos de março que a minha piroga estava prompta. Metidos os mantimentos a bordo parti.

Ia visitar Andaï, onde um missionario hollandez, M. Woelders, me offerecia hospitalidade. E' uma pequena povoação situada a algumas leguas ao sul de Dorey, junto da embocadura d'um pequeno rio d'onde tirou o nome. E', como Aiambori, construida sobre estacaria no meio de culturas um pouco mais cuidadas, e n'um sitio pittoresco refrescado pelo pequeno rio e alguns regatos.

Os habitantes são tambem d'origem arfak e depois das descripções que fiz dos Papus d'Aiambori pouco tenho a dizer d'estes. Ha onze annos já que um missionario calvinista hollandez vive em Andaï com sua esposa; exceptuando o edificio da missão e a casa de M. Woelders por elle construida com o auxilio d'uma familia malaia naufragada, não observei que a prolongada presença do missionario tenha tido por consequencia entre os selvagens que o cercam uma modificação apreciavel, ou que compense o dispendio de forças civilisadas feito n'este lugar.

Visitando Andaï, o meu fim era penetrar no interior dos montes arfaks, mas uma guerra que rebentára entre as tribus costeiras e montanhas fez com que renunciasse ao meu projecto.

No meu regresso a Dorey chamei o maior e o *captain-laut* e a proposito da minha viagem a Amberbaki travei com elles negociações, negociações que duraram quinze dias, mais do que é necessario a um congresso de diplomatas para refazerem o equilibrio europeu.

Tratava-se tambem para mim de modificar, até então muito incompleta, a carta da Nova Guiné; pois que eu tinha tenção de a costear em piroga durante mais de cem kilometros, costa que ainda não fôra reconhecida, senão a grande distancia, do mar alto, desembarcar em Amberbaki e penetrar nas montanhas tanto, quanto me fosse possivel levando os objectos indispensaveis aos meus trabalhos d'istoria natural.

Pelo menos eram-me necessarias duas grandes pirogas podendo supportar o choque de pequenas vagas e vinte remadores Papus. Levava commigo os meus dois caçadores e o nosso pequeno criado Maksout, confiando a M. Maindron, ainda doente, e a Soabar a guarda da nossa casa em Dorey.

Julgo inutil descrever as pirogas ordinarias; apenas fallarei das grandes pirogas de viagem.

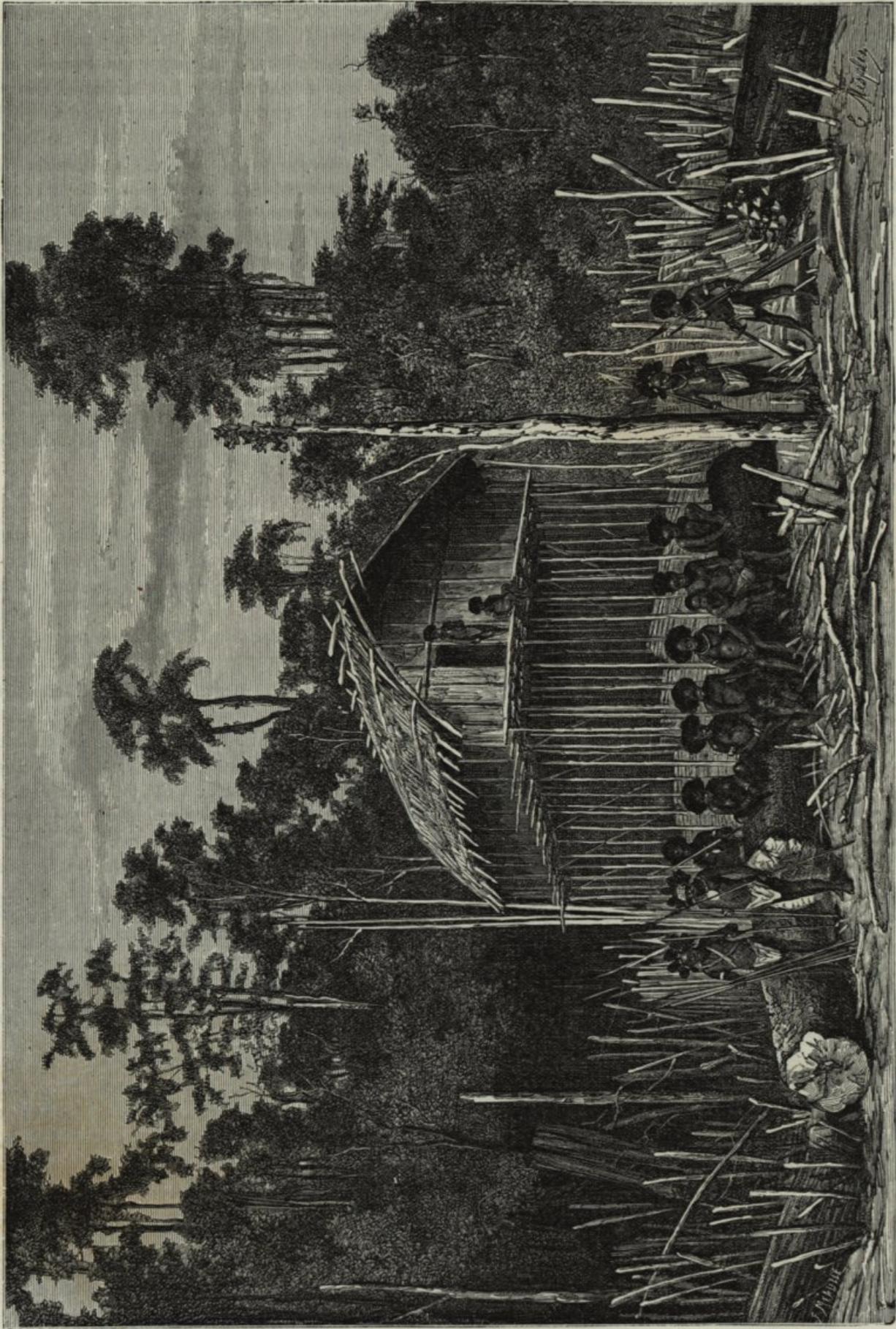
Algumas não têm menos de cinco a seis metros de comprimento por sessenta ou setenta de largo; o casco é feito d'uma só peça e escavado n'um tronco d'arvore perfeitamente são e sem rachadella alguma. Para que o casco seja mais leve só tem dois centimetros d'espessura, o que os obriga a guarnecer a parte interna de cavernas para que as bordas não empenem. As duas extremidades são levantadas em curva e fortalecidas por um esporão de pau: para fazer erguer a piroga á sua linha de fluctuação em lugar de taboas servem-se de nervuras de folhas de sagueiro; nervuras naturalmente envernizadas, muito fortes, mais grossas do que um braço, concavas d'um lado, convexas do outro e que encaixando muito bem umas nas outras e solidamente presas ás cavernas formam uma superficie imbricada e estanque.

Nas bordas collocam transversalmente paus muito leves e que de cada lado, sahem fôra da piroga pelo menos um metro e cincoenta centimetros. Estão solidamente amarrados com cordas de rotim ás bordas da piroga. Na extremidade estes paus têm um outro amarrado formando com elles um angulo recto e a cujas extremidades está fixa uma grande trave tão leve como a cortiça e que serve de fluctuador.

Compreende-se que a piroga assim construida seja quasi insubmergivel. No centro da piroga, assente de cada lado em travessas, ha uma especie de caixa quadrada feita de bambu; desde avante até á ré ha umas pequenas pilastras sustentando um tecto coberto com folhas de coqueiro, precaução muito apreciada n'um paiz em que a chuva e o sol disputam o direito de nos incommodarem.

O esporão da prôa alonga-se erguendo-se e sustenta taboas cortadas em arabescos e ornadas de figuras, de pennas, de conchas e algumas vezes pintadas de branco, de vermelho ou preto, pinturas que vem até ao costado da piroga.

O barco completa-se com um mastro e uma vela que eu já descrevi quando fallei d'um prao de Ternate.



A POVOAÇÃO D'AIAMBOI

Com algumas taboas fiz alguns melhoramentos na caixa de bambu; no meio da piroga installei o meu leito no sentido da diagonal, o que quasi consentia que eu me estendesse. No momento de partir surgiram difficuldades que eu previra; os remadores Papis, pagos adiantadamente, acharam insufficiente o seu salario. Discuti um pouco, mas como eu já conhecia os Papis dei-lhes mais algumas missangas e facas. Só dois homens haviam de ser pagos no regresso. Eram o maior e o capitaint-laut que eu queria tornar responsaveis pelo resto da tripulação.

Partimos no dia 30 d'abril depois do meio-dia, e costeando a costa que se inclina para o norte-noroeste, chegamos no dia 7 à ilha Aori, muito proxima da costa que outra coisa mais não é do que um jazigo de madreporas coberto de vegetação.

Passamos entre a ponta norte da ilha Aori e

um promontorio da Grande-Terra, o cabo Bori; e apenas uma estreita passagem, que unicamente pôde servir a pequenos barcos e tanto mais que a oeste do cabo encontrei uma série de rochedos contra os quaes o mar se quebrava com furor.

Não tendo nada que nos protegesse da vaga e do vento do norte-noroeste tivemos de nos abrigarmos n'uma pequena bahia chamada Sãobeba. O logar era como se devia esperar na Nova-Guiné, algumas rochas madreporicas cobertas de paletuvios e por acaso um pequeno banco d'areia com o qual nos prolongamos.

Enviei immediatamente os meus caçadores para a floresta que me trouxeram a nova de terem encontrado alguns Papis da tribu dos Prafis, inimigos jurados dos Mafors, o que notavelmente inquietou todos os meus companheiros.

(Continua.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 40)

**A** MEDIDA que se avança uma unidade, é obrigatorio repetir todas as outras já ditas, e isto com muita correcção sob pena de fazer muito mal à pessoa que diz a Oração; e em Coimbra ouvimos dizer, que todo o homem chamado Custodio, logo que lhe digam:

Dize-me as santas palavras  
Ditas e repinicasas,

elle é obrigado a repetir a Oração tantas vezes quantas o pedido, sob pena de ir para o inferno. Na linguagem popular ainda se reflecte a crença no poder dos numeros, como na locução: *Trez, é a conta que Deus fez. Sete, o diabo que te espete.* As Orações catholicas, são em grande parte enumerativas, como os Dez mandamentos, os Sete sacramentos, e outras. De todo o nosso exame o que pretendemos concluir é que esta superstição na Europa é uma das mais fortes persistencias de uma civilização inferior sobre que se desenvolveram os Celtas, como comprovaremos ao ensaiar uma nova interpretação das fórmulas marcellicas.

Pelo que hoje se sabe dos cultos magicos da Chaldæa, toda a hierarchia demonologica era

representada por numeros, não só nas imprecções como nas especulações theologicas. Diz Lenormant: «Em virtude d'estas especulações, cada um dos deuses, era designado por um numero inteiro na série de 1 até 60 correspondendo à sua cathegoria na hierarchia celeste; um dos tijolos da bibliotheca de Nineve dá a lista dos deuses principaes, cada um com o seu numero mystico. Parece que a par da escala de numeros inteiros applicados aos deuses, havia uma escala de numeros fraccionarios applicados aos demonios e assim correspondendo à cathegoria reciproca.» Nas fórmulas numericas da tradição popular o valor da imprecção reside na passagem de um inteiro para outro inteiro; e a enumeração em ordem inversa e decrescente liga-se ao sentido da demonologia chaldaica, que os espiritos malignos: «movem-se e obram assim às vessas do curso natural das cousas e do movimento regular dos astros...»<sup>1</sup> Aos sete deuses dos planetas que governam o universo, a theologia chaldaica oppoz-lhe os *sete phantasmas de chamma*, de que os nossos *sete peccados mortaes* são ainda uma allegorisação. Em uma imprec-

<sup>1</sup> *La Magie chez les Chaldéens*, p. 24.

ção chaldaica das publicadas por Norris e Rawlinson, se diz: «Tu que és conhecedor das acções dos Sete, ensina-me os logares em que elles habitam. — Meu filho, os sete habitam a terra; os Sete, saem da terra; os Sete que nascem da terra; os Sete que se metem pela terra, abalam as muralhas do abysmo das aguas.» Aqui temos o *numero* a tornar-se uma entidade maligna por si, tal como veiu a prevalecer quando pela decadencia completa de uma mythologia o nome do deus ficou totalmente esquecido. N'esta imprecação acima citada fragmentariamente, revela-se o poder contra os Sete, o qual reside em uma arvore conifera, cypreste ou cedro; <sup>1</sup> na Oração da Estrella fermosa, apparece tambem esta circumstancia:

e nove varas  
de zimbro me colhereis  
.....  
bem amoladas  
e bem aguçadas etc.

Aqui o *zimbro* parece-nos ter um sentido phallico, como deprehendemos da sua forma verbal usada no Cancioneiro de Resende, onde Gil Moniz escreve: «Meninas, *zimbrar* ou casar.»

O conservado poder magico dos numeros na parlenda de *Tranglomango* é o exemplo da sua decadencia nas rimas e jogos infantis. As terriveis perseguições da Inquisição, de que temos mais de quatorze mil processos no Archivo nacional, não fizeram mais do que produzir um estado de hallucinação no povo; as proprias auctoridades governativas estavam debaixo d'essa exacerbação mental, e ellas mesmas propagavam o delirio demoniaco pela sua intervenção estúpida. Citaremos dois factos importantes, o dos *Semeadores da Peste*, em 1630, e o do *poder das palavras* de um soldado que fazia curas maravilhosas.

No Repertorio do Archivo da Camara Municipal de Lisboa, entre 1630 a 1632, fala-se dos Pôs pestiferos: «O vereador Diogo da Cunha, estivesse em Belem, quando se temiam os pós, que se dizia, traziam os estrangeiros para causarem peste.» E mais: «Ao provedor da saude de Belem, se concedeu usar vara vermelha, emquanto Diogo da Cunha permanecesse em Belem, e *por causa dos pós*, que se dizia traziam pessoas suspeitosas.» Estas credices surgiram pelas noticias aterradoras da peste de Londres de 1631. Sobre este assumpto escreveu Frei Ma-

noel de Lacerda um *Memorial e antidoto contra os Pôs venenosos, que o demonio inventou, e que seus confederados espalham em odio da christandade*. Lisboa, 1639. (Ap. Ribeiro Guimarães, *Summ.*, 111, p. 145.) No processo de Luiz de la Penha (articulados 14, 15 e 16) citam-se como objectos dos seus bruxedos: um saquinho pequeno de linho, *uns pós pardos*, grãositos com *uma cousa branca maior, pequena pedra amarella*, coussa como um feijão, dois pedacinhos de *pedra de ara*, etc. <sup>1</sup>

No processo de Luiz de la Penha, vem a accusação de curar *com palavras desconhecidas*. Este poder magico das palavras foi reconhecido por um Alvará de 15 de Outubro de 1654, no qual o rei D. João IV concede a um soldado a immuniidade *para curar com palavras*, empregando o seu poder em beneficio dos militares. <sup>2</sup> Quando as forças dirigentes de uma nação descem a esta imbecilidade, pôde-se dizer que essa nação subsiste pela força da inercia. A vida social era uma calamidade permanente; o individuo em vez de encontrar nas instituições garantias para a sua inviolabilidade, era a victima impotente de todos os absurdos impostos como systema. Basta lançar um relance sobre os motivos que levavam qualquer pessoa á fogueira.

No processo da Inquisição de Maria Soares, accusada por sua propria filha *aconselhada pelos seus confessores* (provavelmente por que a mãe não aprovava a prostituição com os ditos confessores) em 1623, acham-se dados curiosos para conhecer algumas superstições domesticas que ainda hoje persistem. A pobre mãe era accusada:

«De guardar os *sabbados* de trabalho, vestindo n'elles camisas lavadas e melhores vestidos. (Ainda hoje os trabalhadores largam a obra mais cedo n'este dia, e costumam aciear-se raspando a barba.)

«De não comer carne de porco, lebre, coelho, nem peixe sem escama.

«De jejuar em segundas e quintas feiras, sem comer senão á noite cousas que não eram de carne.

«De jejuar o jejum do dia grande, que vem no mez de setembro.

«De quando morria alguma pessoa em casa

<sup>1</sup> No *Jornal de Coimbra*; apontado por João Pedro Ribeiro.

<sup>2</sup> No processo de uma feiticeira do Piemonte, em 1474; figuram tambem os pós pestiferos. Gubernatis, *Mythologie des Plantes*, t. 1, p. 109.

<sup>1</sup> Lenormant, *La Magie*, p. 27.

ou na visinhança, botava fóra a agua que tinha para beber. (Ainda se usa nos Açores.)

«De zombar dos christãos e do seu modo de viver e do Santissimo sacramento quando passa pela rua.

«De lavar a carne quando vinha do açougue até lhe tirar todo o sangue, tirando-lhe tambem a gordura. (É usual, e sem character supersticioso.)

«De concertar a casa á sexta feira á tarde, alimpando os candieiros e lançando-lhes azeite limpo e com torcidas novas, deixando-as accesas até por si se apagarem.

«De dizer que aquellas candêas eram tochas no céu, e de resar com os olhos n'elle, lavando primeiro as mãos, e de não dizer no fim do Padre-nosso: *Amen. Jesus.*

«De que, quando certa pessoa saia para fóra não consentir que se varresse a casa...»<sup>1</sup>

Terminando a serie das superstições prohibidas pela Ordenação manoelina, falta-nos historiar a adivinhação *Scapulomançia*, a que na legislação penal do seculo xvi se chama «ver em *espada de carneiro*.» Tylor, seguindo as noticias de Klemm, de Burton e Walker, diz que este systema de adivinhação pela *omoplatoscopia* é antiquissimo e ainda está em vigor na Tartaria «d'onde por ventura se diffundi para todas as regiões onde o encontramos.»<sup>2</sup> Segundo este ponto de vista de tão auctorizado ethnologo, pertence esta superstição generalizada na Europa a essa camada de população que precedeu a entrada das tribus áricas, a qual pertencia ás raças amarellas da alta Asia. Pallas conta como entre os tartaros se adivinha pela *espada de carneiro*; põem-na ao lume, e ella estala; se ella estala em linhas rectas longitudinaes é prognostico feliz, se em linhas tortuosas ou transversas é signal de desventura. No poema medieval de *Estache le Moine*, publicado por Francisque Michel, vem os versos que se referem a esta superstição:

Et par l'espaule au monton  
Faisoit pertes rendre à fuison.

O fundador do *Folk Lore*, Wiliams J. Thoms, em um curioso artigo commentando estes versos, appresenta alguns factos de persistencia da superstição conhecida ainda na Escossia pelo nome de *Airich* ou *Slinnairachd*, adivinhação pela

<sup>1</sup> Joaquim Martins de Carvalho, no *O Algarve illustrado*, n.º 17.

<sup>2</sup> *La Civilisation primitive*, t. 1, p. 146.

espada: «Antes de se inspecionar a omoplata, deve ser descarnada com esmero sem fazer uso de nenhum metal, nem faca de madeira, nem dos dentes. A maior parte d'estas adivinhações fazem-se inspecionando as manchas que se observam na parte semitransparente da espada, ainda que os grandes mestres penetrem o futuro estudando as partes opacas. Nada se pode averiguar do que hade succeder alem do anno seguinte. Os prognosticos relacionam-se sempre com as pessoas por quem é e para quem se faz o sacrificio.»<sup>1</sup> Tylor, allude a este mesmo costume supersticioso na Irlanda; na Grecia moderna, o celticista Mac-Pherson e Ampère encontraram tambem este systema de adivinhação.<sup>2</sup> Wiliams Thoms considera a *Spatulomançia* (nome que lhe dá Hartlieb) como formando parte de um systema divinatório dos Druidas, de que a inspecção das aves, que já investigámos nos nossos Cancioneiros, é tambem uma parte integrante.

A *chiromancia* ou leitura das linhas da palma da mão, vulgarissima na Grecia e na Italia antiga, é ainda hoje vigorosa entré os ledores da buena-dicha; o sentido de fatalidade contido na phrase popular da India: *está escripto na palma da mão*, repete-se em uma cantiga da tradição oral portugueza:

O papel com que te escrevo  
Tiro-o da palma da mão;  
A pena sac-me do peito,  
A tinta do coração.

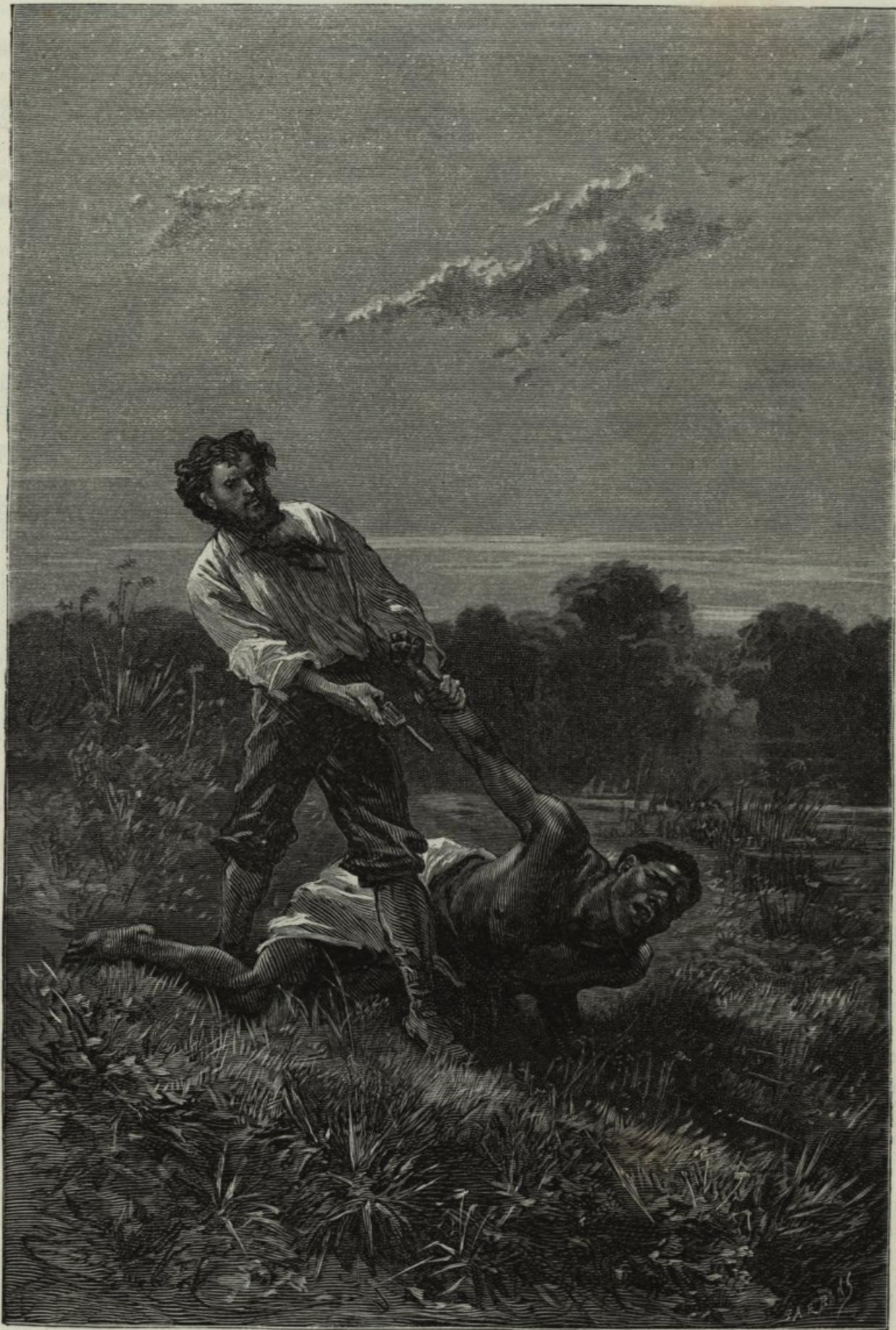
A *cartomançia*, ou adivinhação pelas cartas de jogar tornou-se uma industria sob a alçada da policia. Quando a forza era o elemento de ordem no systema monarchico absoluto, era costume ter em casa um pedaço de corda que tivesse servido á execução da alta justiça. Segundo nos contaram no Porto, ainda na primeira metade d'este seculo era frequente nas casas burguezas o guardarem estes pedaços do *baraço de enforcado*, já desde o seculo xvi prohibida pela Ordenação manoelina; explicavam o uso por um intuito moral, dizendo que era para os paes aterrarem os filhos para que não fossem mal comportados. Ainda é usual a locução: *Falar em corda, em casa de enforcado*.

<sup>1</sup> Traduzido no *Folk-lore andaluz*, p. 267.

<sup>2</sup> Vid. *Grèce, Rome et Dante*.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.



TENTATIVA D'ASSASSINATO — Desenho de E. Bayard, segundo o texto

# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 41)

### CAPITULO VII

ENTRE OS BENGUELLAS

Passagem do Cuanza—Os Quimbandes—O sova Mavanda—Os rios Varea e Onda—Fetus arboreos—Atribuições—Escravos—O rio Cuito—Os Luchazes—Emigração de Quibocos—Cambuta—O Cuando—Leopardos—Os Ambuelas—O sova Moem-Cahenda—Descida do rio Cubanguí—Os Quichobos—Peripecias—Parto para o Cuchibi.

**N**O DIA 14 de junho, como eu tinha decidido, levantei campo, e ás 10 horas comecei a passagem do Cuanza, que durou duas horas.

Prestou-me valiosos serviços o meu barco de caoutchouc da casa Macintosh de Londres; mas ainda assim, o sova de Liuica emprestou-me quatro canôas, que muito me auxiliaram.

Não houve o menor accidente durante a passagem, e ao meio dia seguia a Léste internandome no paiz dos Quimbandes. Tendo passado junto das povoações de Muzeu e Caiáio, fui acampar pelas 2 horas a E. S. E. da povoação de Mavanda, junto da nascente do riacho Mutango, que corre a N. O. para o Cuanza. As povoações ali não são já tão solidamente fortificadas como as de além Cuanza. Os Quimbandes formam uma confederação, sendo o paiz dividido em pequenos estados, que se unem sempre para protecção mutua. Todas as numerosas povoações em torno do meu campo obedecem ao sova Mavanda, que é tributario do sova do Cuio ou Mucuzo, na mesma margem do Cuanza um pouco ao N. A cousa que primeiro me feriu a attenção entre os Quimbandes, foi o penteado das mulheres, que são os mais extraordinarios que tenho visto. Algumas entrançam o cabello de fôrma que, depois de ornado com buzio (caurim), assimelha um chapéo de dama europea.

Outras dão-lhe tal fôrma, que parecem trazer na cabeça um capacete Romano.

O buzio (caurim) é distribuido ou accumulado com profusão nas cabeças feminis, e o coral branco ou encarnado apparece ainda, mas muito mais raramente, do que entre os povos de Oeste-Cuanza.

O cabello n'estes penteados estupendos, é fixo com um cosmetico nauseabundo, massa formada de tacula em pó e oleo de ricino, que lhe dá uma côr avermelhada. O oleo de ricino é preparado em grande quantidade entre estes povos. Depois de extrahirem as sementes do *Ricinus cummunis*, dão-lhe uma ligeira torrefacção e reduzem-nas a pó. Este pó conservado por muitas horas em agua ebulliente, fornece o oleo, que a frio é separado grosseiramente da agua, e guardado em cabaças pequenas.

Estes povos não o empregam como purgante. Notei logo, que o typo feminino entre os Quimbandes se approxima um pouco do typo caucasio, e vi algumas mulheres que se poderiam chamar bonitas se não fossem pretas.

Logo que cheguei, mandei um pequeno presente ao sova Mavanda, que me agradeceu muito, mandando comtudo pedir-me uma camisa.

Igual pedido me tem sido já feito por outros, o que mostra a tendencia que téem para se vestirem.

Os homens Quimbandes cobrem a sua nudez com duas pelles de pequenos antilopes que cahem adiante e atraz de um largo cinto de couro de boi. Só os sovas usam pelles de leopardo. As mulheres andam quasi nuas, e algum farrapo de pano, ou de liconte, substitue a folha de vinha classica.

No dia seguinte logo de manhã, vieram uns portadores do sova dar-me parte, de que a gente que eu esperava chegara de noute á outra margem do Cuanza, onde estavam acampados.

Não dei o menor credito á noticia, porque, já conhecedor das manhas do gentio, sabia que

elles têm costume de indagar o que mais desejamos, para nos virem burlar com uma noticia agradavel e pedir alviçaras. Comtudo, disse ao indigena que me certificou tel-os visto, que fosse a elles, e pedisse ao Doutor Chacaiombe, que me mandasse um signal seu para ficar certo de que vinha a caminho.

Ainda de manhã, o sova Mavanda mandou-me uns enviados dizendo, que sahia n'aquelle dia a combater uma povoação vizinha onde um seu subdito se revoltara contra o seu poder, e ao mesmo tempo pedindo-me que o auxiliasse n'aquelle campanha. Recusei dar-lhe auxilio, mas procurei fazel-o de modo a não me indispor com o sova, o que consegui com boas razões.

Seria meio dia, quando passou junto ao meu campo o exercito de Mavanda.

À frente ia, em pau muito alto, uma bandeira tricolor como a Franceza, mas com as cores invertidas. Depois seguiam-se dois homens levando a pau e corda uma enorme caixa de polvora, provavelmente vazia. Seguia-se o sova rodeado dos seus grandes, e após este estado maior o exercito a um de fundo. Seriam uns 600 homens armados de arcos e frechas, levando ao todo 8 espingardas. Alguns passos á frente da bandeira, dois pretos tocavam os tambores de guerra, fazendo um barulho infernal.

Ao anoutecer voltou o exercito sem ter combatido; porque o inimigo rendeu-se á discricção.

Logo que passaram o meu campo, principiaram a fazer exercicio, simulando um ataque á povoação do regulo.

Estenderam em linha de atiradores, tomando a bandeira o centro da linha, e sempre atraz d'ella a caixa da polvora e o sova.

Esta grande linha singela, porque cada homem estava isolado, começou a envolver a povoação, já avançando, já recuando, sempre em acelerado.

A uma voz do sova, precipitaram-se sobre a povoação, dando saltos enormes, e fazendo toda a especie de momices que usam para aterrar os adversarios, com uma grita infernal.

Quando eu pensava que elles iam direitos a suas casas atacar o jantar, vejo que voltavam á posição que tinham antes do ataque, e que reunidos á voz do chefe, entraram na povoação na mesma ordem de marcha em que tinham saído.

À noute voltou o Quimbande a dizer-me, que esteve com o meu doutor, mas que elle não lhe quizera dar signal algum para mim. Vi que se

verificavam as minhas previsões, e que era tudo falso.

O meu acampamento dava-me serios receios, porque, coberto de erva secca, podia incendiar-se de um momento a outro, e os meus pretos transidos de frio, não calculavam o perigo, e alimentavam dentro das barracas fogueiras enormes.

Desde o rio Cuqueima até Mavanda, e ainda mais além, produz vigorosamente a cana de asucar e o algodoeiro. Os Quimbandes cultivam o algodão, que fiam para fazer linhas onde enfiar o buzio e a missanga.

No dia seguinte, continuaram a asseverar-me que os carregadores estavam na margem do Cuanza, e não podiam passar o rio por não lhes emprestarem as canoas os indigenas d'ali.

Decidi-me a mandar lá o Augusto, acompanhado de um guia Quimbande.

Pelas 11 horas, chegou um enviado do sova, a participar-me que este viria visitar-me.

Pouco depois chegava Mavanda, rodeado da sua cõrte, e se ficou espantado a olhar para mim; eu não fiquei menos a olhar para elle, porque era o maior homem que tenho visto em minha vida. A uma altura enorme reunia uma grossura e gordura verdadeiramente phenomenaes. Cobria a cintura com um pano usado, sobre o qual cahiam tres pelles de leopardo.

Muitos amuletos lhe pendiam de um collar de missangas.

Se Mavanda é grande, possui coisas grandes tambem, porque me trazia de presente o maior boi que vi em Africa.

Depois dos extensos cumprimentos do costume, elle disse-me ex-abrupto, que me vinha pedir um favor, e era o de lhe fazer um curativo ao rebanho de gado bovino, que costumava ir pastar muito longe, pernoitando ás vezes fóra do curral, e sendo, nas florestas em que se acoutava, atacado por feras que lhe causavam grande damno.

Dei-lhe immediatamente o remedio com um conselho, e foi elle, o de ter um pastor; porque, se o gado entregue a si mesmo ia longe, se fosse guiado ás pastagens iria onde o pastor o conduzisse. Elle não achou mau o conselho, e disse-me, que apesar de ser contra os usos do paiz o fazer vigiar o gado, daria um pastor ao seu, para evitar as continuas perdas.

Mostrei-lhe o realejo, as armas, etc., atirei diante d'elle, e vi-o com prazer caminhar de espanto em espanto. Pela tarde retirou-se muito satisfeito, e nos melhores termos de amizade.

Logo que se retirou o sova, chegaram uns enviados do sova Capôco com uma carta para mim. Dava-me noticia do Chacaiombe, e dizia-me, que me mandava os carregadores, pedindo-me para eu consentir que fosse commigo uma comitiva sua, que desejava enviar aos ser-tões do Zambeze a fazer negocio.

Em vista da carta, decidi demorar-me ali uns 6 dias a esperar os carregadores, não contando muito, ainda assim, que elles viessem, e n'esse sentido respondi ao sova Capôco.

Em vista d'aquella deliberação, ordenei a reconstrucção do acampamento para o dia seguinte mandando cobrir todas as barracas de ramos verdes, com receio de um incendio.

No dia seguinte, houve grande actividade na reconstrucção do campo, que estava prompto ao meio dia, apresentando um bonito aspecto.

O campo era formado de barracas cônicas, de troncos de arvore, medindo tres metros de diametro na base, por dois e meio de alto.

A minha barraca, feita pelos Bihenos com mais esmero do que as outras, media cinco metros de diametro na base, por tres e meio de alto.

O acampamento era formado por uma linha circular de barracas, ligadas por uma fileira de abatizes de arvores espinhosas.

A minha barraca occupava o centro, e em frente d'ella as cargas estavam em pilha. A minha gente de serviço estabeleceu o seu campo em torno de mim, ao alcance da voz.

Tinha finalizado o trabalho do campo, quando me vieram avisar de que uns enviados do sova do Gando me procuravam. Mandei-os vir à minha presença, e conheci em um d'elles um dos grandes do sova, que tinha visto junto d'elle no Gando. Trazia-me uma carta, e uma encomenda, que não sei que soveta lhe tinha enviado para mim.

Abri a carta, e vi ser ella do meu amigo Galvão da Catumbella, que me enviava um presente, que tinha dirigido ao Bihé, julgando que eu estivesse ainda ali. A boa harmonia que eu tinha guardado com as povoações por onde passei, fez com que aquella carta e o presente chegassem até mim vindo de mão em mão.

Abri a caixa, e encontrei uma porção de passas de Málaga, que vieram a proposito adocçar um pouco a monotonia da minha já bem pobre alimentação.

Na carta dava-me elle algumas noticias da Europa, as ultimas que tive até chegar a Pre-

toria. Pensei n'isso então; e quão profunda não foi a minha tristeza ao lembrar-me de quanto tempo teria de ficar sem noticias dos meus, noticias que já me faltavam havia tanto!

Deitei-me debaixo de uma triste impressão de saudade. Ao alvorecer, vieram avisar-me de que uma pequena comitiva, capitaneada por um preto, levando cêra, se dirigia ao Bihé. Mandeí chamar o chefe, e pedi-lhe que me levasse uma carta, que entregaria a alguem no Bihé, pedindo-lhe que a fizesse chegar a Benguella. Elle accedeu, dizendo-me logo, que não se podia demorar, porque queria ir dormir junto ao Cuqueima.

Tinha pouco tempo; a quem escrever? Não podia perder este portador do acaso para dizer aos meus: Ainda sou vivo.

Peguei na penna, e escrevi algumas linhas ao Doutor Bocage. Na carta incluí dois pequenos bilhetes, um para minha mulher, outro para Luciano Cordeiro.

O chefe da pequena caravana, já impaciente, recebeu a carta e partiu.

Hoje sei que aquella carta chegou à Europa, e foi recebida pelo seu destinatario. Como ella foi do Bihé a Benguella não sei.

Era essa protecção que tinha levantado em volta de mim Silva Porto, que ainda se fazia sentir.

O sova Mavanda passou o dia commigo, e conversamos muito. Eu dei-lhe alguns pequenos objectos, e entre elles uma caixa de phosphoros, com que ficou maravilhado.

Na occasião de retirar-se, disse elle aos seus macotas estas palavras, que me impressionaram pela figura empregada.

«Não vêdes de longe um passaro que voa muito alto, e vai pousar em arvore distante, e dizeis é uma rola; depois caminhaes e abeiraisvos d'elle, e ficais admirados do tamanho; era uma aguia. Assim foi o Manjoro (nome que me davam); passou ao largo da povoação, e nós dissemos é a rola; agora vivemos com elle e conhecemol-o, e dizemos é a aguia.»

Nos passeios que dei nas cercanias, perseguindo os antilopes, que são escassos, levantei a carta do paiz, ou antes, pude concluir a carta do paiz comprehendido entre o Cuqueima e Cuanza.

O sova Mavanda mandou-me dizer que o maior pedido que me podia dirigir era, o de lhe eu dar um par de calças. Resolvi logo fazer-lhe a vontade, e chamei o velho Antonio.